

LUIZ GONZAGA PINHEIRO

Diário  
de um  
Doutrinador

EDITORA  
CINE



# Diário de um doutrinador mediúnico

Luiz Gonzaga Pinheiro

## Dedicatória

Este trabalho é dedicado aos amigos Mário Rocha e Chico Lopes, de quem aprendi que toda grande realização foi um dia considerada impossível.

## Índice

1. A prece
2. A necessidade do estudo
3. O trabalho noturno
4. Sempre o amor
5. O médium diamante
6. A vida por um passarinho
7. Aconselhamento
8. O médium menos imperfeito
9. O passe
10. A indução
11. Técnica obsessiva
12. O resgate
13. Aprimorar sempre
14. Fluidoterapia
15. O sonho
16. Dolorosa perda
17. A mistificação
18. Clientela sofrida
19. Não vos canseis pelo ouro
20. Uma visita ao solar da morte

21. O suicida
22. O lagarto
23. Feitiçaria
24. A mordida
25. Sexo entre os Espíritos
26. A invigilância
  
27. Reencarnou em Atlântida
28. Um punhal para o doutrinador
29. Técnica de combate
30. Interferência
31. Inimigos do Espiritismo
32. Desagradável companhia
33. Regra doutrinária
34. A terapia da obediência
35. Emergência
36. Questionamentos
37. O princípio inteligente
38. Animismo
39. Reencarnações planejadas pelas trevas
40. Médiuns inconscientes
41. Subjugação
42. A pedra
43. O orgulho
44. O osso
45. Paixões desvirtuadas
46. Agressões
47. Vingança
48. Assistência espiritual
49. Interminavelmente a vida

## 50. Balancete

### Introdução

A mediunidade, bem como a doutrinação, se revestem de aspectos singulares, somente percebidos por aqueles que lhes compartilham do estudo e da vivência cotidiana. Teoria e prática se complementam assim, pelo esforço de observação e pesquisa, apercebendo-se o aprendiz que nuances e sutilezas são tão abundantes nesta área, que impossibilitam ao mais assíduo estudante de tal matéria, a glória de dizer-se conhecedor. A cada reunião mediúnica surgem fatos novos que desafiam os conhecimentos já arquivados. Não que os mesmos sejam inverídicos ou ultrapassados em sua estruturação ou essência. Nosso saber sobre as leis e a ciência do mundo espiritual e do Espírito em si, é que é escasso e mesclado com o academicismo terreno, nem sempre aplicável a leveza dimensional do plano astral, onde a mente atua como fator modelante e modificador, através de forças imponderáveis aos nossos sentidos.

**Diário de um doutrinador mediúnico**, enfoca através de fatos sintéticos e de fácil assimilação, esta realidade intrínseca de uma reunião de desobsessão. São fatos reais, onde a necessidade do conhecimento doutrinário, da aquisição da disciplina moral e mental, se firmam como sentido óbvio, armadura sem a qual, médiuns e doutrinadores são facilmente alvejados pelas mistificações e ciladas das sombras.

Os casos descritos neste volume são comuns e corriqueiros em um grupo mediúnico dedicado ao trabalho desobsessivo, com experiência e dedicação já comprovadas, levando-se em conta a relatividade de seres inferiores que ainda somos. O estudo dos mesmos, se constitui em rica oportunidade de conhecimento sobre aspectos singulares do plano espiritual, notadamente a mediunidade, a obsessão, a desobsessão, bem como as sutilezas que acompanham temas tão fascinantes. Como aquele que estuda é

sempre o que mais dúvidas apresenta, e como a grande maioria dos estudiosos da problemática exposta não entra em contato direto com a prática desobsessiva, elaboramos o presente volume, como a situar o pesquisador teórico na intimidade da prática desobsessiva doutrinária, descortinando-lhe o panorama material, para que ele possa associa-lo a visão intelectual que cultiva.

Como em todo trabalho nosso, neste, primamos pela simplicidade e coerência doutrinária, certos que, toda ascensão humana, obrigatoriamente passa por esses dois degraus da vida.

Qual o caráter geral da prece?

- A prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar nele, se aproximar dele e colocar-se em comunicação com ele. Pela prece pode-se propor três coisas: louvar, pedir e agradecer.

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =  
( pergunta 659 )

## A Prece

Se existe um elixir que possa atuar como atenuante, cicatrizante, balsamizante e revigorante para o Espírito, este é a prece. Atuando qual telefonema para os bons Espíritos, nos põe em contato com as regiões luminescentes, de onde haurimos a potência necessária, ao desbloqueio da estrada onde palmilhamos, procedendo a terraplanagem tão urgente à paz interior. Falo da prece verdadeira, cuja mensagem eivada de puros sentimentos, parte do recolhimento íntimo para a imensidão exterior, repercutindo de imediato nas campanhas dos destinatários. Falo da prece descomprometida com a quantidade de palavras, das posições genuflexas obrigatórias, dos locais sacramentados, do artificialismo dogmático e do ritualismo puramente material. Da prece, cujo recolhimento e sinceridade de propósitos são prioridade no ato de orar. Tal fato não se circunscreve logicamente a condição material do órgão fonador, nem da atuação psíquica em claridades estelares. O homem está orando quando trabalha com honestidade, quando enfatiza a dignidade, quando ensina o bem, exalta o belo, fortalece o frágil quando este é útil. Foi a esta angulação da prece que Paulo de Tarso referiu-se, quando nos aconselhou a orar sem cessar. Sempre há por quem ou por quê orar. Há sempre um pedido, um agradecimento, um louvor à bondade infinita de Deus. Desprezar o valor da prece é desconhecer a grandeza inestimável daquele que ensinou a orar e que constantemente orava, Jesus. Andando pois nas cercanias e rincões deste vasto mundo, no vale das flores ou no vale da sombra e da morte, usemos a prece, na certeza que ela funcionará qual diamantino plug, que manterá acesa a chama viva do ânimo em nós, facultando-nos o combustível da ação. O espírita, conhecedor do mecanismo da prece, não pode nem deve abster-se de tal instrumento, de

vez que dele depende muito da sua força, como elemento propulsor da perseverança e da disciplina.

Uma regra geral nas reuniões de desobsessão é a freqüência com que a prece é usada para muitos Espíritos comunicantes. Ora-se na abertura da reunião e faz-se prece para concluí-la. Se o obsessor ameaça, a prece funciona como calmante. Se o zombeteiro ridiculariza, a oração o torna ridículo. Se o suicida arde em chamas, a prece é brisa suave que neutraliza o calor. Se o revoltado agride, a oração o força a passividade. Costumo incentiva-los ou preveni-los que a prece funciona de acordo com a necessidade, a urgência e o merecimento de cada um.

Em uma dessas reuniões, um Espírito brincalhão apresentou-se através do médium psicofônico, dizendo-se faminto e necessitado de pão. Você não sabe o que é estar há dias sem comer, lamuriava. Você não trabalha? Perguntei já suspeitando de sua comédia.

- Não! Eu não estou procurando trabalho, e sim comida.

- Mas meu irmão, Jesus não aconselhou ganhar o pão com o suor do rosto?

- Mas também Jesus disse para dar pão a quem tivesse fome.

- É verdade! Mas cabe aqui distinguir o pão material do pão espiritual. Não será desse pão espiritual a sua carência maior?

Ficou calado. Procedi a prece a seu favor, solicitando a Jesus suprimento para as suas necessidades. Desligou-se do instrumento mediúnico. Todavia, fui avisado pelo vidente que ele apenas mudara de médium para iludir-me, desta vez representando novo papel. Iniciou então a nova representação fazendo-se passar por uma velhinha alquebrada pelos sofrimentos do mundo.

- Atenda-me por favor! Estou cansada de tanto caminhar.

- Pode repousar em nossa casa. Mas, que busca em tão extenso calvário?

Ficou meio confuso em responder. Emprestei-lhe a honra de fazer uma prece solicitando ao médico divino o alento para as suas dores. Não quis. Reconhecendo-se a descoberto, resolveu inverter a situação, criticando-me a ingenuidade, por ser tão facilmente ludibriado. Adverti-o para o respeito devido a uma casa de oração, justamente naquele momento, quando iríamos iniciar uma prece por ele.

- Outra prece! Não já fez uma! Para que rezar de novo se a sua reza nada vale? Estou morrendo de medo da sua prece! Passei a oração. Pedi aos Espíritos dirigentes da casa, sem tom de revanchismo ou de superioridade, que a oração funcionasse como medicamento adequado aos sintomas daquele irmão. Apliquei-lhe passes. Mentalizei fluidos urticantes provocando em seu perispírito a virulência que lhe despertaria da sua posição de anestesiado na irresponsabilidade.

- Você vai começar a sentir coceiras, disse-lhe. (chamo a esse método de doutrinação por indução hipnótica)

- Não vou sentir nada!

Mas, daí a instantes ele começou a se contorcer incomodado por uma onda de coceira em seu corpo.

- Isso é ilusão! Coisa da minha cabeça!

Começou a coçar-se timidamente, para depois acelerar os gestos, como se estivesse sendo picado por dezenas de abelhas. Para que o médium não se ferisse, os Espíritos imobilizaram o zombeteiro.

- Cara, manda me desamarrar, para que eu possa ao menos me coçar. Meu corpo está fervilhando. Foi uma brincadeira! Se você quiser eu peço desculpas, eu peço perdão, mas manda me soltar, por favor!

A lição havia sido ministrada. Talvez não absorvida para posterior vivência, mas o susto ficara gravado em sua mente avisando-lhe para pensar duas vezes antes de invadir uma casa de oração para testar seus trabalhadores.

Perguntei depois aos dirigentes da casa.

- Não foi uma dura lição?

- Não! Para alguns a prece é calmante. Para outros é excitante. Quem sabe se obtendo a resposta na sua linguagem, ele sai do seu aturdimento, e seja impelido ao respeito senão por si, mas, pelos que oram.

É como você disse a ele. A prece atua em muitos males, materializando-se em medicamentos adequados a cada doente.

Acrescentamos que o estudo de uma doutrina, tal como a Doutrina Espírita, que nos lança de repente em uma ordem de coisas tão novas e tão grandes, não pode ser feito com resultado senão por homens sérios, perseverantes, isentos de prevenções e animados de uma firme e sincera vontade de atingir um resultado. Nós não saberíamos dar essa qualificação àqueles que julgam, a priori, levianamente sem ter visto tudo; que não dão aos seus estudos nem a continuidade nem a regularidade, nem o recolhimento necessário; nós saberíamos menos ainda dá-la a certas pessoas que, para não faltar à sua reputação de pessoa de espírito, se empenham em procurar um lado burlesco nas coisas mais verdadeiras, ou julgadas tais, por pessoas cujo saber, caráter e convicção dão direito ao respeito de quem se vanglorie de educado. Portanto, aqueles que não julgam os fatos dignos deles e da sua atenção, que se abstenham.

= O Livro dos Espíritos - Allan kardec =  
( introdução - tomo VIII )

## A necessidade do estudo

Por todos os grupos de estudo pelo qual passei, jamais deixei de colocar em primeiro plano para as pesquisas então efetuadas, a obra magmática de Kardec. Companheiros vários, se arvoravam em vasta literatura acadêmica, volumosos compêndios, intrincadas teorias, absurdos teoremas, explicações estapafúrdias, nomes pomposos ... . Buscava Kardec, e lá estava a explicação lógica, simples, real, verdadeira. Alguns se surpreendiam. Julguei não existir referências sobre tal assunto na codificação, diziam.

É obrigação de todo pesquisador, palestrante, orador, aprendiz ou simpatizante, priorizar Kardec. É preciso entender que o mestre é Jesus. Mas, Kardec é o professor escolhido como intermediário deste, através dos ensinamentos dos bons Espíritos, o qual coordenou em forma de doutrina. Convivo com espíritas desde bem jovem. Com tristeza, tenho confirmado que boa parcela destes permanece na superfície de sua doutrina. Não busca a profundidade, a verticalidade, acomodando-se a esta ou aquela palestra, sem ater-se aos desdobramentos da mesma. Quando se indaga pormenores acerca do perispírito, por exemplo, citam alguém ou algum estudioso que possa fornecer-los, posto que não conseguem falar por si próprios, demonstrando aridez de conhecimentos e escassez na coordenação de idéias. Aceitam cobras e lagartos como citações de Kardec e diante uns dos outros, como a esconder as ignorâncias que portam acerca da doutrina que deveriam honrar, citam sempre os mesmos restritos pensamentos e chavões, tomando pose de

assumidade. Para o espírita genuíno, ler Kardec não é essencial. Estudar Kardec, isto sim, é primordial. Quanto mais distante o espírita está da codificação, mais próximo encontra-se da ignorância. Quando este comportamento extrapola-se para o campo mediúnico, o desastre é inevitável. O médium passa a ser receptáculo de mistificações. Comunique-se alguém dizendo-se S. João e ele o reverencia tocando o rosto no chão. Por outro lado, após fascinado, confirma-lhe ter sido o comunicante o ferrabrás, no que ele afirma ter sido São Brás. Não são poucos os palestrantes que fazem citações errôneas, atribuindo as deficiências intelectuais que emitem a genialidade de Kardec. Inúmeros são aqueles que, agindo como pseudo-sábios abandonam o manancial kardecista, por julga-lo absorvido ou obsoleto, dedicando-se a infrutíferas pesquisas, algo assim como a possibilidade de um naufrágio no deserto do Saara, ou a importância do desodorante nas axilas do gambá. Quando ouvi pela primeira vez um palestrante citar Kardec como superado, coloquei seu nome, sem nenhum medo de errar na minha interpretação, no caderno de obsidiados que mantemos sobre a mesa mediúnica do aconchegante Centro Espírita Grão de Mostarda. Uma semana após, me disseram os Espíritos: Você em parte tem razão. Ele se deixa obsidiar pelo fascínio a teorias novas, mas que não possuem o respaldo da ciência, nem a consistência moral necessária para ser incorporada à doutrina. Seu obsessor no momento é o orgulho de julgar saber muito, sem o cuidado de assentar o seu saber em bases sólidas.

Poder-se-ia perguntar aos sem tempo para os estudos, quantos minutos gastam diariamente em conversações improfícuas, programações estéreis, trabalhos desnecessários. E mais. Se a vida tem dupla face, por que cuidar somente da face material? Não é a outra mais real e permanente? Compenetremo-nos dos nossos deveres, pois se as trevas adoram espíritas acomodados, a luz acredita nos espíritas esforçados.

ânimo companheiros! troquemos as plumas e paetês pelo arado. Afinal de contas, um livro pesa muito pouco e não provocará distensão no bíceps, nem torcicolo por causa da virada de página. Candidatemo-nos ao troféu esforço e aposentemos o velho hábito de preguiças grávidas.

Encontrava-me em um grupo de estudos, cujo assunto pesquisado era o cérebro, quando um dos companheiros fez a seguinte indagação: Será que os Espíritos inferiores podem ler o nosso pensamento?

Primeiro ouvimos a opinião do psiquiatra presente. Dividiu o cérebro em três zonas, falou do id, emoções humores ... mas terminou sem confirmar ou negar coisa alguma. Deixou-nos embrulhados com o seu, nem sim nem

não, muito pelo contrário. Um outro citou André Luiz, (No mundo maior) dividindo igualmente o cérebro em três andares. Superconsciente, consciente e inconsciente, e depois de longa exposição não nos forneceu resposta adequada. Instado a responder, propus averiguarmos “O Livro dos Médiuns”. Lembrava-me de ter lido algo a respeito, o que viemos a descobrir encontrar-se no capítulo XXVI (perguntas que se podem fazer). Lá a palavra fácil, sóbria e sem aparatos de Kardec elucidava: “Verificamos que muito freqüentemente o Espírito responde por antecipação a certas perguntas, o que prova que já as conhecia.” Quando terminei a leitura, a grita foi geral. Os bons Espíritos podem ler, mas nós estamos querendo saber, é se os Espíritos inferiores podem ler os nossos pensamentos, entoou o coro na sala. Esperem um pouco, apressei-me, ainda não li a nota de rodapé escrita por Herculano Pires. “Pode-se argumentar que o Espírito antecipa as respostas porque tem a faculdade de ler o pensamento do interrogante, no próprio momento da sessão. Mas não se deve esquecer que Kardec se apoiava numa larga e intensa experiência, durante a qual observara e ouvira mesmo dos Espíritos que eles haviam assistido à elaboração das perguntas. Por outro lado, nem todos os Espíritos estão em condições de ler o pensamento dos interrogantes.”

Esse Kardec vale por uma enciclopédia, comentou alguém que já não lembro quem seja. Pena que seja tão pouco estudado, arrematei.

Não se deve entender pelo trabalho senão as ocupações materiais?

Não. O Espírito trabalha como o corpo.  
Toda ocupação útil é um trabalho.

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =

(pergunta 675)

## O trabalho noturno

Como grupo empenhado em trabalho desobsessivo, somos conscientes que esse trabalho continua durante o sono físico. São resgates, doutrinações, treinamentos, cursos, passes em enfermos ...

Mas, houve uma semana em que alguns de nós estivemos ausentes dessa salutar atividade noturna. Presto, os Espíritos nos pediram persistência e bom ânimo, para que o trabalho do Cristo não viesse a sofrer interrupções. Como doutrinador, perguntei aos companheiros a razão da ausência de alguns no costumeiro trabalho durante o repouso do corpo. Não souberam responder, visto manterem-se firmes no propósito de acertar, frente aos compromissos assumidos. Resolvi então dialogar com o dirigente espiritual, que elucidou: “Alguns médiuns estão acompanhando a série que a televisão está mostrando (Holocausto) e como a mesma apresenta cenas muito fortes e violentas, eles vão dormir com tais cenas registradas na mente, dificultando o trabalho.”

- Mas isso é suficiente para a baixa no trabalho? Insisti.

- Vão dormir tarde. Impressionam-se com os episódios e dificultam o desdobração na hora aprazada. Outros, curiosos quanto ao desfecho dos acontecimentos, ficam a discutir ou saem em busca dos locais das ocorrências,

pensando identificar-se com algum personagem. Ocorre ainda, que lembranças podem ainda aflorar do inconsciente de alguns, mediante o filme, que funciona como indutor, na evocação de vidas passadas. Falo em tese. Contudo, a violência do filme desencadeia certo desalinho emocional nos médiuns que ainda não conseguem ir para o leito, desligados do que assistiram. Vocês já sabem como proceder. Ir para o leito, orar, mentalizar todo o grupo unido, colocando-se à disposição para o trabalho de Jesus. Chamo ainda a atenção dos irmãos para as leituras indevidas, conversações fúteis e inoportunas e o excesso de alimentação carnívora, fator que dificulta o desdobramento. Todo esse conjunto de ocorrências pode estar dificultando a saída do trabalhador, ou o encontro com ele, quando da chegada da equipe espiritual que vem recolhe-lo. Coragem irmãos! Lembremo-nos do sábio conselho de Paulo quando afirma: tudo nos é lícito, mas nem tudo nos convém.

Estreitamos mais a conversação com alguns médiuns nos dias seguintes, e notamos que um deles passou a interessar-se pela história dos judeus nos tumultuados dias da Alemanha nazista, deixando de lado os estudos espíritas, embora que momentaneamente. Outro nos disse: durante o sono eu continuo a sonhar com as cenas do filme. Um terceiro me confidenciou: estou abusando da carne. É que recebi o décimo terceiro ...

- Como!? Você não sabe que evitamos o excesso desse alimento pelos fluidos pesados de que ele é portador?

- Mas eu acho que não fiz tanto mal assim!

- Por quê? Indaguei.

- Foi uma carnezinha de segunda, mais pele que carne, que tem fluidos muito mais fracos que a de primeira. Demos boas risadas, mas conscientes de que o errado não deveria repetir-se. Ao final, disse-lhe: amigo, de hoje em diante você vai me prometer não olhar nem para uma vaca no dia da reunião.

- Nem para os cascos, que não se come?

- Nem para os chifres, para não evocar lembranças de reencarnações passadas. ... É! compromisso assumido deve ser compromisso cumprido!

Este deve ser o pensamento do trabalhador, cujo o esforço o credencia a perseverar até o fim, no que será salvo, segundo afirmativa de Jesus.

... Há duas espécies de afeições: a do corpo e a da alma e, freqüentemente se toma uma pela outra. A afeição da alma, quando é pura e simpática, é durável; a do corpo é perecível. Eis porque freqüentemente, aqueles que crêem se amar, com um amor eterno, se odeiam quando a ilusão termina.

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =

(final da resposta 939)

## Sempre o amor

A palavra amor nos dias de hoje, possui uma vasta aplicação teórica, que a vulgariza e a torna desgastada, de difícil caracterização frente a sinceridade de quem a usa. Amar significa doar-se. Doar do que tem e sobretudo de si mesmo. Aprendeu a amar aquele que frequentou e foi aprovado na escola da renúncia, da paciência e do perdão. Hoje, os que dizem amar, pretendem possuir, impor diretrizes, cercear ideais. Temos o que retemos e retemos aquilo a que franqueamos liberdade. Amar ao próximo constitui tal raridade nos dias de atuais, que quando surge alguém mais fraterno, logo é rotulado de puxa-saco, ou colocado entre aqueles que buscam vantagens pessoais pela bajulação. Dias há, onde encontramos dificuldade em amar até aos amigos, imaginem, os inimigos, como aconselha o evangelho. O amor doação é conquista rara de raros Espíritos, que renunciam a si próprios e seguem limpando chagas e enxugando lágrimas pelo vale dos aflitos. Quem

diz amar e ausenta-se da disciplina, não ama. Quem se diz amoroso e não se faz de enfermeiro, não ama. Ama, aquele que reconhecendo-se frágil, se faz forte para amparar a enfermidade. É comum ouvir-se jovens em confidências, dizerem: eu te amo. No entanto, não resistem ao teste da convivência um mês.

O exemplo maior dessa virtude é Jesus. Se Kardec foi o bom senso encarnado, Jesus foi o amor encarnado, clarificando com a sua luz gloriosa nossas trevas espirituais. “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei.” Eis a receita para a felicidade neste mundo. Quase dois mil anos passados e o homem ainda não conseguiu adaptar-se a este mandamento, preferindo o armai-vos uns aos outros. Quando nos amaremos? Talvez a dor seja a única mestra a saber de tais perspectivas.

Em um desdobramento para resgate, ocorrido em reunião de desobsessão, a médium se deslocou com a ajuda de dois irmãos desencarnados a uma região pantanosa e escura. Eis o seu relato: ... A região é muito escura, e os Espíritos colocaram uma tocha em uma árvore ressequida. Nessa árvore não há nenhuma folha. Um dos irmãos me dá uma espécie de cajado, e me manda entrar na lama com ele. Explica que esse resgate depende muito de mim, mais do que dele próprio. Começo a movimentar o cajado na lama, como a procurar algo que eu nem sei o que é. ... O cajado está preso, como se alguém o segurasse. Ele me diz: puxe!

Meu Deus! É um Espírito! Ele estava sob a lama. Seu aspecto é horrível! Sinto como se algo me prendesse a esse irmão. Nós o levamos para a margem. Os irmãos vão encosta-lo em mim. É como se eu tivesse que doar oxigênio para uma pessoa que precisa desesperadamente respirar.

Terminado o atendimento a médium perguntou por que dependia tanto dela aquele resgate. Foi esclarecido que em vidas passadas, ela usara aquele Espírito a seu serviço, ocasião em que o levou a cometer vários deslizes, enlameando-se nos vícios. Ela, através de reencarnações dolorosas e conscientização centralizada no esforço de subida, conseguiu sair daquele lamaçal. Ele continuava caído e sem forças. O sucesso do resgate dependia dela, do seu grão de amor já conquistado. Se esse grão não tivesse embotado, o bastão encontraria o seu antigo servo, que seria atraído pelas vibrações que dela emanariam, efetuando-se o resgate.

Não quis entrar em detalhes. A médium estava chorando. A emoção costuma fazer ponto final, quando nenhuma palavra consegue expressara a realidade, muitas vezes indecifrável, de um coração que ama.

Outro meio que pode também contribuir poderosamente para o desenvolvimento da faculdade consiste em reunir um certo número de pessoas, todas animadas do mesmo desejo e da mesma intenção. Todas guardando absoluto silêncio, num recolhimento religioso, simultaneamente experimentam escrever, apelando cada qual ao seu anjo guardião ou a algum Espírito simpático. Uma delas pode também fazer, sem designação especial e por todos os membros da reunião, um apelo geral aos Espíritos bons, dizendo, por exemplo: Em nome de Deus todo poderoso rogamos aos bons Espíritos que se dignem comunicar-se pelas pessoas aqui presentes. É raro que entre elas não haja algumas que dêem prontamente sinais de mediunidade

ou mesmo escrevam de maneira fluente em pouco tempo.

= O Livro dos Médiuns - Allan kardec =  
(cap. XVII - tomo 207)

## O médium diamante

Iniciado o treinamento de uma nova equipe de médiuns recém-ingressos na educação mediúnica, notei no primeiro dia da reunião, inúmeras arestas a serem modeladas nos dias subsequentes. Passado um mês de treinamento, averigui que um dos médiuns o abandonou, talvez por causa da rígida disciplina que procuramos cultivar, procurando um outro centro, retornando ao nosso convívio posteriormente. Um segundo, acostumara-se a orar baixinho, quebrando o silêncio do ambiente com leves assobios. Um terceiro, alternava-se em presenças e faltas e um quarto, geralmente dormia com muita facilidade, após a penumbra invadir a sala.

Iniciei a quinta reunião do grupo, falando sobre os diversos tipos de mediunidade. Após exposição séria e compenetrada de trinta minutos, comentei: existem outros tipos de médiuns, ainda não catalogados nos estudos doutrinários. O médium macaco: É o irmão que não se contenta com as normas disciplinares de determinado centro, e fica sempre a procura de um outro. Como o problema não é do centro, e sim dele, não consegue adaptar-se a lugar nenhum, ficando a pular de galho em galho, até que um deles não lhe suportando o peso, o faça aterrissar, acordando-o. O médium passarinho: É aquele que ainda não aprendeu a orar mentalmente, sentindo a necessidade de pronunciar as palavras da oração, emitindo sons e silvos, que embora baixinhos, prejudicam a concentração dos demais companheiros. O médium bate-fofo: É aquele com quem não se pode contar seguramente com a sua presença. Ele arranja sempre um pretexto para ausentar-se da reunião, dificultando o seu próprio aprendizado. O médium sonolento: Eu disse sonolento e não, sonambúlico. este, aproveitando a música e a penumbra, gosta de tirar uma soneca, dizendo-se desdobrado.

Ia continuar, quando um dos companheiros me fez a seguinte indagação: e o doutrinador? Não pode ter nenhuma mediunidade?

- Não é aconselhável. Somente a intuição, respondi.

- Mas acabo de detectar um tipo de mediunidade no senhor.

- Em mim? Qual? Perguntei surpreso.

- O senhor é médium tesoura, pois não nos tem poupado nas falhas que apresentamos.

- Peço desculpas pelas tesouradas e agradeço a crítica benéfica que me fez, possibilitando-me identificar a sua mediunidade.

- Minha? Mas não sou médium! sou apenas passista.

- Engana-se amigo! És médium, e tua mediunidade possui inestimável valor. És médium diamante.

- Diamante?!

- Sim! A única coisa que pode cortar uma tesoura.

Foi um momento de descontração, que as vezes é necessário para quebrar o gelo.



O Espírito que anima o corpo de uma criança é tão desenvolvido quanto o de um adulto?

Pode ser mais, se mais progrediu; não são senão os órgãos imperfeitos que o impedem de se manifestar. Ele age de acordo com o instrumento, com a ajuda do qual pode se manifestar

= O Livro dos Espíritos - Allan kardec =  
(pergunta 379)

## A vida por um passarinho

Ninguém tem mais amor do que aquele que dá a vida pelo seu irmão. Essa foi a lição que Lucinha, Espírito desencarnado que nos auxilia nas reuniões de desobsessão, veio a nos ensinar, quando a atendemos em movimentada noite de socorro aos necessitados. A princípio, foi uma comunicação como outra qualquer. Uma criança de oito anos, que levava um tiro, desencarnando pela violência do petardo. Mas, a proporção que ela contava a sua história, eu me emocionava num crescente, a tal ponto de quase

ver, ou melhor, ver pelos olhos da mente, a cena que lhe transportou para o mundo dos espíritos, onde habituou-se logo nos primeiros dias. Disse-me ela: “tio! Eu amo as árvores, as flores, o céu, eu amo as pessoas e os bichos. Amo porque sei que tudo foi feito por Deus, e como aprendi que Deus é amor, vejo deus em todas as coisas. Sabe tio! Aquele homem ia matar o passarinho, mas ele não podia fazer aquilo. Um passarinho embeleza o mundo. O passarinho ama as plantas e canta tão lindo!. Eu não podia deixar aquele homem matar o passarinho. Ele podia ter filhotinhos que estavam esperando por ele. Então eu corri, e o tiro pegou aqui no meu peito, e ficou queimando. Então aquele médico me trouxe para falar com o senhor.”

Hoje Lucinha trabalha conosco. Ensina a outras crianças que recolhemos, que o amor é a única força capaz de reverter a dor em calma, a angústia em esperança, o desespero em paz. Quando os enfermos se apresentam para atendimento, eis que Lucinha entrega uma rosa para cada um. Lê páginas de reconfortantes mensagens, lembra Jesus, o médico divino, que prescreve o amor como infalível remédio para os males da alma. Quando o vingador, o obsessivo, se apresentam rancorosos, Lucinha é avistada orando por eles, ofertando-lhe flores, lembrando esta ou aquela virtude que possuem, soterrada pelo entulho da rebeldia. Quando algum médium está desmotivado, depressivo,, o recado é instantâneo, parecendo até que ela nos segue sempre vigilante, para que a tristeza e o desânimo não nos arme tocaias, desgastando-nos as energias. Invariavelmente o seu recado é sobre o amor. Quem ama não tem tempo para ser infeliz, diz sempre. Às vezes, Espíritos maldosos agridem-na verbalmente, como retribuição a seus recados amorosos. esses são os que mais precisam de amor, é a conclusão que ela tira do desamor.

E quando fora do centro, palmilhando o cotidiano, avisto agressões generalizadas entre irmãos, agressões a natureza, à vida, lembro da menina que deu a vida por um passarinho, e que me diz sempre: O amor não tem outras razões. Só o que ele quer e faz é amar.

Os Espíritos influem sobre os nossos pensamentos e nossas ações?

A esse respeito sua influência é maior do que credes porque freqüentemente são eles que vos dirigem.

= O Livro dos Espíritos - Allan kardec =  
(pergunta 459)

## Aconselhamento

Quando ingressei no Espiritismo, ainda jovem, jamais imaginei que um dia viesse a ser doutrinador, a que chamo de esclarecedor. sempre participei de grupos mediúnicos, como elemento de vibração, perseverando nos estudos filosóficos e científicos da doutrina. Um dia, o doutrinador do grupo em que

eu participava foi transferido para outro Estado, e o dirigente espiritual manifestando disse-me: De hoje em diante você será o doutrinador! Você foi preparado para isso.

- Eu? Quando? Perguntei.

- Aqui no plano espiritual. Você está pronto. Ponha a mão no arado e não olhe mais para trás.

- Pois bem! Se estou pronto, alguma recomendação especial?

- sim! Nesta casa as normas são ditadas por Jesus e por Kardec. A codificação e o evangelho devem ser a base de sua doutrinação

- Mas alguma coisa? Insisti.

- O lema do departamento mediúnico que você dirige a partir de agora é “caridade e disciplina”. Tome cuidado para que a disciplina não atropela a caridade, e que a caridade não descaracterize, amoleça a disciplina. Isso é o bastante.

A partir desse dia, tenho tentado ser digno da confiança que os Espíritos depositaram em minhas mãos, no que sou amparado, inspirado, e muitas vezes, medicado por eles. Passei a estudar mais especificamente a doutrinação. Descobri de imediato, que era o alvo favorito de muitos Espíritos ignorantes, que viviam em demoradas guerrilhas com os trabalhadores do bem, pois pensam ingenuamente, que atingido o doutrinador, o grupo estará desfeito e o trabalho interrompido. Habituei-me as ameaças contra a minha pessoa e contra a minha família. Como teme-las se tudo que nos acontece vem por nossas falhas e por anotações prévias em nossa ficha cármica? Minha ficha de doutrinador, dizem tais irmãos, está em muitas organizações trevosas, que qualquer dia desses, me farão tombar em suas armadilhas. Chamam-me de beato, petulante, imbecil, frangote ...e nem sei quantos elogios mais. Enfurecem-se quando lhes digo: O mal só nos faz mal, se sintonizarmos com ele. Já fui jurado de morte dezenas de vezes. Contudo, sei que é apenas o fruto do desespero que os fazem agir assim.

Pois bem! Certa feita, uma colega de trabalho, acercou-se a mim, dizendo-se muito interessada em conhecer aspectos da doutrina dos espíritos. Passei a explicar alguns pormenores, mas sempre surgiam mais e mais dúvidas, no que eu me desdobrava em esquemas e conceitos. Passado um mês, onde os sutis sinais da intuição piscavam intensamente, passei a sentir certa piedade dela, pois tentava me envolver com um laço, que me lembrava a todo instante, que era preciso desfaze-lo. Fiquei temeroso de ser indelicado e perder a amiga, que estava sendo teleguiada para fazer-me tropeçar. Ao mesmo tempo, sentia-me envaidecido por ser alvo das “delicadezas” daquela

mulher, e estava indeciso sobre continuar ou cessar com as elucidações que já se desviavam para o campo das emoções e do individualismo.

Ao deitar-me, pedi aos irmãos uma conversa particular para solucionar o problema. Sabia como, mas achava-me sem forças. Não sei o que conversei. Sei apenas, que acordei as duas horas da manhã, com a nítida ordem na mente. Escreva! E escrevi.

Leia todos os dias durante toda esta semana.

1. SUBSTITUA: Você tem o seu estudo
2. DESVIE: Você tem dois filhos
3. CUIDE-SE: Você dirige um departamento mediúnico
4. CONFIE: você tem inúmeros amigos
5. ESQUEÇA: você deve concentrar-se em seu trabalho
6. DISCIPLINE-SE: você é o espelho de muitos
7. RENUNCIE: você sabe que a coroa da vida exige esse ornamento
8. AME: você precisa compreender que muitos esperam pelo seu amor
9. AGUARDE: você precisa ter paciência e esperar os frutos do seu esforço
10. ORE: você já entendeu que não existe problema que resista a terapia do trabalho e da oração.

No outro dia, amanheci com rubéola. Passei uma semana com febres e alimentando-me mal. Emagreci. Quando a avistei, ela achou-me feio, barbado, magricela, e perdeu a curiosidade pelo Espiritismo.

Hoje somos bons amigos. Continuo espírita e ela permaneceu com todos os dogmas a que tem direito, católica.

Qual seria o médium que poderíamos considerar perfeito?

Perfeito? É pena, mas bem sabes que não há perfeição sobre a terra. Se não fosse assim, não estarias nela. Digamos antes bom médium, e já é muito, pois são raros. O médium perfeito seria aquele que os maus Espíritos jamais ousassem fazer uma tentativa de enganar. O melhor é o que, simpatizando somente com os bons Espíritos, tem sido enganado menos vezes.

= O Livro dos Médiuns - Allan kardec =  
(cap. XX - tomo 226)

O médium menos imperfeito

Para mim, ela era um médium perfeito. Muitos anos de prática e estudos mediúnicos, aliados a uma sólida moral evangélica, me faziam assim acreditar. Ao dar passividade, fosse o Espírito comunicante um enfermo, um suicida, um obsessor, um pseudo sábio ... a educação mediúnica ali se expressava, em forma de controle da mensagem e da ação de quem usava as suas cordas vocais. Nada de gritos, de fungados, de gestos agressivos, de pancadas sobre a mesa. Minha atitude para com ela era de inteira confiança, no que afrouxava um pouco a vigilância, no tocante ao uso da crítica sincera e no emprego do bom senso em suas comunicações.

Um dia, comunicou-se através dela um companheiro com todas as características de real necessitado.

- Ajude-me por favor! Façam-me uma caridade!

Acorri com passes e palavras de esperança para o irmão, que apesar da ajuda emergencial, continuou seus lamentos de doente grave. Fiz uma prece a Jesus, solicitando na medida da urgência, da necessidade e do merecimento, alívio para aquele sofredor. Voltei a dialogar com ele, lembrando-lhe preceitos evangélicos, que lhe incutissem um pouco de esperança e otimismo.

Caiu na gargalhada.

- Eu não disse que um dia te enganava? Peguei dois bobos de uma só vez. E continuou a zombar. Onde a médium perfeita? vocês são todos uns patetas! Estou gozando de muita saúde!

- Você tem razão quando nos lembra a nossa imperfeição. Contudo, somos imperfeitos a procura da perfeição. E pobre de ti, que és imperfeito e se compraz na imperfeição. Não nos enganaste por completo. Enganaste mais a ti mesmo, pois que te julgas saudável, quando estás doente carregando dores atrozes.

- Doente? Eu? Estou é vendendo saúde.

- É o que pensas! Vejo que teu coração se acelera, começa a suar frio. Breve sentirás forte aperto nas têmporas. A dor é inevitável nesses casos. (através de sugestão e de um pedido mental, solicitei aos dirigentes, que por meio de técnicas hipnóticas e de magnetismo, o levasse a sentir-se realmente doente)

Começou ele a sentir tremenda pressão na cabeça. Seu bruxo! disse-me, já demonstrando os sintomas da doença que lhe fizera crer portador.

- Aí está o resultado de tua gracinha meu amigo. Enganaste a ti próprio, pensando-te saudável. A verdade é que somos todos doentes, precisando do médico divino que é Jesus.

terminada a reunião, conversei com a médium. O comunicante apresentara-se com o perispírito chagado e a aparência debilitada, o que lhe

imprimira o aspecto doentio, encenação armada com a sua mente. Para melhor enganar a médium ele atraía a si fluidos característicos de doentes, utilizados que foram a posteriori pelos dirigentes da casa para mostra-lo enfermiço.

Em resumo: ele era doente como a maioria de nós, mas, não daquela doença que aparentava possuir.

Ele foi um bom ator, e eu, uma médium que ainda não aprendeu o necessário, concluiu a trabalhadora.

Durante o sono físico, reunimo-nos em grupo para estudar o caso. (alguns de nós lembramo-nos do sonho no dia seguinte). Novamente o Espírito mistificador foi trazido, e sentindo ainda as dores que julgava ter, caiu por terra em convulsões.

Disse-lhe então o dirigente dos trabalhos: lá você mistificou! Aqui o caso é diferente. Aqui só a verdade prevalece, firma-se e é eterna.

Passei então ao costumeiro uso de observar atentamente as comunicações, como aconselhou o mestre Kardec.

Analisar criteriosamente, independente do médium ou do comunicante, pois perfeição é algo que os séculos estão preparando na fornalha do tempo, para a terra do futuro.

A quantidade de fluido vital se esgota; pode vir a ser insuficiente para manter a vida se não se renova pela absorção e assimilação de substâncias que o contêm. O fluido vital se transmite de um indivíduo para outro. Aquele que tem o bastante, pode dá-lo aquele que tem pouco e, em certos casos, restabelecer a vida prestes a se apagar.

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =  
(complemento da pergunta 70)

## O passe

É imensa a quantidade de pessoas que adentram a casa espírita em busca do passe. São necessitados do corpo e do espírito, que através dessa terapia, recuperam-se, quando paralelamente ao tratamento empreendem o esforço benéfico a favor de si próprios, compreendendo que as doenças do corpo reclamam como agentes causadores, os males do Espírito, patologia de urgente medicação. Há porém aqueles que julgam que os Espíritos e os espíritas, devam atuar como serviçais a seus favores, ministrando-lhes passes a mão cheias, enquanto se deleitam nos prazeres e pseudo necessidades para seus corpos. Estão em constantes recaídas, sempre cansados, doentes, e se não há dores ostensivas, as inventam, como justificativa de suas permanências nas hostes dos que querem manter cadeiras cativas na sal de passes. As vezes são irmãos que procedem de outras religiões, ainda eivados de seus preceitos, que procuram amoldar ao corpo doutrinário que ora buscam entender.

Com freqüência os observo. Aqui, um nem sequer sabe o que é o passe. Qual a sua finalidade, como se processa, como deve postar-se para recebê-lo. Ali, outro desacredita no passe coletivo, preferindo crer que a necessidade de um passista a sua guarda é uma espécie de intuição, que o seu problema requer especificidade magnética compatível com o seu drama. Alhures, terceiros julgam ainda, que existem passistas cujos passes são mais fortes, mais energéticos, abrindo concorrências nas searas espíritas, qual mercadejadores dos bens divinos. Apesar do lembrete para manterem-se receptivos durante a aplicação da terapia, receptividade que depende da oração e da ação anterior ao fato, há os que se sentam nos primeiros lugares quando chegaram por último, desrespeitando a ordem de atendimento; os que esperam a sua vez reclamando da morosidade dos trabalhos; os que ficam a lembrar essa ou aquela falta do orador da noite, e por incrível que pareça, aqueles que chegam de taxi, o deixam esperando, e sobem para receberem apressadamente o seu “passe”. Em tão variada clientela não poderiam estar ausentes os que buscam esse tratamento porque estão desempregados, para livrarem-se de ciúmes, afastarem urucubacas e outras milongas mais. Já tenho assistido a companheiros cheirando a cerveja e porque não dizer, a outros que procuram o passe por estarem “carregados”, como se o passista fosse o seu carreteiro e o centro espírita o seu armazém. Apesar de farta campanha de esclarecimento verbal sobre o passe, levada a efeito pelo nosso grupo espírita,

já ministrei o passe em um irmão cujo único problema sério que portava era a falta de dinheiro.

Disse-lhe: é o meu também. Isso o passe não resolve. Mas vamos orar para que Jesus possa lhe dar forças para continuar buscando um emprego.

Somos em grande maioria raquíticos na fé, anêmicos na oração e na vigilância. Buscai em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça e tudo o mais vos será dado como acréscimo. Eis um conselho pouco seguido e raramente lembrado no reino da acomodação. Os súditos desse reinado, apenas balbuciam no capítulo da oração, o Pai Nosso, detendo-se demoradamente no “venha a nós”.

E foi para minorar tais ocorrências, que junto aos amigos espirituais, elaborei e transcrevi em cartaz a ser lido no período que antecede a prática do passe, noções preliminares de comportamento, frente ao evento que se sucederia.

#### Observações sobre o passe

1. O passe é uma doação de energia, fluidos balsamizantes e curativos que produz efeitos benéficos em quem o recebe.
2. Mas para usufruir de seus benefícios, é necessário que se esteja receptivo, em oração sincera. Caso contrário, haverá uma dispersão de fluidos, com conseqüente diminuição ou ausência de tais benefícios. Enquanto aguarda o passe, mantenha-se em silêncio e oração.
3. Ao sentar-se na cadeira esteja confiante. Eleve seus pensamentos a Jesus, e em prece silenciosa busque o auxílio que deseja.
4. O passista não irá tocá-lo, a não ser que você demonstre sinais de incorporação. Mantenha-se calmo e evite respirações profundas, tremores exagerados, fungados ou outros procedimentos inadequados. Se você está com problemas obsessivos (perseguição por Espíritos) ou com mediunidade deseducada (transmitindo comunicações sem controle) fale antes com o passista, pois o seu passe será específico, no final da reunião.
5. Não tenha preferência ou faça distinção entre os passistas. Todos estão habilitados a lhe atender com segurança, e conforme o seu merecimento e a sua fé, o alívio não lhe faltará. Lembre-se de que Deus ama a todos os seus filhos indistintamente, mas prescreve que a cada um seja dado conforme as suas obras.

Estas observações foram expostas em cartaz na parede do centro e muito tem auxiliado na prática de tão importante terapia.

Temos pensamentos que nos são próprios e outros que nos são sugeridos?

Vossa alma é um Espírito que pensa. Ignorais que vários pensamentos vos alcançam, ao mesmo tempo, sobre o mesmo assunto e, freqüentemente, bem contrários uns aos outros; então, há sempre de vós e de nós e é isso que vos coloca na incerteza, posto que tendes em vós duas idéias que se combatem.

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =  
(pergunta 460)

## A indução

A regra básica usada em todo e qualquer processo obsessivo é a sintonia. Nenhum mal há que nos atinja, se com ele não estivermos comprometidos através de uma sintonia passada ou atual. Ao espírita, que já possui o conhecimento deste mecanismo, cabe fortalecer-se no trabalho e na oração, pois sabido é que, no trabalho do bem, somos mais facilmente encontrados pelos mensageiros da esperança. Trabalhar mais e sempre, deve ser o lema do seguidor de Cristo, mesmo porque, a ferramenta esquecida, dificilmente consegue divorciar-se da ferrugem. Esse é o segredo da fortaleza espiritual. Trabalho e oração, locomotiva dos vagões da caridade, vigilância, renúncia, abnegação e tantas outras virtudes, que percorre a longa ferrovia da evolução, sem perigo de descarrilar. Do lado oposto, a fragilidade do Espírito, que se caracteriza na sua costumeira alergia ao trabalho redentor, procedimento condenado ao fracasso pelas leis soberanas da justiça.

Esse foi o meu argumento, para um irmão que estava tentando prejudicar a um outro necessitado, dizendo-se não culpado pelo castigo que infringia, pois apenas era um trabalhador e estava a serviço da justiça. Como era um homem de palavra, só se afastaria do ofício após o trabalho concluído. Seu trabalho era a magia negra. Fora trazido à reunião, no exato momento em que, após haver recolhido areia e cinzas do cemitério, espalhava tais substâncias pela casa e sobre a cabeça da sua vítima, que já sentia perturbadoras queimaduras e coceiras na região citada.

Lembrei-lhe a conveniência de amar a si próprio, já que não compadecia-se de sua vítima, de vez, que a vida traz de volta aquilo que doamos a outrem. Permaneceu inexorável. A pessoa a quem supliciava, merecia, enfatizava ele. Fizera pior a outras criaturas. Insisti pacientemente, dizendo-lhe que a vida possui meios de alcançar o infrator, no tempo e no espaço, em qualquer estágio de sua evolução, sem a necessidade do seu concurso. Está perdendo o seu tempo, disse-me em tom de final de conversa. Mudei então a tática. Era o momento da energia.

- Pois bem meu irmão! Queria lhe poupar maiores aflições, retirando essa cinza que caiu em seus olhos, evitando assim queimaduras em sua visão. Você não notou que enquanto espalhava as cinzas uma porção dela caiu sobre você? Veja como seus olhos estão vermelhos! Seu rosto está coberto de cinzas. Não demora muito e você vai sentir fortes queimaduras.

Ele ficou calado. Dois assistas cobriram-lhe de fluidos, que dosados pelos Espíritos, técnicos em hipnotismo e em magnetismo, culminaram no trabalho já iniciado pela indução que lhe lancei na mente.

Voltei a carga: sei que você está sentindo um formigamento na pele, mas tenha cuidado principalmente com os olhos. Não esfregue com muita força pois poderá ficar cego.

Ele não suportou mais. Passou a friccionar os olhos com intenso desespero, arranhando-se em beliscões por todo o corpo. ( fui breve para não maltratar o médium)

- Eis o que você está causando àquele irmão. Agora que você está provando o seu próprio remédio, já pode me responder: o seu trabalho é bom para você? É bom para os outros?

Permaneceu em silêncio. O sucesso de qualquer empreendimento, depende das respostas a essas duas perguntas. Dois sim, significam paz para o Espírito. As demais respostas, apenas funcionam como pré-lições para chegarmos a resposta ideal.

Foi retirado em aflitivo turbamento

Quando experimentamos um sentimento de angústia, de ansiedade indefinível ou de satisfação interior sem causa conhecida, isso prende-se unicamente a uma disposição física?

É quase sempre, com efeito, comunicações que tendes, inconscientemente, com Espíritos, ou que tivestes com eles durante o sono.

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =  
( pergunta 471 )

## Técnica obsessiva

Quando dois homens, grupos ou países estão em guerra, cada parte procura descobrir o ponto vulnerável do seu opositor, centralizando ali os esforços que podem romper a barreira defensiva, apossando-se das rédeas da luta, impondo o ritmo exterminador ou punitivo, segundo sejam os objetivos da contenda. Mas, se o adversário reage, na organização de barricadas, modernização de material bélico, na elevação do moral da tropa, a ofensiva é neutralizada, e as vezes até o inimigo é forçado a bater em retirada pela bravura com que foi enfrentado. Assim é a obsessão. O obsessor estuda o ponto frágil de seu oponente, no sentido de detectar fissuras morais, tais como o orgulho, a vaidade, a sensualidade, a tendência ao uso de tóxicos...

Vícios. Quem não os tem? Descoberta a brecha, ele aglutina os esforços de que dispõe, e sem a mínima preocupação com qualquer tipo de ética, lança-se sobre o seu inimigo, com a propulsão de mortal torpedo. Mas, se o obsidiado responde com o evangelho no lar, a prece sincera, o desejo de reforma íntima, o trabalho consciencioso, aglutina monolítica resistência, surpreendendo o seu obsessor, não lhe restando outra saída senão bater em retirada.

Certa feita, procurou-nos uma jovem a pedir ajuda para o seu avô, que trancara-se em um quarto em depressão profunda, desinteressando-se pelo que antes lhe constituía as ações do cotidiano. Uma das médiuns do nosso grupo, como sendo amiga da família, foi visita-la com o objetivo de implantar naquele lar, o culto evangélico, como a organizar a defesa e fortalecer os Espíritos ali residentes para os embates que se avizinhavam. Adentrando-se no lar, ao colocar a mão sobre determinado móvel, sentiu ligeiro tremor, seguido de mal-estar físico. A cena repetiu-se onde ela tocava, intrigando-a sobremaneira.

Na reunião mediúnica, a mesma médium, desdobrada ao mesmo ambiente, observou de uma outra angulação, o cenário que tanto mal-estar lhe causara.

Havia sido introduzido no recinto, um suicida, que sem saber que estava prejudicando o velho, saturava todo o ambiente com suas vibrações

doentias. Em tudo que ele tocava, deixava o seu fluido pegajoso como um piche. Próximo à janela, havia também uma figura de madeira em formato de rosto, espetada por alfinetes, principalmente a altura do plexo coronário. Igualmente percebeu um gato de aspecto horrendo, que fora estripado e tivera amarrado em suas vísceras, um papel com o nome do citado velho. Era necessário trazer o suicida para atendimento, mas um vulto enegrecido tentava impedir a retirada do mesmo. Então o dirigente dos nossos trabalhos, em gesto persuasivo o afastou. O suicida foi atendido, e o Espírito tolhido em suas ações, pela reação da vítima que, armando-se de boa vontade, favoreceu a atuação dos bons Espíritos.

Essa é uma das conhecidas técnicas obsessivas. colocar na residência do obsidiado, viciados, loucos, suicidas, deformados, com a finalidade de criar um clima psíquico insuportável de discórdia, inquietação e desentendimento no seio da família. E como a maioria de nós caminha para Deus pelo ultimato das dores, creio que a dor funciona, quando bem interpretada, como um acelerador, no invisível motor dos nossos pés.

Que sensação experimenta a alma no momento em que se reconhece no mundo dos Espíritos?

Depende. Se fizeste o mal com o desejo de fazê-lo, no primeiro momento, envergonhar-te-ás de o haver feito. Para o justo é bem diferente; ela se sente como aliviada de um grande peso, pois não teme nenhum olhar perquiridor.

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =  
(pergunta 159)

## O resgate

Diz um velho brocado muito conhecido no meio espírita: tal vida, tal morte. É verdade! A morte em nada consegue mudar a vida, que não se interrompe, não se acelera ou se retarda, queira ou não o Espírito. A individualidade permanece intacta, mesmo soterrada por imensos castelos de areia, onde se fazem hóspedes demorados, o orgulho, a vaidade, a preguiça, a maledicência e a sua prole. Morrer é apenas transportar-se. E quem se transporta chega a outro local, melhor ou pior que o anterior. É rever amigos, encontrar inimigos, acertar contas, aprisionar-se ou libertar-se. Os que temem a morte o fazem por desconhece-la, ou pelo fardo pesado que atrelaram as suas consciências. Muitos a interpretam como castigo, caminho sem volta, rumo desconhecido, salário do pecado. Entretanto, ela é apenas uma lei da vida. Lei igualitária, imparcial, justa e soberana, que concede ao Espírito, o passaporte para o seu país de origem, com as aprovações ou reprovações a que fez jús. A morte é o que quisermos que ela seja, desde que a vida é igualmente o que fizermos dela. Morre bem quem viveu bem, moralmente falando-se. Podemos considerar a morte portanto, como uma resposta da vida aos nossos pensamentos e ações, pois ela nos transporta ao plano dos nossos pensamentos, onde demoramos o tempo necessário para a mudança ou aprimoramento dos mesmos. O espírita deve educar-se para a morte, e não pensar como o cidadão comum, para o qual sempre quem morre é o seu vizinho.

Em uma de nossas reuniões de desobsessão, o médium desdobrou-se a uma região trevosa, com a finalidade de resgatar um Espírito vampirizado e prestar-lhe auxílio imediato, através dos seus fluidos vitais de encarnado. Eis como ele nos descreveu o episódio: O Espírito que vamos resgatar é um suicida involuntário. Ex-viciado em álcool e fumo. Ele está sendo vampirizado por encontrar-se encharcado de álcool e nicotina. A região onde nos encontramos é uma mata e o chão é muito escorregadio. Ouço muitos

gritos que parecem ferir os meus ouvidos. Para amenizar o barulho, ou para que eu não me envolva, os Espíritos estão colocando uma espécie de capacete em minha cabeça. Chegamos a uma muralha de pedras. O cheiro de matéria orgânica em decomposição é fortíssimo. Três Espíritos me protegem. Vejo olhos brilhando no escuro, a semelhança de olhos de animais. Sinto uma sensação de medo muito grande, mas estou confiante. Fico apenas com um dos irmãos que me amparava e os demais seguem adiante para efetuarem o resgate. Eu os vejo com uma tocha na mão, enquanto aguardo nesse lugar horrível. Estão voltando! Trazem o enfermo. O aspecto dele é pavoroso. Parece um zumbi. Seus olhos estão parados, seus músculos ressequidos como uma laranja chupada. Ele vai ser colocado junto a mim, por rápidos momentos, para que haja o choque anímico.

O choque anímico acima mencionado refere-se a rápida incorporação do Espírito, facultando-lhe descarregar parte de seus fluidos densos através do médium, que a semelhança de um absorvente, ou fio terra, recebe e passa adiante o nocivo fardo. Isso diminui a alta tensão do estado de loucura do comunicante, que sentindo-se encarnado por breves instantes, sai do seu torpor, adentrando a dura realidade que deverá enfrentar.

Esse procedimento causa certo sofrimento no médium. Mas, mediunidade é tarefa, compromisso. E além do mais, quem não quiser sofrer que abstenha-se de causar sofrimento a seus irmãos. Foi o que comentei em tom de brincadeira com o médium. Este concordou de pronto dizendo: É! Não era isso que eu queria, mas é isso que eu mereço!

Comentamos a seguir sobre o estado do irmão transportado a tais sítios pelo desencarne. A morte deu-lhe a vida que ele necessitava, concluimos.

Qual a causa do abandono do médium pelos Espíritos?

O uso que ele faz da mediunidade é o que mais influi sobre os Espíritos bons. Podemos abandoná-lo quando ele a emprega em futilidades ou com finalidade ambiciosas, e quando se recusa a transmitir as nossas palavras ou a colaborar na produção dos fenômenos para os encarnados que apelam a ele ou que precisam ver para se convencerem. Esse dom de Deus não é concedido ao médium para o seu prazer, e menos ainda para servir às suas ambições, mas para servir ao seu progresso e para dar a conhecer a verdade aos homens. Se o Espírito vê que o médium não corresponde mais aos seus propósitos, nem aproveita as instruções e os conselhos que lhe dá, afasta-se e vai procurar um protegido mais digno.

= O Livro dos Médiuns - Allan Kardec =  
( cap. XVII - tomo 220 )

## Aprimorar sempre

A mediunidade exercida por Espíritos evoluídos é coisa rara em nosso planeta. Tal não ocorre com o exercício mediúnico efetuado por Espíritos devedores à lei, que a solicitam ou a recebem como prova a ser vencida quando bem desempenhada. Tais irmãos, recebem a incumbência de pagarem com amor, as dores que provocaram em seus semelhantes. No sistema de crédito divino, a dor não exige como pagamento uma dor igual. O amor é a moeda corrente em todo o universo, jamais lhe sendo negado créditos ou fiadores. A mediunidade é considerada desse modo, uma escada de subida para Deus, desde que, aquele que a possui ostensivamente, a utilize dentro dos padrões éticos espirituais, visto ser função do Espiritismo, disciplinar e direcionar a mediunidade. Ser médium não é apenas tornar-se passivo ao companheiro que o busca, facultando-lhe o direito a voz. É fiscalizar-lhe as intenções, pensamentos, palavras, gestos. É manter rigorosa vigilância a si, estudando e estudando-se, trabalhando e renovando-se. É ser o primeiro enfermeiro daquele que o solicita, as vezes para o ferir. Mediunidade é doação, posto que sem ela só existe mediunismo, descompromissado com a doutrina. Observemos que os rios e os mares recebem água e a devolvem a outras fontes, o que os tornam férteis. O Mar Morto, como apenas recebe a água e não a devolve, é impraticável para a vida. Por isso chama-se morto, pois ali nada medra. Assim somos nós quando apenas retemos. Distanciamonos da vida, que para sobreviver, requer o intercâmbio permanente de elementos materiais-espirituais. Quando o médium adquire essa consciência, inicia-se realmente o seu apostolado. Eu os tenho visto e assistido suportarem situações as mais críticas, com bom humor e otimismo. Desde a ligação do suicida alguns dias antes da reunião, cujo gênero de suicídio traduz-se em dores constantes para enfermeiro e enfermo, até a angústia inenarrável do

hanseniano amputado. Do acidentado que lhe é imantado em condição de coma, fazendo-o praticamente desmaiar ao estado nauseante do envenenado. Recusar o enfermo jamais! Receber somente o mentor, impossível. Aquele que recusa o infortunado assemelha-se a ele na indigência em que se encontra. E aquele que apenas se presta a transmitir as consoladoras mensagens dos bons Espíritos, cedo ficará inoperante, pelo afastamento destes. O verdadeiro médium não encontra obstáculos no uso da vassoura ou da caneta, no atender ao mentor ou ao obsessor. Tudo é oportunidade de serviço, portanto, digna de ser aproveitada. A casa espírita que não se estruturar nessas bases, cujas pilastras não tenham o cimento da fraternidade e os tijolos do amor ao próximo pela ação, e a si pela renovação, melhor seria fechar as suas portas para o questionamento, abrindo-as posteriormente com o discernimento. O médium não é sofredor, nem santo, nem diferente, mas não deve ser igual a todo mundo. Deve ser ele mesmo. Seu guia Jesus, seu professor Kardec, sua paixão o trabalho, seu divertimento o estudo. Mas claro que isso não é uma imposição ou fruto de fanatismo. Antes é uma conquista do Espírito consciente e forte.

O médium sente-se feliz trabalhando, e aos poucos vai descobrindo, que sem estudo e aperfeiçoamento o seu trabalho encontra-se sempre aquém de suas possibilidades.

Então, estudando e trabalhando, amando e renovando-se, ele firma-se como operário de Jesus, aprendiz dos bons Espíritos e vencedor de si mesmo, através da atividade incessante reencarnações afora.

Excluídos tais argumentos quando o assunto for mediunidade, é chover no molhado, atitude insípida, como vender um ar condicionado para um esquimó, que dele jamais fará uso.

Entretanto, o médium é um intermediário entre os Espíritos e os homens, mas o magnetizador, tirando sua força de si mesmo, não parece servir de intermediário a nenhuma potência estranha.

É uma suposição errônea. A força magnética pertence ao homem, mas é aumentada pela ajuda dos Espíritos a que ele apela. Se magnetizas para curar, por exemplo, e evocas um bom Espírito que se interessa por ti e pelo doente, ele aumenta a tua força e a tua vontade, dirige os teus fluidos e lhes dá as qualidades necessárias.

= O Livro dos Médiuns - Allan Kardec =  
( cap. XIV - tomo 176 )

## Fluidoterapia

Intenso é o movimento na busca do passe e da água fluidificada nos centros espíritas. Pensam alguns, que esses dois instrumentos valiosíssimos, quando aplicados a guisa de medicação, podem ser administrados sem controle, a revelia do esforço individual e da fé, culminando sempre em resultados positivos. O estudo dos fluidos é um capítulo de extensa profundidade na literatura espírita. Sabemos que sobre eles atuam os espíritos através do pensamento, dando-lhes propriedades específicas, tais como direção, coloração, densidade e outros efeitos magnéticos. Vale a pena enfatizar, que as propriedades que o Espírito atribui a esses fluidos, levam a marca da sua condição evolutiva, bem como da sua intenção no momento do manuseio. Os fluidos resultam assim, após a manipulação do Espírito, em larga escala, como a dos números reais, que possuem o zero como intermediário, os positivos à direita e os negativos à esquerda. Explicando melhor: o zero seria o fluido neutro. Os números positivos seriam os fluidos em diversos graus, a depender da condição evolutiva do Espírito, cujas características trariam sempre efeitos positivos. Calmantes, dulcificantes, curativos, aromáticos, reparadores ... . Os números negativos, representariam setor semelhante ao ocupado pelos números positivos, só que a esquerda do zero, caracterizando os fluidos negativos, cujo efeito nocivo vale por, toxidez, irritação, patogenias variadas. Existe portanto, uma escala de fluidos, que em última análise revela as características individuais de cada Espírito que os manipulam, visto cada qual ter seu próprio fluido particular e em grau

específico. Observando-se as conquistas individuais, veremos que existe o egoísta, o violento, o invejoso, o orgulhoso, o hipócrita, e também o amoroso, o fraterno, o caridoso... . Cada um destes possui seu próprio fluido e a sua influência própria no manuseio, podendo tais variáveis sofrer acréscimos, a depender daqueles que lhes acorram em auxílio, posto que dois egoístas ou dois caridosos não o são em graus idênticos. Explicando com mais detalhes: assim como entre os numerais 2 e 3 existem centenas de outros números fracionários, tais como: 2,1; 2,11; 2,111... etc, também entre dois Espíritos fraternos situados em pontos extremos, existem centenas de outros com características fraternas, mas com seus fluidos “fraternos” de intensidade atuantes diferentes. Pode-se pensar, mediante tal estudo, que nos centros espíritas, existem passistas mais eficientes que outros, desde que diferentes são seus graus evolutivos e seus esforços de renovação. Isto é possível. Mas muitas variáveis envolvem a terapia fluídica em um centro espírita. No passista podemos enumerar entre outras: a fé, a boa vontade, o preparo físico e mental, o estudo e a assistência espiritual que age através dele. No enfermo notamos como principais as seguintes: o merecimento, a fé, o preparo físico e moral e o estado de receptividade no momento do passe. Acreditamos que a conjugação de tais fatores na interação passista-paciente, é fundamental para o êxito de ambos. Pouco adianta o passista portar as características acima, se o enfermo traz apenas a sua enfermidade para a sala de passe, substituindo pelo desânimo, desesperança, rancor, azedume... as disposições aquém descritas como fundamentais para a sua recuperação. Nessas condições, ele, o paciente, está encouraçado por fluidos da sua própria enfermidade, adicionados a outros, aglutinados em seu perispírito, pelo estado mórbido que apresenta, construindo em si uma espécie de colete a prova de fluidos que funciona como repelente aos bons fluidos que lhe são direcionados. Se a borracha neutraliza e isola a eletricidade, o desânimo, a mágoa ou a tristeza, isolam igualmente as correntes fluídicas portadoras dos fluidos salutares mais refinados. A não ser que pela quantidade, qualidade, e alto poder de penetração impostos pelos Espíritos auxiliares do passista, a carga fluídica seja capaz de deslocar esse colete, impondo um outro de natureza mais refinada. A atuação de tais fatores nos centros espíritas, supervisionados por responsável equipe de desencarnados, neutraliza portanto, a possibilidade teórica de benefícios imerecidos ou prejuízos injustificáveis, imputados ao efeito do passe ou atuação dos passistas, nos centros espíritas sérios. As observações referidas ao passe, também são válidas para a água fluidificada. Para maiores detalhes, analisemos a substância água, também um fluido, como se permite saturar por outros fluidos mais sutis, tornando-se

medicamentosa. Na natureza, as moléculas das substâncias estão submetidas a duas forças antagônicas. A coesão, que imprime uma aproximação entre elas, e a repulsão, que tende a afastá-las. Conforme as relações entre a intensidade destas duas forças, teremos a matéria no seu estado sólido, líquido ou gasoso. No estado sólido, (gelo) a coesão é maior que a repulsão. Como a força coercitiva vence, as moléculas da água neste estado, estão bem próximas, não se prestando a uma eficiente saturação, por falta de um maior espaço entre as mesmas. No estado líquido, a coesão é igual a repulsão, resultando deste fato, que os espaços intermoleculares se alargam, prestando-se a saturação fluídica. Essa introdução de um fluido mais sutil entre as moléculas da água, pode ser feita tanto pelos encarnados quanto pelos desencarnados. Da mesma maneira que o passista ou passistas, fluidificam um enfermo, podem proceder analogamente com um recipiente com água potável, a temperatura ambiente, fluidificando-a. Sendo esta substância um bom condutor de forças eletromagnéticas e bom absorvente de fluidos, constitui-se assim em valioso medicamento, quando obedecidos os critérios já descritos.

Nossa casa espírita utiliza largamente a fluidoterapia, fazendo entender ao usuário de tal medicamento, a necessidade da observância nas regras que a tornarão proveitosa. Quando tomamos um remédio, não o fazemos obedecendo aos preceitos orientados pela bula? Não regulamos a quantidade, o horário, a dosagem, as contra-indicações e a dieta aconselhada? Na fluidoterapia as exigências são as mesmas.

Certa feita, já na hora de cerrarmos as portas para o início da reunião, um companheiro pediu-nos um minuto de paciência, pois precisava magnetizar um litro de água que alguém lhe trouxera. Mesmo não sendo o meu estilo, atrasar ao menos segundos o início da reunião, aquiesci ao pedido, no que ele magnetizou a água. A garrafa foi então levada a uma irmã que esperava no carro à porta do centro. Comprara a mesma no mercantil ao lado e solicitara a alguém magnetizá-la, ficando monarquicamente a espera do benefício. Pergunto: será que a magnetização atingiu a seus objetivos? Não duvidamos que a água tenha sido magnetizada pelo prestativo companheiro, mas a mesma certeza não tínhamos quanto a melhora do paciente. A mesma estava fugindo das palestras públicas que lhes lembravam a urgência do esforço e da renovação, coisas incompatíveis com o imediatismo e a acomodação que ostentava. Com a peculiar crítica mordaz que sempre me caracterizou em tais instantes, disse ao companheiro do lado: precisamos instalar aqui um serviço de teleágua, para evitar o esforço dos que nos buscam em tratamento.

Como podemos apreciar a liberdade do Espírito durante o sono?

Pelos sonhos. Crede, enquanto o corpo repousa, o Espírito dispõe de mais faculdades que na vigília. Tem o conhecimento do passado e, algumas vezes, previsão do futuro. Adquire maior energia e pode entrar em comunicação com outros Espíritos, seja neste mundo, seja em outro. Muitas vezes dizes: Tive um sonho bizarro, um sonho horrível, mas que não tem nada de verossímil; enganas-te, é freqüentemente uma lembrança dos lugares e das coisas que viste ou verás em uma outra existência ou em um outro momento.

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =  
( pergunta 402 )

## O sonho

Conversando com uma das médiuns, sobre sonhos, antes da reunião de desobsessão, esta me contou que houvera tido um pesadelo, do qual acordou assustada e temerosa de novamente conciliar o sono.

Estava amarrada e amordaçada em uma espécie de mesa, rodeada por alguns homens encapuzados, todos vestidos de negro, portando estranho símbolo na cabeça raspada. “Sentia-me aterrorizada, pois trazia a nítida sensação de haver sido torturada até a morte”, disse-me. E continuou o seu relato.

- Morreu! Iniciemos o ritual! Disseram.

- Estou viva! Gritava a todos eles. Mas, pensando que eu houvera morrido, eles tomaram de um esqueleto de criança, enrolaram em um pano preto e o colocaram junto a mim. Gritei, esperneeiei, mas, sempre acreditando-me morta, eles continuaram o seu ritual macabro. Então ... acordei.

Durante a reunião foi trazido uma jovem desencarnada, em estado de choque, com evidentes sinais de tortura física e mental, que confundindo-nos

com os seus torturadores, aos gritos de socorro e pedidos de clemência contorcia-se e chorava. Nós a “doutrinaamos” a muito custo, inspirando-lhe um pouco de confiança através da prece, sendo todo esse proceder, assistido por um dos seus torturadores. Este, comunicando-se, ameaçou com o poder fantástico do seu mestre das trevas. Nós o lembramos o poder maravilhoso e soberano do nosso mestre da luz. Ele não tolerava ouvir o nome de Jesus, nem tão pouco suportava ver a cruz a sua frente. Juntou então as mãos como semipostas, e em atitude de concentração bradou: mestre! Eu te invoco das profundezas das trevas! Calmamente, disse-lhe: seu mestre não tem coragem de visitar-nos. Não suportando a luz, foge de Deus, como a esconder as suas pústulas do santo remédio. Ele não virá, porque Jesus está conosco, assistindo-nos com a sua luz divina. Vê irmão! Estamos em prece. Vê a luz da oração que pode te arrancar da escuridão onde te encontras. Ele entrou em dores e convulsões, pedindo-nos que afastássemos a cruz que lhe era apresentada e que o queimava, cegando-o com a luminosidade a que não estava acostumado. Ele não mais voltou a enxergar. Disse-lhe: a falta dos olhos pode nos levar a um outro tipo de visão. A visão interior, que nos facultava averiguar nosso estado de espírito, pela meditação nos nossos atos e aferição dos nossos pensamentos. Lembrei-lhe Paulo de Tarso, que ao ficar cego viu a incoerência em que se encontrava, decidindo-se pela dignidade no trabalho do Cristo. Citei-lhe ainda Jesus aconselhando; se o teu olho te escandaliza, tira-o e lança-o fora de ti, porque é melhor que se perca um dos teus membros, do que todo o teu corpo ser lançado no inferno. Ele apenas urrava, pois fora tolhido em sua voz, pelos bons Espíritos. A duras esforços adormeceu.

Nossos dirigentes explicaram então, que durante o sono, havíamos participado do resgate da jovem comunicante, e que pela dificuldade e delicadeza da tarefa, já que havíamos baixado o padrão vibratório para entrar no antro dos torturadores, como que impregnando de lama nossos perispíritos, a médium, cuja participação no episódio foi ostensiva, sentiu-se protagonista do drama, tomando-o a conta de pesadelo.

Explicado foi igualmente, que torturavam a jovem para deixá-la alienada e introduzi-la na residência de um jovem a quem auxiliávamos em tratamento desobsessivo.

Precisamos interpretar melhor os nossos sonhos, foi a conclusão de todos.

A perda de pessoas que nos são queridas não é uma daquelas que nos causam um desgosto tanto mais legítimo por ser irreparável e independente de nossa vontade?

Essa causa de desgosto atinge tanto o rico quanto o pobre: é uma prova ou expiação, e a lei comum. Mas é uma consolação poder comunicar-vos com vossos

amigos pelos meios que tendes, esperando que, para isso, tenhais outros mais diretos e mais acessíveis aos vossos sentidos.

= O Livro dos Espíritos - Allan kardec =  
( pergunta 934)

## Dolorosa perda

Quando ingressei no Espiritismo, ainda adolescente, tive um professor chamado Francisco Lopes, o Chico Lopes. Era um homem discreto, solidário, estudioso e bom doutrinador. Eu o assistia a conversar com os espíritos, descobrindo a cada dia, o mundo maravilhoso que ele descortinava a minha visão. Em casa, comparava o que via e ouvia com o que lia em Kardec, certificando-me da excelência doutrinária de que ele era portador. Para mim, o ingresso no Espiritismo, foi um desses instantes de rara lucidez que tive na vida. Algo assim, como aquele instante em que Zaqueu, ao descobrir a filosofia de Jesus, tomou-se de anseios de renovação, e depois, nunca mais sua vida seria a mesma. Acho que todos sentem a mesma coisa por ocasião deste encontro, ou melhor, reencontro, misto de saudade e gratidão, pois muitos de nós já éramos espíritas, adotando-lhes os postulados no coração, mesmo sem o conhecimento prévio da sua estruturação doutrinária. Mas, um

dia, o meu amigo foi acometido de um câncer no fígado. Era a cobrança inevitável, a dor que surgia, encontrando o aprendiz, futuro enfermo, devidamente preparado. Lembro-me, que o visitando no hospital, um paciente na hora do jantar, perdeu a calma recolhendo-se ao canto da sala em choro sofrido. Chico foi então, a palavra alentadora em meio a agonia, dando-me a sua última lição de encarnado, qual seja, a de que, mesmo doente o homem precisa servir a Deus.

Quando desencarnou, deixou-nos um vácuo. Sua figura que transitara em nossa sala de reuniões durante décadas, símbolo do trabalhador dedicado e fiel, não se apartava de nossas lembranças. Mas a reunião não podia parar, e não parou. Assume a doutrinação, um outro trabalhador, e na primeira sessão de educação mediúnica, um dos médiuns mais experientes, desdobra-se a luminosa região, passando a descrever-nos o que assiste: “Parece uma festa! Vejo muitas luzes, muita gente feliz e bem vestida. Existem mesas, taças ... e existe um lugar de honra para algum convidado especial. O convidado parece ter chegado. Penetra no recinto sendo saudado por todos. Muitos acorrem a abraça-lo. Eu estou vendo agora.... Meu Deus! É o Chico! A emoção tomou conta de todos nós. Imagine. Uma festa para o Chico. Ele que fugia delas. Mais uma semana, e a figura simpática do Chico, passou a ser vista na reunião em trabalho constante.

Hoje, convivo e converso com ele constantemente. continua o mesmo. Nunca tirou férias. Nunca falou em passeios, turismo, licenças, cansaço. Com ele, aprendi muito do que sei e do que sou. Sinto uma enorme alegria em substituir-lhe na missão que ele tão bem desempenhou. Ao escrever meu primeiro livro, fiz questão que ele dissesse algo como introdução, apesar da mania que ele tem de em nada querer aparecer. Passados tantos anos, procuro hoje, da maneira mais singela possível, a sua maneira, falar da chegada dos servos fiéis ao plano espiritual, tomando como referencial a sua simplicidade. Presentes na festa, centenas de Espíritos que receberam dele a palavra amiga, o passe, a prece, o medicamento, a solidariedade. Também para saudá-lo, ex-obsessores, ex-enfermos, ex-suicidas, amigos, familiares, protetores. Reafirmando o velho verso de Francisco, é dando que se recebe, Chico recebia de volta aquilo que doara, em emocionada noite, que jamais seria descrita com fidelidade, por algum poeta ou filósofo que tivesse a mania de colecionar madrigais.

É Chico! Divertimento de pobre é carregar pedras. Bem o dizias. Carreguemo-las pois, visto estar ainda incompleta a catedral de Nosso Senhor.

Um meio às vezes usado com sucesso para assegurar a identidade, quando o Espírito se torna suspeito, é o de fazê-lo afirmar em nome de Deus todo poderoso que é ele mesmo. Acontece muitas vezes que o usurpador recua diante do sacrilégio. Depois de haver começado a escrever: afirmo em nome de ... para e risca encolerizado traços sem significação ou quebra o lápis. Sendo mais hipócrita, contorna o problema através de uma omissão, escrevendo por exemplo: Eu vos certifico que digo a verdade; ou ainda: Atesto, em nome de Deus, que sou eu mesmo que vos falo etc.

Mas há os que não são assim escrupulosos e juram por tudo o que se quiser. Um deles se comunicava com um médium dizendo-se o próprio Deus,

e o médium, muito honrado com tão elevada graça, não hesitou em acreditar. Evocado por nós, não ousou sustentar a impostura e disse: Eu não sou Deus, mas sou seu filho. - Então sois Jesus? Isso não é provável porque Jesus está muito elevado para empregar subterfúgios. Ousais afirmar em nome de Deus, que és o Cristo? - Eu não disse que sou Jesus, disse que sou filho de Deus porque sou uma de suas criaturas.

Deve-se concluir disso que a recusa de um Espírito em afirmar a sua identidade em nome de Deus é sempre uma prova de que usa de impostura, mas que a afirmação nos dá apenas uma presunção e não uma prova da identidade.

= O Livro dos Médiun - Allan Kardec =  
( cap. XXIV - tomo 259 )

## A mistificação

Como doutrinador, utilizo-me às vezes do vidente como auxiliar, no caso de dúvida na identidade de algum Espírito, quando julgo não ser ele quem afirma ser. Estou convicto que este procedimento não deve ser freqüente, posto que o doutrinador deve ter segurança e seguir as intuições que nunca lhe faltam em momentos como difíceis. No mais, ele deve estar preparado intelectualmente, no que se refere pelo menos as obras da codificação espírita, o que lhe confere inúmeras saídas para tal situação, quanto perceber por detalhes técnicos e psicológicos o embuste, incluindo

entre estes, a própria expressão facial do médium, que em muitos casos retrata as emoções do Espírito comunicante.

Certa feita, um Espírito apresentou-se com uma voz melosa, um pouco artificial, o que é suficiente para deixar o doutrinador atento a gestos, palavras e intenções do mesmo, e disse-me: “Venho agradecer a este grupo maravilhoso, e que muito tem sido testado na fé, superando os mais difíceis obstáculos, as curas que vêm promovendo em inúmeros necessitados. Louvo ao trabalho incessante de vocês, que já são Espíritos conscientes e que já possuem muitos méritos junto ao Senhor da Vida. Quantos dariam tudo para ter essa luz que vejo em vocês. Quantos ainda se arrastam na lama, e vocês com as venturas do evangelho já instaladas em seus corações ...”

Notando-lhe a insistência no elogio, fiz-lhe o seguinte convite: Já que o irmão participa e aprova o nosso trabalho, observando-nos constantemente, oremos juntos pelos doentes, pelos injustiçados, para que a verdade se sobreponha à mentira, a luz afugente as trevas e a honestidade venha finalizar o reinado do engodo, da mentira e da falsidade sobre a terra. Tal foi a minha surpresa quando o ouvi dizer: Permita-me o irmão fazer a prece!

Orou então, uma prece tão linda, quanto a prece de Cáritas. Uma verdadeira poesia, uma preciosidade literária. Após a oração, veio o conselho, cujo veneno sutilmente velado, identificou-lhe os objetivos.

“Apesar de todos aqui estarem com o Cristo, e dele receber a força, o ânimo e a coragem na luta diária, noto na fisionomia de alguns, o cansaço pelas árduas tarefas. Conversei com o mentor de vocês, e ele permitiu, que aquele que estivesse sentindo-se estafado, pudesse ausentar-se por alguns dias ou semanas, para a recuperação devida. Deus supre a falta. Identificada estava a sua farsa e evidente a sua missão. Minar pela vaidade através do elogio, provocar baixas no grupo pela ausência de algum invigilante que lhe aceitasse a sugestão. Paralelamente, os seus comparsas provocariam nesses mesmos invigilantes, mal-estar, sensação de esgotamento, cansaço, irritação, vertigens. Foi a intuição clara que recebi.

Intrigado com a prece que ouvira, principalmente porque não notara o sentimento, a emoção, o fervor que caracteriza a sinceridade na oração, o que mais o identificava como mistificador, perguntei baixinho ao médium vidente, que presta auxílio a doutrinação nesses casos específicos: como se apresenta este Espírito? Como disse, são consultas raras. A constância nessas indagações pode provocar uma dependência no doutrinador inibindo a sua intuição, tornando-o inseguro. Ele passa a enxergar pelos olhos do vidente, que também pode ser mistificado, ao descrever cenas preparadas pelos seus adversários. Um outro inconveniente desse estilo, é gerar no vidente

consultado, caso o mesmo seja invigilante, a vaidade de ser freqüentemente requisitado, no que empavona-se e passa a caminhar em baba de quiabo.

Mas, voltando à pergunta, respondeu-me o vidente: Ele trouxe a prece escrita em um papel e apenas leu.

Descoberta a sua farsa, ele quis retirar-se. Era um jovem ator utilizado por Espíritos trevosos em constante luta contra as casas espíritas. Senti realmente carinho por ele. Era muito jovem. A dor ainda não o havia ensinado suficientemente sobre a dignidade nos palcos da vida. Recomendei-lhe um outro papel. O do trabalhador da última hora, do semeador que saiu a semear as suas sementes ....

Estava amedrontado pela falha na interpretação. Queria fugir daqueles que o contrataram... e fugiu. Será?!

Qual pode ser o efeito das fórmulas e práticas com a ajuda das quais certas pessoas pretendem dispor da vontade dos Espíritos?

O efeito de torna-las ridículas se são de boa fé; caso contrário, são patifes que merecem um castigo. Todas as fórmulas são enganosas; não há nenhuma palavra sacramental, nenhum sinal cabalístico, nenhum talismã que tenha uma ação qualquer sobre os Espíritos, porque estes são atraídos pelo pensamento e não pelas coisas materiais.

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =  
( pergunta 553 )

## Clientela sofrida

O centro espírita, funcionando como hospital e oficina de trabalho, recebe diariamente visitantes, os mais diversificados em crenças, dores físicas e morais, aflições, angustias... perfazendo o longo painel demonstrativo dos entretons que compõem a imensa escala do sofrimento. É gente abastada, o sofredor solitário, clientela obscura, o homem santificado.

Às vezes, observo as matizes utilizadas pela lei cármica, na aplicação do preceito evangélico ditado por Jesus. “Quem com o ferro fere com o ferro será ferido.” E, “te cobrado será até o último ceitel.”

Desnecessário dizer, que a imensa mole que busca o centro espírita, como sendo matriculada na escola da dor, a ele busca, na esperança de transferência para a escola da felicidade por seu intermédio, sem lograr tal êxito devido as suas notas ainda se apresentarem suficientemente baixas, o que justifica uma permanência maior na escola onde se encontra. tal ocorre, porque o esforço a ser empreendido para a aquisição de um diploma de transferência, ainda dorme, deixando a espera os arquivos da consciência e as promissórias da contabilidade divina. Esse tipo de frequentador, que procura o processo mágico da transferência da dor do seu íntimo para outras paisagens, Pensa mercadejar com as leis imutáveis, encontrar um elixir para a felicidade, um talismã que lhe feche o corpo contra as mazelas que nele estão alojadas. Na condição de espíritas somos procurados por tantos sofredores, para que lhes desvendemos as complicadas (segundo eles) fórmulas que envolvem a delicada problemática do destino, e ficam surpresos, quando lhes confessamos que o segredo de afugentar a dor é amar. Procuram um poder que lhes parecem oculto e inatingível, e duvidam quando lhes dizemos que esse poder é a fé. Solicitam-nos um meio de esquecerem seus martirizantes problemas, e não aceitam quando afirmamos ser este meio, o lembrar o problema do outro, contribuindo com o esforço próprio para soergue-lo

Com freqüência percebemos mulheres ricamente trajadas, que também nos visitam misturando-se a massa anônima e sofredora. O centro espírita tem essa particularidade. Recebe distintamente o rico e o pobre, iguados que são nesse espaço, pela supervisão da caridade. Em alguns nota-se a decepção estampada no rosto, quando falamos do esforço agigantado que devemos fazer para apaziguar a consciência, Em outros, esse esforço é bem-vindo, pois não buscam o imediatismo e já admitem como ornamento para o Espírito, uma virtude qualquer. Estes concordam que já se acomodaram bastante e necessitam por as mãos no arado.

Para facilitar a conversação com tais irmãos e irmãs, escrevi a pequena mensagem abaixo, que lhes são entregues meia hora antes do diálogo fraterno. Após a leitura da mensagem, essas pessoas seguem para expor seus problemas, no que são orientadas à luz da libertadora doutrina dos Espíritos.

Essa mensagem foi escrita após o sono físico, com a nítida lembrança de have-la já escrito com companhia dos amigos espirituais que dirigem a nossa casa espírita.

Prezado(a) amigo(a). Antes de expor a que veio, saiba como o Espiritismo poderá lhe auxiliar em sua problemática.

### **EM ESPIRITISMO NÃO TEMOS:**

1. Fórmulas mágicas que de imediato resolvam seus problemas
2. Privilégios concedidos pelos bons Espíritos a qualquer pessoa
3. Hábito de pesquisar o passado, o presente e o futuro de ninguém
4. Maneiras de conseguir empregos, promoções, palpites de loterias, reconciliações amorosas, casamentos, noivados, divórcios ou similares.
5. Curas miraculosas, diagnósticos instantâneos, esponja para vícios, receitas contra o sofrimento ou amuletos para a felicidade.

### **EM ESPIRITISMO TEMOS:**

1. Esclarecimento sobre a origem de nossas aflições, que podem ser anteriores ou atuais, e meios de supera-las através da fé, do esforço e da renovação de hábitos.
2. Ensinaamentos que atestam a bondade de deus com imparcialidade, permitindo-nos a dor como ensinamento valioso, ensinamento este requisitado por nós próprios, quando nos negamos a seguir a escola fraternal de Jesus.
3. Em raríssimas exceções, informamos sobre vidas anteriores, a presente, ou acontecimentos futuros. Essas revelações feitas pelos amigos espirituais obedecem a necessidade e a conveniência, para atenuar a problemática em si, ocorrendo mediante criteriosa avaliação da fé, do merecimento e da utilidade de tais informações para quem as busca.
4. Estudos que atestam ser os problemas da vida material, inerentes a conjuntura cármica a que estamos vinculados. As provas e expiações geralmente são pedidas por nós em encarnações passadas, para que vencendo-as, resgatemos nossos débitos e nos elevemos a planos mais perfeitos. O Espiritismo como doutrina consoladora, ensina como portar-se frente à vida, valorizando-a, enfrentando e superando suas dificuldades com coragem e discernimento, caminho seguro para a paz de espírito.
5. Certeza que, estudando e vivendo tal doutrina, entende-se a razão da dor e da aflição, procurando em si e em Jesus, as forças para o soerguimento. Todos temos mais força e coragem do que supomos. Vamos! Anime-se! Jesus é a porta. Kardec é a chave. Não existe problema que não se renda a ação do trabalho e da prece.



Os Espíritos que querem nos excitar ao mal o fazem aproveitando das circunstâncias em que nos encontramos ou podem criar essas circunstâncias?

Eles aproveitam a circunstância, mas, freqüentemente, eles a provocam compelindo-vos inconscientemente, ao objeto da vossa cobiça. Assim, por exemplo, um homem encontra sobre o seu caminho uma soma de dinheiro; não creiais que foram os Espíritos que levaram o dinheiro para esse lugar mas eles podem dar ao homem o pensamento de dirigir-se a esse ponto e, então, lhe sugerem o pensamento de se apoderar dele, enquanto outros lhe sugerem o de entregar esse dinheiro àquele a quem pertence. Ocorre o mesmo em todas as outras tentações.

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =  
( pergunta 472)

## Não vos canseis pelo ouro

Ser espírita é procurar superar-se a cada dia, pelo esforço característico que a boa vontade impõe. A proposta da doutrina espírita é portanto, a

renovação. O espírita assume compromisso consigo mesmo, de sanar pensamentos e hábitos, alijando o entulho secular que lhe ulcera a moral, cuja virulência foi permitida pela invigilância e a acomodação. Sem tal compromisso, selado na intimidade da consciência, o aprendiz pode dizer-se leitor, pesquisador, admirador, simpatizante, mas não espírita autêntico. Este, não é somente um garimpeiro da verdade. É o felizardo que já encontrou a jazida. Seguro do ideal que lhe energiza, não se deixa fanatizar nem negocia a sua verdade por meias verdades que lhe queiram impor. Vara flexível frente a tempestade, valoriza seus açoitamentos como exercício de sua resistência, firme e fiel a Jesus, pois o espírita nada mais é que um seguidor do Cristo, embora muitos julguem que o Cristo seja mentor específico de outras religiões. Não se precipita em debates estéreis em clima de competição numérica, valorizando a quantidade em detrimento da qualidade. Sabe da impossibilidade de alguém ou algo provocar fissuras na monolítica estrutura moral-filosófica-científica de sua doutrina. Aquele que assim procede, na casa espírita e fora dela, nas canseiras e suores da vida, merece com louvor o laurel do trabalhador da última hora.

Muitos Espíritos em desespero de causa, já nos procuraram para barganha, para oferecer proteção, fechar nosso corpo contra maus olhados ou pensamentos de ódio. A resposta, invariavelmente é sempre a mesma: não sou negociante. Faça a sua proposta aos dirigentes da casa. Mas, um desses irmãos, após estudar demoradamente o nosso grupo, apenas pela angulação de nossas posses materiais, compareceu a reunião com vantajoso negócio, que, segundo a sua ótica, nos deixaria ricos. Trazia grande mala de dinheiro, que começou a empacotar sobre a mesa, a proporção que procurava valorizar o que trouxera, dizendo da sua utilidade. Queria apenas um favor em troca. Que deixássemos de fazer o evangelho na casa de alguém que nos buscou ajuda ( um dos casos de obsessão que estávamos tratando ) dando o caso por encerrado.

- Qualquer um de vocês que quiser o dinheiro, eu posso dar. Não precisa falar. basta responder pelo pensamento, que amanhã mesmo eu começo a trabalhar para que ele chegue as mãos de quem o deseje. Pode ser uma promoção, sorte na loteria, uma quantia achada na rua ... . Sei que alguns não estão vendo o dinheiro. Mas ele existe! Eu tenho muitas maneiras de materializa-lo e faze-lo chegar a quem o queira. Sei que muitos de vocês se encontram em grandes dificuldades.

E passou a enumerar as dificuldades de cada um de nós. Você! dirigindo-se ao doutrinador. Sei que não tem dinheiro para a impressão dos seus livros. Disse-nos e continuou: eu consigo o dinheiro ou o patrocínio. E

você! Seu carro está caindo aos pedaços. Não sonha há muito em comprar um carro novo? Sei que existem pessoas aqui que estão a ponto de passar fome!

Interrompi. Já ouvira demais. Igualmente já passara o tempo suficiente para que ele se certificasse de que fizera a proposta errada.

- Veio ao lugar errado e fez a proposta errada, meu irmão. Se quer doar o seu dinheiro, ofereça-o aos pobres, aos órfãos, aos doentes sem recursos. Não mercadejamos a palavra do Cristo. Não cobramos para ajudar nem recebemos para retirar a ajuda. Continuaremos o nosso trabalho, mesmo com as dificuldades que você relacionou, pois mais vale a escassez com Jesus que a abundância sem ele. Aliás, haverá fartura sem Jesus? Volte com seus trinta dinheiros. A história de Judas não se repetirá aqui. O que temos nesta casa o seu dinheiro jamais comprará.

- Vocês são uns tolos, orgulhosos... onde já se viu desprezar dinheiro? Você fala por si, mas sei que alguns estão pensando em aceitar a minha oferta.

Solicitei a um irmão que fizesse uma prece por ele. No meio da prece, me acerquei dele e baixinho lhe disse: retire sua mão de cima do dinheiro que ele vai pegar fogo. Ele assustou-se. Em seguida, foi retirando as mãos devagar, para começar a soprar e a bater sobre a mesa, tentando apagar o fogo que se alastrava sobre o seu dinheiro.

- Não! Não! Apaguem o fogo! Apaguem o fogo! Gritava.

Foi inútil. Apenas cinzas restou da sua fortuna.

- Eis sua riqueza! Falei. A riqueza que o ladrão rouba e o fogo consome. Nosso tesouro está em nosso coração. De lá nem mesmo a morte é capaz de subtrair um único níquel. Nosso maior fortuna é a consciência pacificada, cujas moedas não trazem a efígie dos vencedores do mundo, mas dos vencedores no mundo, pelas singelas ferramentas do trabalho e da abnegação.

E saiu decepcionado.

- Imagine! Recusar dinheiro. Era o que repetia.

Todos os Espíritos experimentam, no mesmo grau e durante o mesmo tempo, a perturbação que se segue à separação da alma e do corpo?

Não, isso depende da elevação de cada um. Aquele que já está purificado se reconhece quase imediatamente, visto que já se liberou da matéria durante a vida física, enquanto que o homem carnal, aquele cuja consciência não é pura, conserva por tempo mais longo a impressão dessa matéria.

= O livro dos Espíritos - Allan kardec =  
( pergunta 164 )

Uma visita ao solar da morte

A morte tem sempre a conotação que a estreiteza do nosso pensamento lhe desenha. Para uns, é o dissolver-se no nada. Para outros, é a volta ao seio da divindade, anulando-se a individualidade, que retorna a generalidade que é Deus. Alguns a interpretam como causadora de uma metamorfose no Espírito, que havendo defendido certos postulados, o capacita ao paraíso dos eleitos, onde viverá eternamente na ociosidade melíflua do éden, que só existe em tais condições em suas cabeças. Terceiros, imaginam esse fenômeno biológico material e necessário, como um sonífero espiritual, impondo a letargia ao senhor da vida que é o espírito, a esperar que Jesus retorne em aleluias, tocando-o e despertando-o, para conviver assim e compartilhar da sua glória, amém. E a diversidade de interpretações não para por aí, posto que outros sustentam ser a morte, uma linha divisória ou fator de separação entre os que se amam, um eterno ranger de dentes para os maus, uma ceifadora injusta e incoerente, pois que muitas vezes poupa o facínora pondo à terra o servo fiel. Tais “filósofos” costumam taxar a morte de mensageira masoquista, posto que levando o proletário suporte da família, esquece o hanseniano por longas décadas em seu cárcere privado. Talvez de todos estes, o que pense mais infantilmente, seja aquele que se julga com credenciais para ocupar uma cadeira celeste, que passará a ser cativa para o seu Espírito, por ter tido o “mérito” de receber frágeis sacramentos, na sua passagem para o além túmulo, qual se a morte fosse um ato de canonização para os Espíritos que deles fazem uso.

Quimeras das quimeras, de quem ainda não aprendeu que nem todo aquele que morre santificado pelos homens, aparece santificado por Deus. Tolice das tolices, pois que ninguém salva ninguém, apenas a si próprio, pelo seu esforço em transformar-se para o bem, mediante a sublime melodia da caridade. Ingenuidade das ingenuidades, quando se pensa que a morte opera milagres, tais como transformar homens fúteis em santos, ignorantes em sábios, ociosos em trabalhadores, maledicentes em virtuosos. O real e admissível, é que a morte é uma lei da vida. Faz parte do ciclo vital, prescrevendo que todo ser vivo nasce, cresce, reproduz e morre. A morte iguala a todos, quando se estabelece como parágrafo da lei, da qual ninguém consegue subtrair-se. No entanto, ela é considerada a porta de libertação do Espírito, condenado a prisão celular que lhe retém por largos anos em abençoado concurso de aprendizagem. O medo que algumas pessoas relacionam com a morte, provém do desconhecimento, da deseducação, da

falta de espírito crítico e científico para com assunto de tal gravidade. Podemos acrescentar ainda que a morte apenas transfere o Espírito para a ambiência em que ele pensa e respira. Continuaremos os mesmos após a sua visita, em nada mudamos após o corpo servir como pasto as bactérias. A individualidade se sobrepõe ao evento, logo passado o período de perturbação, e diante da impossibilidade de ocorrências nas leis de Deus de metamorfoses instantâneas, capazes de nos atirar aos píncaros da glória sem o esforço de subida, voltamos a nós mesmos, ou seja, a condição de inferioridade ou amenidade a que nos condenamos. Pessimismo? Acho que a palavra é coerência.

Da terra, escola de aperfeiçoamento das almas, levamos os méritos e os deméritos apenas. Tudo o mais que se disser terá sido vã conversação, sementes atiradas ao pedregulho, cujo suporte inexistente para a frutificação.

Tenho conversado por longos anos, com irmãos, que após transpor o portal do túmulo, surpreendem-se vivos, mesmo após esfacelarem o cérebro, ou explodirem o coração com mortíferos petardos. Impossível vencer a vida, que uma vez criada já faz parte da eternidade, como o seu criador.

Em uma reunião de desobsessão, um médium foi desdobrado ao cemitério, acompanhado de amigos espirituais, para resgatar e trazer a reunião, uma mulher já desencarnada, cuja família muito se empenhara em orações a seu favor, sensibilizando os bons Espíritos, que por ela intercederam. Esse Espírito permanecia preso ao cadáver, com a idéia cristalizada de que era preciso recupera-lo, demorando-se nesse estado por várias semanas.

Eis o relato do médium.

... Estou desdobrado, e me encontro no cemitério. Comigo estão três amigos, já conhecidos nossos, que me advertem para o que vou presenciar. Um deles me diz: Em muitos dos seus desdobramentos as cenas mais desagradáveis e contundentes não são registradas por sua visão, que a isso lhe poupamos. Mas hoje, você verá tudo ao seu redor e deverá narrar com detalhes, para que sirva de estudo para o grupo. Você verá agora os mortos-vivos, aqueles que após o desencarne permanecem ligados ao corpo em decomposição, como se fossem satélites agregados aos despojos, sem a devida força de libertação. Penetramos agora por entre os túmulos. Estou percebendo o horror, o pavor, de que muitos são portadores. São espíritos deformados, roupas esfarrapadas, resto de areia nos olhos, na boca, pele ressequida, espectros, um misto de corpo e esqueleto em constante desespero. Eles perambulam entre os túmulos, sem ânimo de se afastarem deles. Alguns estão percebendo a nossa presença e tentam se aproximar, mas os Espíritos os afastam com um gesto de mão. O

quadro é tétrico. Alguns se apresentam dentro de caixões, outros gritam sob as picadas agudas dos vermes que os corroem. Estou observando um desses irmãos desesperado, que corre até o portão mas não consegue sair. Ele volta sempre ao local onde seu corpo foi sepultado, como se fosse atraído por um magnetismo superior a sua vontade.

Agora vamos na busca ao Espírito a quem temos que resgatar. Estou passando por um local onde depositaram restos de crânios e ossos. Aqui a vibração nos causa profundo mal-estar. vejo Espíritos sofridos, que procuram seus ossos, gritando como se fossem loucos, por não encontra-los. Nossos amigos estão explicando, que esses irmãos se voltavam exclusivamente para o aspecto material da vida. Foram avarentos inveterados, egoístas extremados, orgulhosos.

Localizamos a mulher. Ela não ouve. Está em frangalhos. Seu cabelo é eriçado e sujo. Cristalizou a idéia da morte e apenas vê e vive o seu pavor. Os Espíritos vão faze-la comunicar-se através de mim.

Quando a ligação foi feita, ela continuava ainda como se fosse em estado de choque. Não me ouvia. Pensava estar ainda no cemitério e apenas pedia socorro. Submeti-a ao choque anímico, ministrando uma descarga fluídica com ambas as mãos. A esquerda sobre a testa e a direita sobre a nuca. (região cervical da coluna)

Ela acordou. Saiu do torpor. Mas, o desespero continuava. Depois de razoável conversação, ela entendeu estar entre amigos e ter sido retirada do cemitério. Igualmente entendeu estar viva, embora que trajando farrapos e com o corpo (espiritual) com alguns hematomas. Pediu roupas novas e admirou-se por estar em um centro espírita. Segundo ela, não simpatizava com aquilo. Era católica, mas para sair daquele lugar aceitaria ajuda até dos espíritas.

De qualquer maneira, muito obrigado, disse-me em tom aliviado.  
E partiu para novas realidades.

Quais são em geral, as conseqüências do suicídio sobre o estado do Espírito?

As conseqüências do suicídio são muito diversas: não há penas fixadas, em todos os casos, são sempre relativas às causas que o provocaram. mas uma conseqüência à qual o suicida não pode fugir é o desapontamento. De resto, a sorte não é a mesma para todos: depende das circunstâncias. Alguns expiam a sua falta imediatamente, outros em uma nova existência que será pior que aquela da qual interromperam o curso.

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =  
( pergunta 975 )

## O suicida

Antes da reunião de desobsessão, notamos na aparência de um dos médiuns, a visível depressão de que era portador. Apresentava-se anêmico, sudoríparo, e com ligeira taquicardia, segundo nos informou. Sendo comuns tais ocorrências nestes dias, quando os sintomas provocados nos médiuns surgem motivados pelos enfermos a quem estão ligados, não nos empenhamos em auxílio imediato ao companheiro, preferindo aguardar a comunicação, o que ocorreria alguns minutos após.

Abrimos um parêntese, para dizer que muitos médiuns neófitos, sem orientação segura, estudo e vontade firme em aperfeiçoar suas mediunidades, ausentam-se da reunião por este motivo, julgando ser tais sintomas resultantes de suas anomalias físicas, que estranhamente só lhes acontecessem no dia da reunião. Perdem assim a oportunidade de auxiliar aos companheiros a que estão ligados, obrigando a que os mentores os desliguem, e improvisem o atendimento com outros médiuns presentes à reunião. Às vezes, a improvisação é feita com sucesso, e o irmão necessitado não precisa voltar e esperar mais uma semana para ser atendido. No entanto, na maioria das vezes, isso sobrecarrega os presentes, pois já contavam com suas cotas de trabalho preenchidas. Mas, que fazer? Submetem-se de boa vontade ao trabalho “extra”, na certeza que, é sempre melhor ser o doador, e que, em uma casa de trabalho e oração, seus habitantes não podem nem devem agir contrariamente as normas ditadas pela caridade, a qual unida a disciplina, devem formar os dois únicos e preciosos artigos da constituição de uma reunião desobsessiva.

Pois bem. Terminada a prece inicial, o companheiro gemeu em dor aguda.

- Me ajudem! Acho que vou desencarnar!

O grupo permaneceu em prece e três assistas acorreram em seus ofícios. O médium incorporado lançava jatos de vômitos sobre eles. A agonia atingia o ápice. Mais um pouco e talvez uma parada cardíaca fosse inevitável. De imediato, avisei a outro médium: prepare-se! Você vai receber esse Espírito! Mal terminei o aviso, os mentores o transportaram para o outro médium, que igualmente começou a vomitar e a debater-se em agonias profundas. Passados alguns instantes, onde a calma que o grupo soube demonstrar, as preces, os

passes e o amparo de Jesus atuaram como calmantes sobre o seu Espírito, ele aquietou-se e adormeceu.

Fiquei intrigado. Nunca assistira a cenas tão dramáticas quanto aquelas. Mas, como tudo é possível neste mundo, com exceção de Deus pecar, fiquei aguardando as explicações dos mentores que não se fizeram esperar.

“ Foi um caso de emergência. Esse irmão suicidou-se há quatro dias, e hoje, encontrando o médium, o acompanhou. Como ele não podia ficar ligado ao sofredor, pois isso lhe traria sérios danos à saúde, tivemos que providenciar o atendimento para que o enfermo adormecesse e pudesse ser deslocado para outra região. Participamos em conjunto desse tipo de trabalho durante o sono físico de vocês. Entretanto aqui foi uma emergência, que graças a Deus culminou em sucesso.

Por que tanto vômito, inquiri?

- O suicídio foi praticado com o uso de um forte veneno, o qual danificou todo o aparelho digestivo do infeliz irmão.

Os médiuns que auxiliaram o necessitado entraram em sono profundo durante toda a reunião. Um outro médium, em desdobramento, lhes acompanhou a região verdejante, descrevendo o atendimento de recuperação de energias efetuado em ambos. Os Espíritos deram-lhes passes e os deixaram em região saturada de fluidos vitais, no que se recuperaram plenamente.

No final da reunião perguntei ao médium que viera ligado ao suicida: Você está bem? Sim! Respondeu ele. Mas preciso urgente trocar de cueca.

Qual o tipo mais perfeito, que Deus ofereceu ao homem para lhe servir de guia e modelo?

Vede Jesus.

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =  
( pergunta 625 )

## O lagarto

Em “O Livro dos Espíritos”, respondendo a pergunta 625, o Espírito de Verdade adverte que Jesus é o nosso guia e modelo. O único a quem devemos seguir e imitar, em trânsito nas planícies ou pântanos desse planeta. mas, apesar do modelo indicado, muitos irmãos inadvertidamente, buscam outras imitações, que se diversificam no famoso bezerro de ouro, nas águias douradas, nos dragões fumegantes, nos leões bravios, e qualquer dia desses, não me espantarei, se aparecer para ser reverenciado, uma preguiça de barro. É notório, como o homem ainda preso a materialidade do ver para crer, ou sentir para aceitar, necessita do culto exterior, das imagens e símbolos, dos rituais e dos penduricalhos da vida, para formar uma adaptação, ou força-lo a uma convergência para o poder maior, muitas vezes tido e sentido como algo, por extensão igualmente material. Muitos irmãos ainda não se desvencilharam da idéia antropomórfica da divindade, e a cultuam no altar de suas mentes, imaginando Deus como um bondoso velhinho de barbas brancas, rodeado de anjos, cuja função precípua, é tocar harpas e voar ao seu redor em mesuras e cortesantias. Julgam outros, que existe um céu, lugar geográfico, para onde irão após a morte, igualmente para descansar e ouvir tais sinfonias. Pergunto: Será que por mais preguiçoso que alguém seja, vivendo cem anos sem nada fazer, não ficaria entediado com tal apatia? A verdade, é que os homens buscam conceitos, que não lhes obrigue a maiores esforços. Que apazigúe suas consciências atribuladas, forçando-as ao recolhimento silencioso, obscurecidas pela vontade de fuga. Tola ilusão! Ninguém foge de si mesmo. O homem moderno procura construir um castelo para suas necessidades materiais, deixando o sótão como habitação do Espírito. Vive buscando sistemas filosóficos inócuos, o desculpismo, e o que é pior, inverte valores e conceitos, de modo a fazer o erro parecer natural, sem prejuízos ou conseqüências posteriores, taxando as virtudes de coisas arcaicas e caretas, como se o verdadeiro pudesse tornar-se falso pela ação do tempo. No íntimo, são simples mecanismos de fugas, engendrados pela mente ociosa e desacostumada a disciplina, com a finalidade de amenizar as suas faltas

graves. O modernismo trouxe novos títulos aos desregramentos. Hoje, o caloteiro é chamado de empolgado. As uniões ilícitas são tidas como amizade colorida. Os ladrões são desajustados sociais. O desregrado social é viril. O desrespeitoso, deseducado, é neurótico. Aquele que desvia bens materiais a seu favor, e que engana a proveito próprio, tem apenas um desvio de personalidade. É psicótico. Possui uma psicose de querer para si o que é de outrem. (quando é rico. Se é pobre, baixa-se o pau e diz-se ladrão mesmo.)

Bem dizia Capistrano de abreu, moral austera digna de imitação, que se fosse autoridade, faria apenas uma lei com dois parágrafos.

Primeiro. Todo brasileiro é obrigado a ter vergonha

Segundo. Revoguem-se todas as disposições em contrário.

A respeito de imitação, no transcurso de uma reunião de desobsessão, o vidente me advertiu de algo estranho, a que estava observando. Via ao mesmo tempo, duas crianças semelhantes, no traje, no físico, na idade, e ambas traziam um ramallete de flores. A única diferença, era que o ramallete de uma delas estava um pouco murcho. Comunicou-se então a primeira. A voz era infantil, parecia meiga, e nos dizia querer distribuir flores para os participantes da reunião.

- Por que suas flores estão murchas? indaguei.

- mas elas não estão murchas.

- Estão sim! Estão queimadas e sem perfume.

A fisionomia do médium foi se transformando, retratando a metamorfose do comunicante.

- Acho que você devia ser sincero. Isso já é grande coisa em um homem.

Jogou então o ramallete fora num acesso de raiva e passou a insultar-me.

- Você não é capaz de ver flores? Pois veja se é capaz de dizer-me como estou agora! Agora eu sou você. E agora eu sou essa mulher. E agora eu sou esse careca...

E imitou, tomou a aparência de cada um de nós, em estranha fac-símile, como nos confidenciou o vidente após a reunião.

- Não é a toa que me chamam "O Lagarto". Tanto imito a voz, como a aparência. tomem cuidado, porque em breve eu voltarei aqui.

Seu plano era fazer-se passar pelos dirigentes da casa, dando-nos conselhos e passando-nos anotações que visavam desarticular, criar um clima de mal-estar, desconfiança, ciúmes, competição, no seio do grupo. Pretendia particularizar, citar nomes, elogiar, tornar-nos invigilantes, para que seus companheiros tivessem livre acesso ao trabalho do grupo.

Terminada a conversa com o lagarto, a criança Lucinha, desencarnada por um tiro, disse-nos do seu espanto por ver uma outra criança igual a ela, e presenteou-nos com rosas frescas e perfumadas.

Pensei então: como deve ser bela essa rosa que recebi. O Espírito para cria-la, deve ter o senso de estética, amor a natureza, a cor, ao perfume, sentir-se agradecido a Deus pela existência de tal ornamento dos campos.

Não! O lagarto não criaria uma dessas. O bem e o belo são inerentes aos bons Espíritos. Ele foi traído por este simples detalhe. Não ser capaz de criar uma flor.

Que pensar na crença no poder que teriam certas pessoas de fazer malefícios?

Certas pessoas têm um poder magnético muito grande, do qual podem fazer um mau uso se seu próprio Espírito é mau e, nesse caso, elas podem ser secundadas por outros maus Espíritos. Mas não acrediteis nesse pretendido poder mágico que não existe senão na imaginação de pessoas supersticiosas, ignorantes das verdadeiras lei da natureza. Os fatos que mencionam são fatos naturais mal observados e, sobretudo, mal compreendidos.

= O Livro dos Espíritos - Allan kardec - =  
( pergunta 552)

## Feitiçaria

Um visitante comum nas reuniões de desobsessão é o Espírito mercenário. Aquele que trabalha para prejudicar a outro, em troca de bebidas alcoólicas, charutos, sangues de animais abatidos e outras quinquilharias. São forçados a esta visita pelos encarregados da defesa e segurança dos trabalhos da casa espírita. Estes, são Espíritos robustos, índios, antigos milicianos, que formam uma espécie de tropa de choque, usando a energia quando necessário, mas nunca a violência, pois como sentinelas a serviço do bem, a ele se prestam, em seus ofícios mecânicos, mas interligados a harmonia geral da casa. Agem quando requisitados por seus superiores, para a guarda do templo espírita, trazendo obsessores renitentes, retirando à força Espíritos rebeldes das residências dos médiuns, indo aos cemitérios e escoltando os artífices da feitiçaria, ocasião em que eles se comunicam, neutralizando o trabalho que lhes fora encomendado sabe-se lá por qual invigilante. Quando eles se recusam a “desfazer” o trabalho, o que é incomum, competentes técnicos do plano espiritual procedem ao “desmancho”, de vez que entendidos em magia negra, estão a postos para estas eventualidades. A área delimitada pelo centro espírita sério, jamais está desprotegida. Sendo alvo de muitos ataques por parte da treva, está guardado por guerreiros, Espíritos que quando encarnados exercitavam-se e tinha afinidades com artes marciais, tendências belicosas, mas que agora fazendo opção pelo bem, de boa vontade se oferecem para zelar pela paz dinâmica do Centro, impedindo o ingresso nele de perturbadores e malfeitores comuns. Geralmente são irmãos sem grande lastro intelectual, mas bastante disciplinados e fiéis aos seus superiores, conscientes de que servindo ao bem geral, estão servindo a Jesus, e até mesmo àqueles a quem impedem algumas vezes, de cometer maiores desatinos.

Os espíritos ligados a feitiçaria, não se sentem bem nas reuniões espíritas. Observam o ambiente, e ao registrarem a ausência de rituais, símbolos, pontos riscados, cachaça, charutos... impacientam-se, preferindo a retirada, no que são tolhidos, para a conversação com o doutrinador. Tentam negociatas, ameaçam, dizem não levar ou desfazer seus trabalhos, mas, vigiados sob a mira de sentinelas que os trazem, sempre acabam por obedecer, mesmo a contragosto, a ordem do doutrinador.

Às vezes, acompanha os milicianos, o médium desdobrado, com finalidades de estudo e adestramento, no que observa o trabalho nos cemitérios, o sacrifício de sapos e bodes, o estripamento de gatos, o retirar de cinzas e cabelos de mortos, a colocação de nomes e figuras em vísceras e crânios ressequidos. Os Espíritos ignorantes necessitam dessa ritualística, por desconhecerem que todo o processo poderia resumido em uma ação conjunta da mente e dos fluidos, e também porque tais afazeres impressiona tanto a si próprios, como a qualquer um que, menos avisado dos processos cármicos, acredite no pretense poder maléfico de outrem em subverter a ordem natural do “destino” do ser humano. Batizam-se de nomes bizarros tais como: Caveira, Tranca rua, Negro Jesso, Mulher de sete maridos, Pomba-gira ... e, esperam pelo nome que ostentam, serem respeitados e temidos, quando não respeitando-se, pela marginalização que lhes impõem, apenas recebem do centro espírita, a caridade da prece, que rejeitam, e a disciplina dos milicianos, a que se submetem. Como manuseiam material grosseiro, impressionam-se com as armaduras, chicotes, espadas, arcos e flechas dos milicianos, e os temem, pela superioridade que estes apresentam.

Quem trabalha na desobsessão, sabe que a feitiçaria existe e é fecunda, embora que, como todo o mal, passageiro e transitório. Inútil negar a sua existência e a sua eficiência, bem entendido, se aquele que lhe sofre o tacho, deve à lei divina e nega-se ao pagamento através da moedas do amor.

Uma noite, comunicou-se um Espírito, dizendo-se vítima de feitiçaria, e estar com a barriga cheia de pregos.

Veja! Dizia ele. Quando pego aqui (no ventre) sinto as pontas dos pregos. E continuou com a sua história. Foi um trabalho que fizeram para mim. aquele homem do terreiro disse que eu nunca mais ia ter saúde. que eu ia morrer com a barriga cheia de pregos.

A indução fora fortíssima. Ele caíra na sintonia pelo medo. Aos poucos fora interiorizando aquela idéia dos pregos na barriga, e acabou por criar em sua mente o quadro descrito pelo feiticeiro.

Disse-lhe que ia retirar todos os pregos através de uma prece a Jesus.

- Será que Jesus tira esses pregos? Perguntou.

- Tira! Jesus não foi um carpinteiro? E não foi também o melhor médico? Quem melhor que um carpinteiro-médico para lhe tirar os pregos?

Ele concordou e começamos a prece. Durante a oração pedi mentalmente aos Espíritos amigos que lhe fizesse ver pregos em minhas mãos, e que por processos hipnóticos e magnéticos ele pudesse identificar tais objetos como sendo os que estavam em seu ventre, sentindo-se livre da flagelação.

Após a prece disse-lhe: agora olhe para minha mão. Retirei todos os pregos da sua barriga. Quando ele olhou para minha mão, apalpou o ventre, e num gesto de espanto perguntou-me: como você fez isso?

-Não fui eu! Foi o carpinteiro-médico que lhe falei

Ele tomou-se de admiração. Sorria. Dizia-se livre. Queria ir depressa mostrar o milagre a um seu amigo. Quando ia retirar-se, adverti-o.

- Espere! Tenho um recado do carpinteiro para você.

- Para mim?

- Sim! Para você. Deixou escrito uma frase para que você pudesse evitar uma outra doença.

- E qual é essa frase?

- Não peques mais, para que não te aconteça algo pior.

E saiu maravilhado.

... De resto, é certo que a substituição dos Espíritos pode dar lugar a uma multidão de enganos, e que disso pode resultar erros e, freqüentemente, mistificações; é essa uma dificuldade do Espiritismo prático; mas nós não dissemos jamais que esta ciência era uma coisa fácil, nem que se podia aprendê-la brincando, não mais que nenhuma outra ciência. Não é demasiado o repetir: ela exige um estudo assíduo e, freqüentemente, longo demais; não podendo provocar os fatos é preciso esperar que eles se apresentem e, no geral, eles são conduzidos por circunstâncias das quais nem ao menos se sonha. Para o observador atento e paciente, os fatos se produzem em quantidade, porque ele descobre milhares de nuances características que são, para ele, rasgos de luz. Assim o é nas ciências vulgares; enquanto que o homem superficial não vê em uma flor senão uma forma elegante, o sábio nela descobre tesouros pelo pensamento.

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =  
( introdução - tomo 12 - último parágrafo )

## A mordida

A mediunidade para nós, apesar de ser assunto de constantes estudos e debates, ainda é desconhecida em muitos pormenores. Quem dirige ou trabalha em reunião de desobsessão sabe do seu dinamismo, da sua diversificação, que nenhuma reunião iguala-se a outra, oferecendo base para pesquisas cada vez mais aprofundadas. Daí, a necessidade urgente e inadiável de os médiuns, e mais ainda o doutrinador, estudarem esse tema fecundo, criando paralelamente à reunião, um grupo de estudos espíritas, voltado para os debates das questões que enfrentam no cotidiano. Médiun sem estudo é aprendiz mistificado. Doutrinador sem estudo é dirigente ludibriado. Quem dirige a reunião deve, entre outras coisas, entender um pouco de psicologia humana, um pouco de História da Humanidade, para situar-se nos casos ligados a eventos históricos passados, e muito de doutrina espírita. Conhecer no mínimo a obra de Kardec, para saber argumentar e contra argumentar, moderadamente. O mesmo aconselha-se aos médiuns. Em mediunidade, apenas a boa vontade é insuficiente. Apenas o amor é ingenuidade. O médium sem estudo é a imagem real da ave decepada, na qual a única asa que possui, impede-lhe a condição de vôo. Mediunidade sem Kardec é apenas mediunismo, onde o praticante facilmente se deixa engodar pelo que vê, pelo que sente, ou pelo que ouve, não somente por excesso de confiança, mas também por ignorância, desconhecimento dos complexos mecanismos, que em conjunto, estruturam a teoria e a prática mediúnicas. Estudar e amar são portanto, palavras de ordem em uma reunião de desobsessão. Estudar os

fluidos, o perispírito, a obsessão, a mediunidade ... . Amar ao próximo e ao trabalho, pois sem amor a mediunidade, jamais haverá bons médiuns, visto que, para se exercer bem uma profissão, ou uma missão, é necessário amor ao que se faz. O resto é jogar conversa fora. Dizer-se sem tempo para o estudo é argumentar sem solidez. Muitos dizem não sobrar tempo para o estudo mas desperdiçam horas frente a televisão, em conversa fútil, no excesso de sono, nas pseudos necessidades de lazer e em atendimentos as etiquetas sociais. Ânimo para o estudo! Suor no trabalho! Ausentar-se disso, é candidatar-se ao título tão comum na humanidade moderna, falando-se em termos de verdades espirituais, qual seja , o de ignorante.

Um dos médiuns da nossa seara, bastante estudioso e criterioso, certa feita encontrava-se em casa, quando defrontou-se com um Espírito em atitude zombeteira e agressiva. Ele mudava o aspecto, ora apresentando-se com um ser normal, ora como um vampiro de longas presas, prestes a atacar-lhe. O médium, conhecedor da plasticidade do perispírito e só seu comando através da mente, informa ao Espírito, não temer a sua aparência, visto tratar-se de modificações perispirituais facilmente introduzidas a sua estrutura, por uma vontade firme. O Espírito, vendo que não conseguia arrancar-lhe a serenidade, pois pretendia desestruturá-lo pelo pavor que sempre infundia com a sua presença, disse-lhe: você foi salvo pelos seus conhecimentos. Eu pretendia provocar-lhe um susto tão grande, a tal ponto que o seu coração de beato parasse de bater. Mas, pelo seu atrevimento, e por estar pensando que eu não posso causar-lhe nenhum mal, vou lhe deixar a minha marca. E deu-lhe tremenda dentada na nuca, deixando a região afetada, dolorido por alguns dias.

Pensei que isso não poderia me acontecer. Que os irmãos me protegeriam, disse-me o médium.

Às vezes, certas lições são necessárias para o nosso aperfeiçoamento, concluimos juntos. Homem confiante é homem sensato, mas o homem confiante e prevenido tem o seu valor dobrado.

Os Espíritos têm sexo?

Não como o entendeis, pois, os sexos dependem do organismo. Entre eles há amor e simpatia baseados na identidade de sentimentos.

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =  
(pergunta 200)

## Sexo entre os Espíritos

Centralizamos o debate em uma das reuniões de estudos doutrinários, no tema sexo. Como não podia deixar de ser, foi o assunto foi aprofundado, ultrapassando as fronteiras do túmulo. Alguns neófitos não sabiam da existência ou não do exercício sexual após a morte. Se existia, qual a razão dos vampiros sexuais? se não ocorria tal procedimento, como o Espírito que foi sexualmente ativo como encarnado, poderia superar após desencarnado, esse desejo, essa força tida por alguns como necessidade imperiosa, visto ser a intensidade desse desejo um problema mental? E a problemática da gestação? Por que estaria restrita apenas aos encarnados? Não seria igualmente lógico, no caso de concreto ser o exercício da sexualidade no mundo dos Espíritos, que os desencarnados também engravidassem? Eram as dúvidas de alguns.

Fizemos a nossa parte. Estudamos. Os Espíritos fizeram a deles. Trouxeram-nos esclarecimentos e depoimentos a respeito.

Do que pesquisamos, concluímos que existe o exercício sexual no plano dos desencarnados. Esse exercício está subordinado ao nível moral-intelectual, que gradativamente o vai sublimando, substituindo-o pela confiança e compreensão mútua, onde o carinho sentido um pelo outro no casal, passa a se expressar pela sintonia de pensamento, pela alegria de estar juntos, na ternura do olhar, nas energias que transmitem sem a necessidade do toque. É o amor que vai se aperfeiçoando.

Quanto aos vampiros sexuais, estes, são Espíritos cuja densidade de seus perispíritos não se contenta somente com o exercício do sexo no mundo em que habitam, cujo ato sexual não oferece o prazer material carregado de energias grosseiras, culminando em clima animalesco, com todo o seu cortejo de rugidos, fungados e atritos celulares. Sendo o perispírito de matéria mais sutil que o corpo físico, lógico se esperar que todas as emoções que podem ser expressas através dele, e que dependem da sua funcionalidade orgânica, igualmente sejam mais refinadas, sem o teor animalizado da matéria que caracteriza os encarnados. O que ocorre, é que sendo o sexo um problema mental, o encarnado desregrado em seu uso, não o é menos ao desencarnar. Como o desencarne não lhe tira as exigências do vício a que se ligou, e não obtendo a mesma cota de prazer ao fazer sexo no mesmo plano, opta por vampirizar um encarnado, sentindo como ele e com ele, as emoções fugidias do sexo. Passam, pela lei da sintonia, a um conúbio intenso com seus afins, impelindo-os a extravagâncias na área do sexo, resultando em uma parasitose, onde ambos se locupletam e trabalham para um mesmo fim. Nos casos de vampirismo, não existe simbiose, por estar bem caracterizado um prejuízo real para ambos, em termos evolutivos. Symbiose quer dizer benefícios recíprocos, e no caso em questão, há prejuízos recíprocos.

Quanto a problemática da gestação, que entre os encarnados é possibilitada pelo uso do sexo, firma-se graças a atuação dos Espíritos, que promovem a reencarnação, atuando nos planos de Deus para a evolução deles próprios. O Espírito reencarna para habitar e atuar no mundo material como aprendiz da vida. Passado esse estágio, ele volta ao lar antigo e verdadeiro, de malas e bagagens transportando consigo todo o aprendizado que conseguiu acumular. Na reencarnação o perispírito é reduzido e recoberto com a matéria densa que formará seu novo instrumento de trabalho e evolução. Se teoricamente supormos uma reencarnação no plano espiritual, qual a sua utilidade? O perispírito seria reduzido e acoplado a outro perispírito, e nada mais haveria, visto não existir matéria orgânica para revesti-lo, ou tornar a sua textura em nível de organização diferente daquela que o abriga.

Trouxeram-nos os Espíritos, um vampiro sexual, que nos confirmou as conclusões a que chegamos. No entanto, foi recomendado que a médium ficasse um mínimo de tempo ligada a esse vampiro, pois o mesmo poderia sugar-lhe as energias. Perguntei-lhe: Por que vocês nos procuram, se no plano espiritual existe bebidas, drogas, fumo, sexo ...

- Porque aqui tudo é mais fraco. E porque vocês nos chamam pelo pensamento. Já tentamos atacar alguns de vocês durante o sono, mas não conseguimos por causa das rezas de vocês e dos beatos.

Após a comunicação, o médium disse sentir durante o transe, excitações e até contrações na área sexual. Os videntes descreveram esse vampiro, como portador de órgãos sexuais exagerados, deformados, pela constante fixação do seu pensamento na obtenção de prazer sexual.

Se o médium é de baixa moral, os Espíritos inferiores se agrupam em torno dele e estão sempre prontos a tomar o lugar dos bons Espíritos a que ele apelou. As qualidades que atraem de preferência os Espíritos bons são: a bondade, a benevolência, a simplicidade de coração, o amor ao próximo, o desprendimento das coisas materiais. Os defeitos que os afastam são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões pelas quais o homem se apegua à matéria.

= O Livro dos Médiuns - Allan Kardec =

( cap. XX - tomo 227)

## A invigilância

Muito cedo fui advertido pelos Espíritos, da minha responsabilidade quanto aos trabalhos escritos. Era um velho compromisso assumido. E compromisso assumido é compromisso cumprido, é o conselho que tenho escutado por parte desses amigos. Revelaram-me os amigos espirituais, que em outras encarnações eu já escrevera algo, mas que devido a perseguições religiosas, fui impedido de publicar os meus escritos. Esse era o momento oportuno para publicá-los, visto o preconceito não ser tão acirrado como no passado. Com a finalidade de preparar-me para essa tarefa, criei um grupo de estudos espíritas, atuando na área filosófica-científica, onde por duas vezes ao mês, nos reuníamos, para que pudéssemos através da mediunidade psicofônica, psicográfica e sobretudo do desdobramento, pesquisar, estudar, dialogar, assistir experiências, cirurgias, tratamentos, filmes, aulas, acidentes, resgates, e toda sorte de atividades positivas vinculadas ao plano espiritual, com o aval dos Espíritos amigos que nos tomaram como aprendizes. Todavia, solicitaram-nos a disciplina através do estudo metódico, pelo menos meia hora por dia, da vigilância e da oração, pois a tarefa do esclarecimento espiritual, pela luminosidade que se faz portadora, tem contra si a antipatia

dos ignorantes, que sentindo-se infelizes, queimam-se de inveja daqueles que, através do esforço, moralizam-se e libertam-se pelo conhecimento das verdades, sendo considerados inimigos por tal desiderato.

O mundo espiritual é desconhecido. Mesmo para os que lá residem. Com seus inumeráveis cenários, criados e aglutinados pelo pensamento dos circunstantes, é de diversificação tão intensa, quanto o é o pensamento daqueles que o habitam. Variam de regiões plenas de luz e cor, adocicadas pela harmonia dos bons pensamentos, a treva mais densa, onde gritos, uivos, figuras pavorosas, se deslocam, trabalhadas pela dor e o sofrimento, pois não há paz e alegria senão na luz. Nessas regiões trevosas, existem as organizações chefiadas por Espíritos perversos, que por sua crueldade não suplantada pelos demais, assumem a posição de mando, organizando perseguições, vinganças, vampirizações, disseminando pesar e lágrimas, em vasta população encarnada e desencarnada que deve à vida. Daí são arrancados pelo arrependimento ou pelo basta da lei, e através de reencarnações compulsórias caracterizadas pela idiotia, loucura ou severa patogenia, são encaminhados ao mundo que ajudaram a piorar, para a colheita de seus frutos. Alguns são aprisionados em regiões do plano espiritual, pois sendo seus estados vibratórios insuportáveis para o renascimento, posto que poderiam levar à morte quem os acolhesse no ventre, necessitam primeiramente de um estágio para alijamento de tão lancinante carga. Outros seguem a planetas mais inferiores, compatíveis com a sua conduta, sendo forçados a uma mudança senão de hábitos, pelos menos de cenário, onde estarão em companhia de seus afins, que responderão na maioria das vezes, a ofensa com a ofensa.

Alguns desses Espíritos se organizaram contra o nosso grupo de estudos, resultando em tremenda pressão sobre os médiuns, forçando-os a redobrada vigilância no dia a dia. Aqui, a situação na área doméstica de um se agravava pela afobação de seus familiares invigilantes. Ali, inimigos gratuitos no trabalho, afiavam suas tesouras em pesadas críticas. Outros eram perturbados por dores de cabeça e insônias. Terceiros se desmotivavam nos estudos. Era a invigilância. Mas os Espíritos amigos não interferiam em nosso livre arbítrio.

Começamos então a reunião, armando o cenário costumeiro. Ligamos o gravador, microfones, lançamos no ar a música e procedemos ao teste de gravação. O gravador funcionava mas não gravava nenhum som. Passamos a revisão minuciosa da aparelhagem. Nenhum resultado prático obtivemos. Nova revisão e testes efetuamos e nova decepção. Iniciamos a reunião sem o som. No entanto, o deixamos ligados para um último teste, feito com a leitura

do evangelho que sempre é precedido pela prece inicial. Voltamos a fita, e para alegria nossa, a leitura do evangelho havia sido gravada. Iniciara-se a gravação em baixa intensidade sonora, que gradativamente fora se elevando, sendo finalizada em condições normais de escuta. Segui-se então a palavra do nosso instrutor, esclarecendo a situação.

“Nós, que formamos a equipe responsável por este trabalho, não medimos esforços, dia e noite, para que as informações que nos são solicitadas, cheguem até vocês com o máximo de fidelidade possível. Mas também, a equipe solicita dos médiuns, vigilância, disciplina, dedicação. Não estamos desapontados. Estamos apreensivos pelo trabalho de hoje, em que os esforços foram redobrados, por causa da invigilância de alguns médiuns. A equipe encarregada dos trabalhos teve que efetuar um serviço quase que braçal. Retirar Espíritos do ambiente, sintonizados com os médiuns, pela ausência de vigilância no pensar. O trabalho que aqui se faz é seríssimo e voltado para as informações futuras, onde uma equipe de mais de vinte cientistas responsáveis, se dedicam em contínua concentração, para o esclarecimento dos irmãos. Esse trabalho que nós desencarnados, e vocês encarnados, desenvolvemos, tem utilidade para os dois planos, posto que, as informações organizadas em livros, têm aplicação aqui no mundo espiritual, para fins de estudos e experiências. Médicos, pesquisadores, estudantes, buscam estudar e aprender com vocês. Esse é o nosso recado, para lembrar que a disciplina, a vigilância, a oração, o estudo, o amor, a dedicação, devem fazer parte da vida de todos nós. Lembro que todos se comprometeram em ajudar na tarefa das informações. Todos reencarnaram sabendo que seriam ajudantes nessa tarefa de copilação. Nós não podemos estar vinte e quatro horas com vocês, para neutralizar pensamentos negativos e sintonias formadas. Não podemos fazer a parte que cabe a cada um. Meu recado é um chamamento a responsabilidade. Jesus Cristo é o nosso único modelo. Ele nos ensinou a vigiar e orar. E o médium espírita não pode esquecer os fundamentos básicos de sua vida, que são esses.

Muita paz! Muita luz! Não queremos de maneira alguma que se sintam intimidados, repreendidos ou obrigados a fazer o que lhes dissermos. Mas, que a lição de hoje sirva de advertência, pois assim como a observação de uma cirurgia serve como lição científica, a queda por invigilância deve servir como lição moral. Jesus esteja sempre com todos nós.”

Nessa noite, os videntes observaram fora do centro e igualmente no interior do recinto, vários Espíritos dispostos a interferir no nosso estudo, sendo que alguns, pelo poder mental desenvolvido, aliado a técnicas já dominadas por eles, conseguiram interferir no gravador, para que a mensagem

não ficasse gravada na fita. Somente com a prece, a leitura do evangelho e a música ambiente, foi possível aos trabalhadores da casa neutralizar a sintonia formada, retirando do recinto a tropa que viera combater-nos. Claro que eles conseguiriam sem a nossa ajuda. Mas era necessário quebrar a sintonia. Caso contrário, os chamados pelo pensamento invigilante nos aguardariam fora do centro espírita, para nova temporada de aventuras. O gravador funcionou maravilhosamente durante o restante da reunião sob os olhares espantados de alguns médiuns.

Avaliamo-nos. Era verdade! Em sã consciência havíamos falhado na lição primária para quem adentra em tais caminhos. **A VIGILÂNCIA.**

Certas pessoas crêm ter uma vaga lembrança de um passado desconhecido que se lhes apresenta como a imagem fugidia de um sonho que se procura em vão reter. Essa idéia não é uma ilusão?

Algumas vezes é real; mas, freqüentemente, é uma ilusão contra a qual é preciso se colcar em guarda, porque pode ser o efeito de uma imaginação superexcitada.

= O Livro dos Espíritos - Allan kardec =  
( pergunta 396 )

## Reencarnou em atlântida

Não causa admiração, por ser comum nos centros espíritas, entre os aprendizes desta doutrina, pessoas que adoram ser enganadas, elogiadas, empavonadas. recebem a chuva de confetes e lantejoulas, robustecendo pelo avesso o seu eu, supervalorizando inexistentes tesouros que julgam possuir, quando estes, são antes de tudo, produto de esforço e perseverança nas exaustivas batalhas que empreendemos contra nós mesmos, empregando a lixa nas arestas e o buril nas deformações. Muitos de nós, possuímos a nosso respeito, a idéia de que somos evoluídos, posto que gozamos de relativa saúde, vamos sobrevivendo apesar da crise econômica e social, não desencarnou tragicamente ainda nenhum dos nossos filhos e a miséria

absoluta ainda não ronda a nossa palhoça. Ocorre, que muitas vezes, os problemas graves ainda se distanciam de nós, por excesso de fragilidade em nossos Espíritos, pois caso tivéssemos que sorver o amargo cálice da provação no momento presente, seríamos esmagados, paralisados, ante a superlativa dor, que necessita de robusto suporte moral, conquistado somente no contexto evangélico, e instalado a duras esforços em nosso coração. Entramos no Espiritismo, mas, o Espiritismo não entra em nós, forçando-nos a construção de nossa fé, cujas paredes devem ser de disciplina e a cobertura de caridade. Mas, sempre chega o dia em que estando preparado o aprendiz, o mestre aparece traçando-lhe as lições necessárias. Em muitos casos, o mestre é invariavelmente a dor.

Os ingratos costumam dizer: depois que passei a ser espírita, (que blasfêmia!) tudo tem piorado para mim. Ingratidão!. Bem se diz quando a colocam como agudo espinho nas mãos daqueles que viram as costas ao benefício prestado. O orgulho venda-lhes os olhos, e não percebem que a misericórdia de Deus os encaminhou ao Espiritismo, para que conhecendo as razões da dor, do destino e da vida, pudessem interpretá-las, segundo os méritos e deméritos que possuem, a elas subordinando-se em dinâmica transformação.

Estava sentado, meditando um pouco, antes da reunião, quando uma senhora, neófita na doutrina, me abordou risonha. Já tive várias vezes o mesmo sonho, disse-me ela. Vejo-me em certa área de terra, com água a minha direita e a minha esquerda. É um cenário que me lembra a Atlântida. Penso que já reencarnei lá e esses sonhos são recordações dessa remota existência. O que você acha? Surpreendeu-me com aquela pergunta infantil.

- É possível minha irmã! Mas é possível também que seja o Atlântico, alguma ponta de praia que a irmã tenha visitado.

- Não! Não! Estou certa que é Atlântida mesmo.

Seguindo o velho conselho de meu pai, que dizia: para conversas loucas orelhas moucas, desconversei imprimindo novo rumo ao diálogo.

Durante a reunião, aproveitei o ensejo e perguntei: Chico! (trabalhador desencarnado de nossa casa) você ouviu aquela conversa lá fora com aquela senhora?

- Sim! A razão do sonho é um trauma que ela não conseguiu superar, adquirido quando morava junto a poluída lagoa onde morreu afogada.



O homicídio é um crime aos olhos de Deus?

Sim, um grande crime, porque aquele que tira a vida de seu semelhante, corta uma vida de expiação ou de missão, e aí está o mal.

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =  
( pergunta 746 )

Um punhal para o doutrinador

O quinto mandamento bíblico, não matarás, é tomado por muitos, como referência a ser usada somente nos seres humanos, quando a sua real interpretação estende-se sobre tudo aquilo que tem vida, ou a ela relacione-se. Não matar o ser humano, o animal, o vegetal, a esperança, a harmonia, a alegria...

Pessoas há tão derrotistas, que contaminam ou envenenam o dia ensolarado do irmão, retirando-lhe o assobio dos lábios, escurecendo a réstia de microscópica felicidade que este conseguiu reter, como motivação para aquele dia. Esquecem que nunca se deve tirar a esperança de alguém, pois pode ocorrer que esse alguém só possua este tesouro na vida. E como procedem? Com o seu pessimismo, o seu egoísmo, o seu punhal em forma de palavra, que ora apresenta-se azeda, ora crítica, ora maliciosa ou odienta. A felicidade integral ainda não é desse mundo, bem o sabemos. Mas, a felicidade reduzida, o instante feliz, o momento pleno de emoção desinteressada, este nós podemos construí-lo com o nosso suor e o nosso amor. Tudo se situa no campo das prioridades do espírito. Para alguns, o máximo da satisfação é curtir um filme pornográfico ou passar uma noitada entre garrafas e cigarros, comentando o trivial e a futilidade. Essa é a falsa satisfação que gera uma falsa felicidade, o que patenteia-se na depressão orgânica e moral que surge no momento posterior. Para outros, o máximo da satisfação é o trabalho espírita, o atendimento a necessitados, a visita ao leprosário, o remédio ao doente. Essa satisfação gera uma felicidade relativa que fortalece o Espírito, vigor que se reflete no seu físico em forma de jovialidade, de brilho auricular, de paz de consciência. Não é a paz de consciência um estado de felicidade? Matar portanto, só aos nossos vícios e defeitos, através de férrea disciplina, administrada por amor a nós, facultando-nos a ausência de maiores dores futuras. Amando-nos sem narcisismo, poderemos amar aos nossos semelhantes. Igualmente poderemos preparar o banquete do amor na presença dos nossos inimigos, como lembra o salmista. E quais são os nossos maiores inimigos? Se perguntarmos a nossa consciência esta não se recusa em responder.

A respeito de matar, recebi em plena reunião de desobsessão um aviso do médium vidente auxiliar, que aproximava-se sorrateiro de minha pessoa, um padre com um punhal escondido dentro da bíblia. Preparei-me. sabia que os dirigentes da casa haviam permitido o seu ingresso no ambiente para que pudéssemos auxiliá-lo de alguma forma.

De repente, o médium sobressaltou-se como se tivesse sido atingido por um choque. Era apenas o impacto do fluido grosseiro do companheiro comunicante. Ele trazia a mão fechada em atitude agressiva, e após olhar ao redor da sala, falou como para consigo mesmo: estou procurando uma pessoa para dar-lhe um presente...

- O presente é este que você traz escondido na bíblia?

- Como é que você sabe? Você é bruxo?

- Não meu irmão! Fui advertido que você trazia um punhal escondido.

- O punhal é para você! Vou mata-lo!

Levantou o braço e tentou desferir o golpe. Não conseguiu concluir o gesto. Foi contido pelo médium e pelo Espírito, que imobilizaram a sua mão.

- Por que você quer me matar?

- Porque você está atrapalhando demais os nossos planos.

- Mas você não leu, não viu que o punhal estava justamente sobre a página onde estava escrito, não matará?

- Eu não sou padre. Apenas me disfarcei para entrar aqui e mata-lo. esse punhal não é para o seu corpo. É uma arma especial para atingir o seu perispírito. Ainda vou conseguir seu bruxo. Seus dias estão contados.

- Sei que estão contados amigo. Mas a soma foi feita por Deus e não por você.

Segundos após a comunicação do médium, este, através de psicografia, trouxe-nos o seguinte recado de nosso dirigente.

“Esse irmão pertence a uma organização trevosa conhecida pela sua crueldade, frieza e maldade. Seu chefe intitula-se: Golias, o grande! Eles lutam com grande agressividade para atingirem seus objetivos. Rotulam-se de “Filhos das trevas”. Lembramos aos irmãos que somente a fortaleza, a harmonia, a união de pensamentos no amor, deve ser a nossa arma contra as suas investidas.

Pode um homem mau, com a ajuda de um mau Espírito que lhe é devotado, fazer mal ao seu próximo?

Não, Deus não o permitiria

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =  
( pergunta 551 )

## Técnica de combate

É sabido por todos que ingressam nas fileiras mediúnicas, que o escudo da prece e a armadura da vigilância, são ferramentas do cotidiano na

construção de muralha protetora, contra o assédio dos Espíritos imperfeitos. Estes, diuturnamente nos observam, como um clínico a auscultar os sintomas, que sempre existem em nossa intimidade, visto não nos encontrarmos ainda ausentes da tão desejada saúde moral que nos colocaria a salvo de tais companhias. Sempre recomendamos que o ambiente da reunião de desobsessão fique resguardado de conversações fúteis, ou mesmo amena, sobre fatos acontecidos na semana, sendo este conselho de difícil acolhimento, em virtude da invigilância dos médiuns. Ali no recinto, já se encontram os necessitados, os obsessores, os suicidas, bem como observadores nossos, em atentas avaliações da nossa boa vontade e responsabilidade. Ficar no recinto da reunião, mesmo por breve minuto que lhe anteceda, somente para preces ou meditações na temática do bem, harmonizando-se assim com o clima psíquico e salutar já preparado pelos operários da caridade.

Em uma dessas conversações, uma das médiuns falava sobre pequena enfermidade no seu marido, também trabalhador da casa, atuando junto a doutrinação de Espíritos, em reunião de educação mediúnica. Dizia a irmã: Meu marido há três dias está com um sério problema na coluna. Ele não está podendo nem se mexer. Pediu para que nós fizéssemos uma vibração para ele.

Durante a reunião, comunica-se um companheiro, com ares de vencedor, e se dirige a companheira cujo marido estava enfermo. “Eu já iniciei o trabalho de acabar com o grupinho. Comecei pelos mais fracos. Bastou um jeitinho na coluna e ele caiu como uma galinha morta.”

Tive no momento cristalina intuição de que era um pobre sofredor querendo tirar vantagem com a informação que ouvira. Estava se fazendo passar por feiticeiro, imputando a si poderes que não possuía, virtudes as quais nem sequer entendia. Pensava talvez que isso o tornasse temido, respeitado, que o doutrinador o tratasse com distinção pelo pseudo estrago que ele dizia ter causado em nossas tarefas.

Estudando o caso mais detalhadamente depois da reunião, registramos as conseqüências que poderiam advir para o grupo, caso acolhêssemos a sua ameaça.

A atitude tomada pelo companheiro ao denominar-se autor da enfermidade em nosso trabalhador, nada mais era que uma técnica de combate muito usada pelos Espíritos que se comprazem em dispersar atuantes de grupos espíritas. Sua intenção era na realidade;

1. Tornar o doutrinador enfermo, desacreditado frente ao grupo, que poderia julgá-lo invigilante, atitude esta que possibilitara a ação do agressor, por alguma brecha ou espaço cedido a ele.

2. Deixar o próprio companheiro (doutrinador) em dúvida quanto ao bom desempenho de sua função, podendo torna-lo indeciso, vulnerável e menos enérgico para com ele, agressor, por reconhecer-se igualmente falho. Esse pensamento é perigoso demais para quem é doutrinador.

3. Exaltar e tornar patente, o seu pseudo poder de ascendência sobre os médiuns, subtraindo-lhes a saúde e tornando-os inativos, O médium que o tomasse a conta de possuir tais poderes, entrando na faixa do medo, ficaria neutralizado para o serviço e teria grandes possibilidades de realmente adoecer.

Fizemos esses esclarecimentos, a guisa de estudo, mas conscientes que o companheiro enfermo não se deixaria levar imaturamente pela patranha de um principiante das refinadas artes do engodo.

Os Espíritos influem sobre os nossos pensamentos e nossas ações?

A esse respeito a sua influência é maior do que credes porque freqüentemente são eles que vos dirigem.

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =  
( pergunta 459 )

Interferência

A interferência em nossa vida é fator comum, tanto no que se refere aos efeitos climáticos, quanto a intromissão material e psíquica, intercambiando parcelas nossas por parcelas dos nossos afins. Alimentamos e somos alimentados pelo nosso pensar. É nesse campo, o campo dos pensamentos, que as interferências mais se avolumam, a tal ponto de lançarmos no ar, uma onda mental transmissora de idéias deprimentes e provocarmos a depressão em alguém que se faça receptor através de uma sintonia. Devemos pensar que involuntariamente, podemos promover o otimismo e o pessimismo pelos pensamentos que emitimos, desde que a sintonia exista, e bem sabemos que ela existe em algum ser, algum lugar, para qualquer tipo de pensamento emitido. Daí nunca estarmos a sós. Sempre estamos vinculados a companhias que se identificam com o nosso clima psíquico, que nos buscam pela conhecida lei de afinidade. Importa porém, aqui distinguirmos o pensar convicto do pensar acomodado. Quem pensa e tem convicção do seu pensamento, age conforme idealiza, caracterizando-se como fiel a si mesmo. E quem pensa acomodadamente, age conforme o menor esforço, não sendo fiel a seu pensamento, tal como foi engendrado. assume a posição daquele que vê o bem aprova o bem, mas não faz o bem, qual seja, a maioria dos habitantes da terra. Pensar positivamente significa confiar que pode realizar transformações, construções, a partir de si próprio. Sendo o pensamento criador, modelador, mesmo entre os encarnados, significa que nessa arquitetura, da qual somos partícipes, as técnicas são inúmeras e as formas variadíssimas. Esforcemo-nos para aperfeiçoar nossas construções, dando-lhes utilidade, coerência e beleza, a semelhança das construções do divino arquiteto.

Ao iniciar o trabalho datilográfico de uma página introdutória para um estudo sobre a morte, comeci as iniciais do título, que seria seguido de um poema de Manuel Bandeira, intitulado “a Morte Absoluta”, e errei seguidamente por três vezes, obrigando-me aos exigidos reparos. Coloquei nova folha de papel na máquina, e decidido a concentrar-me no teclado a fim de evitar novos transtornos, eis que, após escrever a palavra morte, a máquina emperrou, forçando a ligeira vistoria na mesma, sem nada de anormal detectar. Desliguei-a e tornei a liga-la para o reinício de trabalho. Tudo aparentava tranquilidade. Após alguns toques, novo entrave. Parei. Estaria o texto mal redigido? Intrigado resolvi ler o poema mais detidamente.

Morrer.

Morrer de corpo e alma.  
completamente.

.....

Ao final da leitura do poema, notei o teor pessimista da mensagem que iria encistada no delicado estudo sobre a morte. Resolvi então substituir tal introdução, por uma outra mensagem , agora traduzindo esperança, reencontro, alegria. A máquina deslizou sem impecilhos, até o final do capítulo.

A noite, na reunião costumeira, minha mãe, já desencarnada, disse-me através da psicofonia de uma amiga. “Mas você é cabeça dura filho! Não sabe o trabalho que me deu para parar a sua máquina. Tive que ir atrás de um técnico, já que você não estava me escutando. Agora você aprendeu. Nem tudo que é belo é oportuno.”

Aprendi e concordei. A poesia retratava a solidão, um momento depressivo do poeta, a doença que lhe marcou os anos e lhe frustrara os amores. Fiquei concorde com a minha mãe, quando ela encerrou a comunicação dizendo: meu filho! Na gramática do Espírito morte rima com esperança. Ânimo poeta! Ainda lhe falta alguns madrigais nesse seu livro.

O Espiritismo tornar-se-á uma crença popular ou ficará circunscrito a algumas pessoas?

Certamente ele se tornará uma crença popular, e marcará uma nova época na história da Humanidade, porque está na natureza e é chegado o tempo em que ele deve tomar lugar entre os conhecimentos humanos. Entretanto, ele terá grandes lutas a sustentar, mais ainda contra o interesse que contra a convicção, porque não é preciso dissimular que há gente interessada em combatê-lo, uns por amor-próprio, outros por causas inteiramente materiais. Mas os contraditores, achando-se mais e mais isolados, serão forçados a pensar como todo o mundo, sob pena de se tornarem ridículos.

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =

( pergunta 798)

## Inimigos do Espiritismo

Apesar dos comoventes testemunhos e da grandeza ímpar dos seus postulados, o Espiritismo conta com inúmeros inimigos, arregimentados nas fileiras dos ignorantes, dos hipócritas, dos acomodados em seus dogmas, e sobretudo, entre aqueles que portanto a má fé, conscientemente laboram no sentido de reverter a esmagadora tsunami espírita.

Desertores, acusadores, malversadores, dilapidadores da doutrina, cremos que existiram ainda por muito tempo. Morcegos, que acostumados a sombra espessa, incomodam-se ante a luminosidade estelar dos ensinamentos espíritas, e procuram embota-los com o negrume dos seus atos. Ao se certificarem que a função da doutrina é a de libertação do homem da sua carapaça de egoísmo, de que a evolução se impõe por acérrima batalha do homem contra si mesmo, de que o crescer espiritualmente a que estamos condenados é uma atitude intransferível, acovardam-se e refugiam-se nas suas insignificâncias e fragilidades, optando pela tentativa de burlarem a si mesmos e a seus irmãos. No entanto, não há como escurecer a mensagem espírita. A lucidez foi a marca registrada de Kardec ao estrutura-la.

Os centros espíritas encontram-se geralmente sob fogo cerrado de seus inimigos encarnados e desencarnados. épocas há, em que a pressão é tamanha, por parte dos desencarnados agitadores, que a vida dos médiuns se torna um suplício, somente aliviado pela fidelidade a Jesus, procedimento que confere créditos para intervenções e proteções por parte dos bons Espíritos, junto aqueles que perseveram na estrada da luz.

Houve uma ocasião, na fase de estruturação de nosso grupo mediúnico, em que os Espíritos trevosos, após sucessivas tentativas de desestabilização da casa espírita sem lograrem êxito, reuniram-se sob o comando de um deles, o mais cruel e tirano, investindo em todas as frentes como a querer sufocarnos e forçar-nos a renunciar ao trabalho. Os problemas foram se avolumando. Aqui uma doença em casa. Ali a explosão incontida de um invigilante, por eles usado, no trabalho ou no lar. Os melindres entraram em cena festejados pela ribalta das fofocas. Havia ainda os cansados desejosos de feriados, os sem tempo para o estudo e os insatisfeitos contra os constantes conselhos dos bons Espíritos, que incentivavam o ânimo e a oração.

Em plena reunião de desobsessão, quando a vibração decaía pela apatia de alguns, estando os Espíritos que nos orientavam, de mãos dadas formando um cordão de isolamento em torno da mesa, portando escudos e aparelhos a nos protegerem de flexadas e descargas fluídicas perniciosas, os

Espíritos trevosos trouxeram um mutilado, que apresentando-se sanguinolento, foi solto em plena sala para generalizar o pânico. O instrutor comunica-se e diz: todos em oração! Nenhuma força há que supere a oração. Sustentamos a batalha. Reunimo-nos porém após a reunião, para deliberarmos sobre o ocorrido, no que resultou o recordar das regras gerais estabelecidas pelo grupo e divulgadas a cada participante, por ocasião do seu ingresso no trabalho prático. Eis portanto o resultado de nossa reunião.

1. Vivência irrestrita da solidariedade. Na dor, nos problemas pessoais, na alegria
2. A qualidade é prioritária e não a quantidade
3. Observância moral e alimentar, pelo menos no dia da reunião
4. O médium que faltar a uma reunião, na próxima, não irá para a mesa e sim para a sub corrente
5. O médium que ausentar-se por três reuniões seguidas, sem um motivo realmente sério que justifique o seu impedimento, será substituído
6. Não deverá assistir ou participar da reunião, companheiros não integrados nela
7. Os médiuns deverão participar de outras atividades do centro
8. Os médiuns deverão freqüentar o grupo de estudos mediúnicos, criado para aperfeiçoamento doutrinário dos mesmos
9. Nenhum médio revelará as suas intuições durante a reunião, a não ser com criterioso exame da coerência e da urgência das mesmas
- 10 Só o doutrinador falará com o Espírito comunicante.

Após arrumada a casa, quer dizer, fortalecidas as grades da disciplina, o cadeado da oração, as dobradiças da vigilância e as trancas da caridade, a paz voltou a reinar como antes no quartel de Abrantes

Até quando? Perguntei baixinho a mim mesmo.

Pode-se libertar da influência dos Espíritos que nos solicitam ao mal?

Sim, porque eles não se ligam senão aos que os solicitam por seus desejos ou os atraem por seus pensamentos.

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =  
( pergunta 467 )

## Desagradável companhia

O problema da companhia, prende-se em última análise, aos tipos de pensamentos que emitimos no ar, frutos da nossa intimidade. Pensar significa, pela ótica da Física, emitir ondas carregadas de informações, imagens e até colorido. Quando essas ondas são persistentes, refletindo um desejo do Espírito, eis que ocorrem em atende-lo, ou em simplesmente acompanha-los, seus iguais, que por união de esforços e mentes, influenciando-se reciprocamente, alimentando-se da mesma atmosfera ou clima psíquico, no fenômeno da sintonia gerada, partem para a materialização do sonho buscado, do desejo alimentado, do ideal acalentado, da idéia obsidente. Nada melhor para identificar o Espírito, que os seus pensamentos. Somos o que pensamos, e quando exteriorizamos a idéia, fruto do nosso pensamento, é sempre aquilo que caracteriza o conteúdo do nosso coração. O estudo do pensamento, como fator de atração e repulsão entre os Espíritos, veio destruir a idéia da solidão entre os mesmos. Ninguém está só, desde que pense. E se pensa, pela lei das probabilidades, deve existir um outro que pense, pelo menos em relação a alguns conceitos da vida, de maneira análoga. Se pensam semelhantemente, estão na mesma frequência, de onde se conclui que, em pensamento, estão solidários e presentes, um na vida do outro, pois onde está o pensamento, está o Espírito que o criou. Temos portanto, as companhias que conquistamos pelo nosso pensar, e as mantemos ou repelimos, justamente pelo nosso pensar. São as nuvens de testemunhas das quais nos falou Paulo de Tarso, que semelhante a nós, por uma identificação clara e firme na área psíquica, o que nos torna univitelinos em relação a elas, manifestam-se em nós e através de nós, disseminando aquilo que lhes caracteriza, promovendo a alegria ou mal-estar, por imposição das idéias que agasalhem. Pensar, entre encarnados e desencarnados, é a arte da manifestação pela criação. Através dessa arte promovemos encontros e desencontros, construímos e destruímos, conforme seja o teor, benigno ou letal, da onda gerada por nós. Cuidar pois de selecionar os pensamentos, vigiar o verbo, acautelar-se no agir, são atitudes sensatas no aprendiz espírita. Agir como garimpeiro, separando na mina da

mente, o cascalho, que são os pensamentos fúteis, e retendo para lapidação o diamante, que é o pensamento translúcido, jóia rara, que promove o bem. Infelizmente, grande parte da humanidade faz o oposto. Usa o cascalho das paixões materiais, soterrando o diamante da elevação espiritual.

Em um desdobramento efetuado por um dos médiuns, em reunião de estudos doutrinários, o médium percebeu que não estava sozinho. Seguiu-lhe desagradável companhia, a ele ligado, ligação efetuada através de uma sintonia, criada não pela sua maneira constante de pensar no objeto que dera margem a ligação, mas por uma certa deseducação em não saber desligar-se no momento preciso, de tal pensamento ou desejo. Contribuiu para o processo de ligação do Espírito ao médium, sem que este soubesse de tal ocorrência, o ambiente desagradável e promíscuo, freqüentado por viciados e prostitutas pelo lado material, e de farta vampirização pelo lado espiritual, onde ele se vê obrigado a tomar o ônibus que o leva até as proximidades do centro espírita.

Eis como ele próprio narra o que lhe sucedeu após o desdobramento.

... Nós estamos em uma sala, onde observamos algumas pessoas executando músicas. É uma orquestra, regida por um senhor bastante adestrado. Ao meu lado, um irmão que não conheço, diz que eu preciso voltar a determinado local, porque está havendo uma interferência na minha faixa mental, na minha vibração. Esta interferência ocorreu não por minha total responsabilidade. Um Espírito aproximou-se de mim hoje, no local onde eu apanho a lotação, e seguiu junto comigo em desdobramento, como se estivesse imantado em meu perispírito. O meu retorno é para que os Espíritos façam o desligamento. Esse vampiro imantou-se a mim sem que eu percebesse. Uma de suas ventosas está presa as minhas costas e a outra a meus órgãos intestinais. Agora, uma mulher está ministrando um passe sobre o vampiro, que ao sentir descargas energéticas a semelhança de choques, afasta-se aborrecido. Dois guardas o estão levando para a reunião que está ocorrendo no andar de baixo (desobsessão) onde ele deverá manifestar-se se houver médiuns adestrados para isso.

Fui levado agora à rua 24 de maio, a rua onde ocorreu a ligação. Estou na esquina da 24 de maio com Castro e Silva. Aqui há uma nuvem de Espíritos, como se estivessem gritando, lutando reivindicando alguma coisa. Noto que a maioria deles possui deformações físicas. Alguns vestem trajes estranhos. Outros se vestem como malandros, de chapéu, muitos bêbados e meretrizes. O Espírito que me trouxe aqui diz que é necessário que eu saia da faixa mental desses Espíritos, mas eu não estou conseguindo. Estou um pouco confuso e não consigo subir, livrando-me deles. Como dirigente acorri junto

ao amigo e disse-lhe: Vamos orar em conjunto. E oramos! A proporção que rogávamos a Jesus o amparo e a proteção, o médium foi se elevando, e no final da oração exclamou: Eu consegui! Consegui subir! Estou bem no alto! Vejo as luzes bem pequenas.

... Estou novamente na sala de música. Há um piano branco e uma pessoa tocando uma música muito bonita e harmoniosa. O irmão que me acompanhou e que me trouxe de volta, explica que esses acordes precisam penetrar em mim para que as notas musicais possam neutralizar os fluidos deixados pelo vampiro em meu perispírito. As notas são fortes, mas suaves ao mesmo tempo.

Após o atendimento do médium é que conseguimos iniciar a reunião de estudos programada para aquele dia.

Conversei com o médium posteriormente sobre o ocorrido. Havia sido invigilante no seu pensar. E concluímos ambos: Quão frágeis e dissonantes somos, que pequena linha nos arranca a sintonia e nos leva a ventania, que ao seu sabor nos distancia, o quanto deixarmos, do seguro porto da vigilância. Basta um filme erótico, um pensamento lascivo, um desejo oculto na área sexual. É o bastante para formar uma sintonia, uma indução com ambientes dessa natureza.

Vou pensar bem no que pensar, disse-me. E no momento em que pensar, redargüi.

Quando os Espíritos não respondem a certas perguntas é porque não querem ou por que uma potência superior se opõe a certas revelações?

Uma coisa e outra. Há coisas que não podem ser reveladas e outras que o Espírito não conhece.

- Insistindo-se bastante o Espírito acabará por responder?

- Não, o Espírito que não quer responder pode retirar-se sem dificuldade. É por isso que convém esperar quando vos mandam e sobretudo não insistir para obter resposta. A insistência por uma resposta que não vos querem dar é um meio certo de ser enganado.

= O Livro dos Médiuns - Allan Kardec =  
( cap. XXVI - tomo 288- pergunta 5)

## Regra doutrinária

Toma-se como regra geral durante uma reunião de desobsessão, somente o doutrinador falar com o Espírito comunicante, a fim de evitar conversações paralelas, peditórios, observações inócuas ou inadequadas ao momento, generalizando a conversação em canto lamuriento ou agressões coletivas. O doutrinador deve estar atento aos movimentos e palavras do visitante, ocasião em que procura traçar um perfil psicológico do mesmo, classificando-o para si, como enviado ou não, da parte do bem, impondo a partir de então o rumo adequado ao diálogo.

Quando o comunicante fala em demasia, procurando gastar o tempo a ele concedido pelos bons Espíritos, é a hora da prece, que quase sempre impõe silêncio ou respeito ao palrador. Quando o comunicante direciona a palavra a alguém em particular na reunião, em tática sutil de envolvimento, este deve permanecer silencioso, empenhado em sua concentração ou mentalização. Igualmente, não deve o médium interpelar o comunicante, pois este não é, na maioria das vezes, correio do além, médico espiritual, mágico ou advinho, que possa saber onde se encontra o sobrinho da prima da bisavó do interessado, desencarnada no século passado. Enquanto o médium está emprestando as suas cordas vocais ao comunicante, que as utiliza em suas motivações, sob o controle mental disciplinado daquele que lhe ampara, os demais devem obrigatoriamente permanecer em prece silenciosa ou vibração dinâmica, sem curiosidade acerca da comunicação, ou formulando juízo de quem fala. Os dirigentes da reunião pelo lado espiritual, procuram sempre intuir o doutrinador, já cientes na regra de que somente este é o porta-voz da espiritualidade no diálogo, cabendo-lhe deliberar e impor o ritmo dos trabalhos. Daí, as intuições chegadas aos médiuns, principalmente neófitos, não serem divulgadas apressadamente, mas antes, passadas pela peneira das três perguntas seguintes:

De onde vem?

De quem vem?

Por que vem?

Após o médium que recebeu alguma intuição responder a si mesmo de maneira satisfatória as essas três perguntas, ou seja, se vem de fonte fidedigna, se é oportuna, urgente e necessária, ele poderá fazer um sinal discreto ao doutrinador, revelando em tom coloquial e de maneira sintética, o conteúdo da informação captada.

A esse respeito, iniciando o diálogo com um irmão desencarnado, procurando auscultar-lhe a intimidade visto jamais perguntarmos o nome, idade, sexo ou similares, posto não ter a conversa características de interrogatório, mesmo porque muitos deles desconhecem suas próprias identidades pela alienação que ostentam, o saudei a maneira dos cristãos primitivos desejando-lhe paz. Como ele continuasse calado, uma irmã que fazia o papel de médium de vibração, ao identifica-lo através da vidência, o denunciou em voz alta para que todos ouvissem. (imprudência que só a falta de estudo e sensibilidade são capazes de justificar)

-Esse é o obsessor do nosso irmão M----. Disse a invigilante médium

- Obsessor é você sua velha fofoqueira! Respondeu o comunicante.

Foi um momento desagradável que o tato remediou. Tratando-se de reunião de desobsessão, devemos agir como nossos antepassados, que tomavam a palavra como sendo de prata e consideravam o silêncio de ouro. Ou como os chineses, que justificam a concentração e a contemplação que cultivam como hábito salutar, com a seguinte frase: “Quando as palavras valem menos que o silêncio, é melhor que se fique em silêncio.” Ou ainda como o cidadão não erudito da nossa terra, repreendendo ao lingua-solta. “Em boca fechada não entra mosca!.

Por que no mundo, os maus, tão freqüentemente, sobrepujam os bons em influência?

Pela fraqueza dos bons; os maus são intrigantes e audaciosos, os bons são tímidos. Quando estes o quiserem, dominarão.

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =  
( pergunta 932 )

## A terapia da obediência

é comum nas reuniões de desobsessão, o Espírito rebelde não aceitar a argumentação do doutrinador, repelindo os conceitos evangélicos que lhe capacitariam senão a paz, pelo menos o conforto de ausentar-se da incômoda posição de devedor sem posses, iniciando o pagamento parcelado de suas promissórias cármicas. Além da recusa formal, demonstrada pela agressividade e intolerância, pois que não esbofeteia o doutrinador devido o severo controle que o médium lhe impõe, ainda usa de todos os meios ao seu alcance para ridicularizá-lo. Uma das técnicas mais usadas por tais irmãos, é a de falar ininterruptamente, sem permitir que o doutrinador use a palavra. Com esta técnica, eles visam dois pontos, para eles, capitais. O comunicante que apresenta tais características vem disposto a não ouvir, pois não ouvindo os lembretes evangélicos que lhe soam como reprimendas e acusações, reforçadas pela sua consciência, ele julga permanecer invulnerável em sua posição de satélite de uma idéia anestesiante, que funciona como antolho contra a luz celestial, embora saiba em sua intimidade que, contra a luz celestial não existem barreiras. Em assim procedendo evita também ceder ao chamamento da ternura, que possui o poder de abrir as portas do remorso ou do arrependimento, dando vazão ao sentimento positivo, que às vezes, encontra-se levemente adormecido pelo narcótico do ódio e da insensatez. A ternura tem o poder de abrir corações de pedra e derreter o gelo das grandes inimizades. Ninguém resiste a ternura por muito tempo. Ou se aceita o seu carinho, ou foge-se dela. Isso ocorre, quando o doutrinador agindo com habilidade, após escutar o drama do comunicante, que mesmo a contra gosto acaba revelando, detecta em seu escuro caminhar, alguma fagulha argêntea que o felicitou no passado. Essa fagulha pode surgir na figura de uma mãe, esposa, filha, de um amigo ... . O importante é trazer de volta essa emoção,

que ele deliberadamente faz questão de deixar lacrada em cofre forte, posto que ela tem o poder de quebrar-lhe a guarda, franquiar uma passagem para a esperança que ele quer e não quer, pois teme fragilizar-se ao contato com ela. Então ele fala como um tonto, para que o doutrinador fique a margem, e aquilo que deveria ser um diálogo torne-se um monólogo. Uma outra maneira de intimidação ao doutrinador, visando desmoralizá-lo, é a recusa do Espírito em deixar o médium, desfazendo a ligação e conseqüentemente a doutrinação, que muitas vezes nem se efetua. Ele pode simplesmente dizer: Eu não vou sair! E agora? O que você vai fazer? Vai me amarrar? Me bater?. Muitas vezes eles são retirados à força pelos guardas milicianos, sentinelas da casa espírita. De outras vezes, através de técnicas hipnóticas, os Espíritos o fazem sentir-se com o corpo em brasa, com queimaduras e coceiras contundentes, enorme peso na cabeça, chicoteados. Em absoluto isso se constitui falta de caridade. É uma medida disciplinar necessária, sem a qual o Espírito que assim procedesse, recusando-se a deixar o médium, simplesmente tomaria todo o tempo da reunião em ameaças e improperios. O médium pode bloquear uma comunicação. Mas, após a mesma concretizar-se, torna-se dificultoso o alojamento do hóspede abrigado. Por esse motivo o rigor das técnicas usadas, que visam exclusivamente mostrar ao Espírito revel, que o seu pretenso poder é muito limitado e que a disciplina é regra áurea da reunião.

Lembro-me que certa feita, um desses Espíritos garantiu que não deixaria o médium, e que poderíamos usar a técnica que desejássemos. Permaneci tranqüilo e cerrei a mente em oração silenciosa. Ele passou a sentir chicotadas sobre o dorso e a dizer: índio covarde! A cada chicotada, contorcia-se como a sentir profunda dor. Suportou apenas três doses. Disse baixinho, talvez para consigo mesmo: não vale a pena apanhar por tão pouco. O índio a que ele se referia é um dos milicianos da casa. Um Espírito de aspecto físico muito robusto, que foi resgatado após o desencarne por nossos amigos espirituais e, sentindo-se agradecido com o tratamento que lhe foi dispensado, ofereceu seus serviços na luta do bem contra a ignorância. Em outra oportunidade, agindo em outro companheiro rebelde e teimoso, os Espíritos o fizeram sentir-se tolhido através de cordas. Ele não cedeu. Veio a cegueira. Ele passou a não mais visualizar nada a seu redor. Apenas a treva de que se dizia filho. Por último, a sensação da pedra na cabeça que lhe curvava para a frente, impossibilitando-o de voltar a posição vertical. Foi então que disse em tom de retirada: vocês são pior que a gente!

Um terceiro, que teimou em permanecer junto ao médium, para que seus companheiros, atuando junto ao grupo, este não continuasse o seu trabalho de atendimento aos enfermos, foi convidado a deixar-nos por um

outro método bastante persuasivo. Notando que o evangelho não lhe penetrava a consciência naquele momento, visto recebe-lo com zombaria e sarcasmo, procedi a prece costumeira, dele despedindo-me desejando-lhe paz. E quem foi que disse que eu vou sair? Foi a sua resposta.

- Você está preparado para as conseqüências da sua recusa?

- Muito bem preparado! Para o que der e vier.

E bateu o pé no chão com muita força

- Não torne a fazer isso! Dessa vez você teve sorte em não ter furado o pé com os pregos que eu coloquei no chão.

Ele bateu com mais força. Emitiu porém violento grito de dor. Teve o pé perfurado por um prego, e entre choro e lamentos, qual menino desconsolado e contrariado, retirou-se tachando-me de feiticeiro.

Assim é aplicada a terapia da obediência em tais irmãos, que indigentes, julgando-se superiores, inadaptados com o bem ousam afronta-lo, para que o clima desarmônico tão peculiar em suas vidas, demore-se o mais possível, anestesiando-os contra os afagos da quietude dinâmica da paz.

Certo que são Espíritos necessitados. Mas a caridade adocicada do evangelho, não lhes penetra no momento na espessa couraça de ódio e indiferença a que se acostumaram. A disciplina, e não a violência, aqui se faz imperiosa, para que a força bruta não se sobreponha a harmonia geral, em um mundo onde ela já bastante elástica pela omissão dos bons.

Poder-se-ia acusar a Deus de mal pelo câncer, a hanseníase, a amputação do recém-nascido?

Na história dos semeadores alguns não utilizaram a gleba para a prosperidade dos urtigais e outros em vastos trigais?

Seria possível à vida, sábia na matemática das penas e recompensas, tergiversar em tão delicado tema?

O celibato voluntário é um estado de perfeição meritório aos olhos de Deus?

Não, e os que vivem assim por egoísmo desagradam a Deus e enganam a todo mundo.

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =

( pergunta 698 )

## Emergência

A simples palavra, emergência, pronunciada em um hospital, desencadeia um processo vexatório em todos aqueles encarregados de velar pela harmonia dos trabalhos. Aceleraram-se os enfermeiros, máquinas e sirenes são acionadas, os esforços são redobrados e os sentidos aguçados sob o açoitado da necessidade que violentou a cadência reinante. O centro espírita não está imune ao ritmo que essa palavra imprime. Funcionando como um hospital e oficina de trabalho, é natural que os necessitados em regime de urgência e os circunstantes que lhes buscam os préstimos, alguns vinculados, outros subjugados a falanges trevosas, façam soar a sirene, cuja função é aglutinar esforços e mentes na salvaguarda da casa e de seus trabalhadores. Ora é o obsidiado que chega em camisa de força, para que a terapia do passe e da prece lhe domine a fúria, a exigir as reservas de boa vontade e amor dos devotados obreiros. De outras vezes são os desencarnados, que sitiando o templo, auxiliados por algumas mentes invigilantes que lá estacionam, provocam verdadeiros desacertos, sempre apaziguados pelo gesto maior da ação benéfica, rotineiramente criticada e vilipendiada pelos críticos e juizes do mundo, nomeados pela preguiça e azedume que portam. Assim ocorre, porque o Espiritismo tem muitos inimigos gratuitos, que não conhecendo nem querendo conhecer a sua excelência doutrinária, atacam-no levianamente, adicionando um lastro de preocupações ao montante que já existe com os freqüentadores acomodados que apenas pedem benefícios, sem verterem uma gota de suor em favor da casa ou da causa, quando podem muito fazer pelo seu crescimento. É a emergência pois, evidência corriqueira na casa espírita,

tanto entre encarnados quanto desencarnados, pois que trabalham em equipe, sendo a imensa maioria de tais personagens ainda frágeis e carentes do amparo e da fortaleza de Jesus. Um que outro palrador pode as vezes, como em todas as religiões, julgar-se redimido, quando a sua presença entre nós é fator seguro de que fala a linguagem solta da presunção e do orgulho. Mas, essa linguagem só engana a quem lhe toma por dialeto, pois fácil se torna a quem a escuta, traduzi-la acertadamente, pela clareza meridiana que se estabelece no contraste com a ação evangélica. Contrapondo-se a emergência, funcionando como profilaxia para a sua não instalação, está o orar e vigiar aconselhado por Jesus. Vigiar principalmente o pensamento, precursor da ação e agente materializante de costumeiros melindres e picuinhas na casa espírita. É pelo pensamento que a sintonia com a treva se estabelece e se adentra nos templos de trabalho, qual se aquele que sintoniza em objetivos antagônicos aos da casa espírita, ao menos em uma angulação, a mesma que lhe fragiliza e lhe torna vulnerável, fosse um agente inimigo infiltrado nas fileiras do bem, a exigir uma vigilância dos milicianos, sobre a sua invigilância. Explico: Uma pessoa pode contemplar e aprovar a caridade exercida na seara espírita. Pode mostrar-se amiga e solidária frente a outros companheiros de caminhada. Mas, se possui uma viciação, uma tendência que se projeta a exigir-lhe atos concretos, tais como os vinculados as drogas, ao exercício sexual desregrado, eis a brecha, a porta aberta, o ponto vulnerável para o ataque trevoso. Não falo aqui dos comportamentos tidos e havidos como normais. Quando me refiro ao uso do sexo, absolutamente não estou pregando a sua abstenção. Falo de abusos, de desregramentos, da prioridade que se lhe dá, em detrimento das obrigações e responsabilidades do Espírito.

Pois foi justamente um desses companheiros, que através dessa porta aberta, provocou um verdadeiro estado de emergência em pela reunião de desobsessão. O ponto vulnerável desse companheiro, era o seu comportamento sexual. Estava em meio a reunião, quando o médium vidente auxiliar, me fez leve sinal, confidenciando-me a presença de um Espírito, que estava provocando com suas atitudes grotescas, um verdadeiro pandemônio entre a clientela sofrida desencarnada. Esse Espírito havia descido a vestimenta, e mostrava o órgão sexual, que apresentava-se desproporcional, deformado e escoriado, semeando ligeiro pânico com tais gestos, e muito mais pelas sua vibrações. O seu estado mental, cristalizado no momento do orgasmo, como se ele fosse todo um êxtase ou frenesi, caracterizando-lhe como louco, espalhou variados estigmas nos circunstantes. Mal-estar em alguns, desmaios em enfermos e convalescentes, espanto e correria em outros.

Uma mulher enferma, sentindo talvez o ressurgir de antigos vícios, embalada pelas vibrações sexuais deste louco, assumiu a posição de coito. Tudo isso o vidente me descreveu em alguns segundos. Como doutrinador, solicitei ao grupo a união de mentes em prece silenciosa, atitude típica de uma emergência. Sabia que esse vampiro não poderia ficar mais que três segundos incorporado, para não prejudicar a saúde do médium. Os milicianos, que para segura-lo escudaram-se com armaduras contra suas vibrações, o lançaram junto ao médium. Nada falou. Apenas o frenesi e tremores, mantendo os braços erguidos por imposição do próprio médium, pois seu desejo era tocar-se nas partes íntimas, em ânsia masturbadora, como me confessou posteriormente. Apenas demorou o suficiente, para que eu segurasse as suas mãos e lhe dissesse: o que queremos meu irmão, é que você saia daqui em nome de Deus! Ele despreendeu-se. Saiu do recinto escoltado por quatro milicianos com armaduras, deixando profundo mal-estar no médium e na população desencarnada. Após a sua saída, comunica-se um trabalhador da casa para explicar maiores detalhes.

“Esse irmão, foi trazido por um visitante nosso, que durante o sono sintonizou com ele em seus objetivos. Nós permitimos o seu ingresso na reunião, para tornar claro a necessidade da vigilância em nossos atos, para servir como estudos e debates, o seu estado de loucura motivado pelo mau uso do sexo, e também para afasta-lo de sua recente companhia, evitando maiores transtornos. Ele provocou alguns danos, já contornados. Alguns enfermos ficaram em perturbação muito grande, e os que estavam mais fracos, sentiram-se agoniados. Devemos fazer agora uma prece em voz alta, para que os enfermos possam ouvir e sair do estado de perturbação que ainda se encontram, desviando suas atenções para o enfoque da prece. Pedimos também que se mantenham em meditação por dois minutos apenas, tempo necessário para a neutralização dos fluidos por ele deixados, voltando a sala ao estado de higiene em que se encontrava. Repito que foi uma emergência, graças a Deus contornada com sucesso.

No final da reunião, comentamos já a caminho de casa: quem sabe se esses casos de taras sexuais, onde estupradores abusam de suas vítimas, às vezes até crianças, e as torturam e matam, não são teleguiados por tais sofrendores?

É ! concordou o médium de transporte, pois que sempre me dá uma carona até em casa.

O sonambulismo pode ser considerado como uma variedade da faculdade mediúnica, ou melhor, trata-se de duas ordens de fenômenos que se encontram freqüentemente reunidos. O sonâmbulo age por influência do seu próprio Espírito. É a alma que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe além dos limites dos sentidos. O que ele diz procede dele mesmo. Em geral, suas idéias são mais justas do que no estado normal, seus conhecimentos são mais amplos porque sua alma está livre. Numa palavra, ele vive por antecipação a vida dos Espíritos.

= o Livro dos Médiuns - Allan Kardec =

( cap. XIV - tomo 172 )

## Questionamentos

É comum ver-se espíritas ortodoxos, cerrar barreiras contra a inclusão no estudo espírita, de pontos não abordados por Kardec. Pararam no tempo e no espaço, esquecendo que o Espiritismo é uma doutrina evolutiva, e que o seu processo crítico, configura-se também na disposição de acompanhar o desenvolvimento das ciências, prioritariamente, aquelas que lhes são afins. Não foi o coordenador da doutrina que mencionou a necessidade de a mesma caminhar par e passo com a ciência? Quando a humanidade encontrava-se preparada para uma interpretação mais racional das leis divinas, não nos visitou Jesus, ministrando tal atualização, adaptando os ensinamentos a nova realidade da época? O Espiritismo não veio como passo posterior, seguindo a mesma linha de pensamento e raciocínio? Perguntamos aos temerosos do avanço doutrinário em áreas não mencionadas por Kardec: qual a razão? fobia do novo? Descrença na sinceridade dos pesquisadores? preguiça de estudar? Esperam revelações contundentes do plano espiritual ditando fórmulas e normas? Medo de expor seus pensamentos com a coerência doutrinária? Se tudo evolui, como o Espiritismo pode ficar restrito ao que Kardec mencionou? Já não invadem os Espíritos os canais de televisão, os telefones, os gravadores e os computadores? Não é ostensiva a participação do pensamento dos desencarnados nas artes, nas ciências e na filosofia? Estão aí as sinfonias, as

pictogravuras, as psicografias, as materializações, os transportes, as cirurgias ... será que todos esses fatos e argumentos, não são suficientes para mostrar a vontade e o impulso dos desencarnados nesse contexto evolucionista? Em absoluto não estou julgando a genialidade de Kardec estanque ou superada. Eu a louvo, e conclamo aos estudiosos de boa vontade, prosseguirem na mesma linha de pesquisa austera e coerente com os princípios já estabelecidos. O espírita deve preocupar-se em formar a sua opinião doutrinária a respeito dos eventos novos, que os próprios Espíritos mostram no dia a dia. Isso é assunto da ciência. Esse tema não pertence a minha religião. Aquilo que o orador falou não passa de enxerto. A codificação não fala sobre o tema por isso não me interessou. Frases que bem demonstram a estreiteza da visão de quem as pronuncia, e a facilidade com que atestam a incompetência, em focalizar o assunto sob a angulação religiosa a que se filia. Em doutrina espírita existe resposta para tudo, porque estuda aquele que tudo criou. Aprofunda-se no entendimento do criador, da criatura e da criação, temática onde se encontra o cerne das indagações humanas. Prender-se ao que Kardec bateu e rebateu, já seria muito se o fizessem com afínco. Todavia, do espírita autêntico espera-se mais. O alongamento filosófico, a objetividade prática, o buscar científico. O mais que se disser como argumento em contrário, sempre será fruto da acomodação. Acomodação que se disfarça com mil máscaras, travestindo-se de verdade, mas que não resiste ao toque vibrátil da coragem. Senão vejamos: Paulo de Tarso, após o desencarne, encontrou-se cego no plano espiritual, caído embaixo de uma árvore amiga. O homem precisa servir a Deus, ainda que tateando em densas trevas. Foi o que ele pensou, levantando-se para a ação. És cego? Paralítico? Hanseniano? Canceroso?. Mesmo que a resposta fosse um sim, seria melhor que a morte te encontrasse com um livro na mão que em conversações estéreis acerca da cor da porta do céu, onde julgas adentrar-te logo mais.

Conversando com um confrade, homem nascido na doutrina, tido como conhecedor das intrincadas questões mediúnicas, este confidenciou-me: conheço um médium, que se desdobra quase todas as reuniões, e vai buscar o Espírito necessitado em longínquas áreas, trazendo-o para comunicar-se. Não acredito nessas coisas. Se vai com os Espíritos, por que estes não vão sozinhos e trazem o necessitado? Nada respondi, por falta de oportunidade, pois o início da palestra nos distanciou, interrompendo o diálogo. Fiquei pensando nos desdobramentos citados. Ora, o desdobramento é uma faculdade mediúnica de grande valia nas reuniões de desobsessão, bem como instrumento de revelação e confronto, no que tange os dois planos onde

trabalhamos. Eu já os tenho assistido e auxiliado as centenas. E nas mesmas condições que ele aludira, sem motivos de descrença na veracidade dos mesmos. Por que a dúvida, ou melhor, a reprovação do companheiro? Rebusquei a memória, dela retirando velhas lembranças, que as transcrevo. São resgates, onde nossos médiuns se desdobram a regiões de difícil acesso, secundados pelas nossas vibrações e orações.

1. ... O local onde me encontro é muito quente. Aparenta ser uma espécie de cratera vulcânica. Sinto um calor horrível que está me causando pesado mal-estar. O instrutor diz que esse recanto se destina ao aprisionamento, pelos Espíritos encarregados de limpar o ambiente espiritual, dos criminosos agressivos e violentos. São espíritos cruéis, que aqui ficam isolados, em virtude de suas tendências guerreiras. Apesar de funcionar como uma prisão, eles não sabem que são prisioneiros nesse ambiente. São mentes capazes de muita crueldade. Observo alguns. Possuem aspectos animais. Quase perderam a forma humana. Estamos aqui para resgatar uma jovem que assassinou toda a sua família, com requintes de crueldade. Ha anos ela se encontra aqui. Por intercessão de sua mãe, ela vai ser resgatada e levada a um educandário, onde deverá reabilitar-se através do trabalho. Existe uma espécie de guarda que mora aqui. Esse homem possui cachorros. Esses animais descobrem o Espírito pelas vibrações.

2. Estamos andando em uma floresta muito fechada. Tão espessa que a luz não consegue penetrar. A proporção que vamos adiante, a paisagem vai se modificando. Atravessamos um rio, cuja água é amarelada, barrenta. As vibrações do ar parecem modificadas, pesadas, se posso dizer assim. Estamos agora amarrados uns aos outros, e eu me situo no meio da fila indiana. Atingimos uma região deserta. Não vejo uma árvore sequer, e tudo parece escuro como a noite. A paisagem é formada por pedras escorregadias, lodo, furnas... . Sinto o corpo tão pesado que me desloco com grande dificuldade. O Espírito que vamos resgatar não tem mais a forma humana. Ele já foi localizado atrás de umas pedras e, apesar da escuridão nossos amigos dizem que é ele mesmo. Engraçado é que consigo ver no escuro. Sinto que o rosto desse Espírito é humano e diviso muito bem placas dérmicas em lugar de sua pele. Seus braços são curtos terminando em garras. ( o médium sente muita dificuldade em falar e respirar. Quase não escutamos a sua conversa com os Espíritos). - Por que tenho que ir na frente? Ele está fugindo! Como vou chama-lo? Chamar pelo nome? Mas qual é o seu nome? Neide? Então é uma mulher? Neide! Ela escutou! Ela vai me atacar...! (incorporação).

O médium passou a rosnar tendo-se-lhe encurvado as mãos em forma de garras. Procurei chamando-a pelo nome, lembrar-lhe a condição humana. Falei de seus pais, da sua infância, de como sua mãe lhe ensinou a orar. Ela conseguiu articular o nome mãe, ficando a repeti-lo sucessivamente. Apesar dos passes, preces e do demorado monólogo, onde lhe tomei as mãos solicitando que as abrisse, não conseguimos maiores resultados. Ela adormeceu, ainda na forma com a qual chegou, como no dizer do médium, a mulher crocodilo.

3. Estamos penetrando uma mata cerrada. A nossa frente um Espírito de aspecto um pouco rústico. Ele está nos vestindo com uma espécie de gibão de couro a semelhança daqueles usados pelos vaqueiros. Agora seguimos em frente, com ele abrindo caminho entre os galhos com um facão que trazia à cinta. somos três. Ouço muitos gritos e lamentos, mas o instrutor diz que não devemos nos deter para ouvi-los, nem nos deixarmos impressionar. Cada grito estremece dentro de mim. Atingimos uma lama escura e pegajosa. Sou alertada para me manter em prece silenciosa, porque esse pântano abriga muitos Espíritos desajustados. Atravessamos a lama e atingimos uma caverna. A passagem é tão estreita que temos que nos curvar bastante para penetrarmos em seu interior. O guia acendeu uma tocha. Vamos em resgate a um homicida, que encontra-se perdido nessas furnas, como se fugisse de si próprio. Quase não existe ar para respirarmos aqui. Esse homicida, num acesso de loucura matou os quatro filhos. Consigo ver alguns habitantes dessas furnas. Eles nos causam medo pelos aspectos sombrios que ostentam. O guia já o encontrou, mas ele tenta fugir. Seu estado é deplorável. O guia tenta segura-lo e traz-lo até nós. Coitado! O instrutor nos diz que era filho dele. Agora temos que sair rápido. Essa caverna parece sugar nossas energias. O irmão que nos dirige diz que esses Espíritos podem nos buscar como âncora de salvação, motivo pelo qual precisamos sair breve.

Esse Espírito ao comunicar-se tinha o pensamento fixo no crime que praticara e pedia perdão a Deus constantemente.

Observando esses três fatos, creio que podemos obter algumas respostas, objetivando esclarecer o porquê dos desdobramentos e locais tão assustadores.

1. Treinamento para o médium, que também participa de resgates semelhantes durante o sono físico.

## 2. Material de estudo para os aprendizes do Espiritismo

3. O perispírito do médium impregnado de fluidos vitais, favorece um socorro de emergência ao necessitado.

4. Muitas vezes, o perispírito do médium sendo mais denso, é avistado pelo necessitado, cuja restrita visão não capta a presença dos instrutores espirituais.

5. Os preparativos para o contato do resgate com o médium, visando ministrá-lo o choque anímico, é efetuado no próprio local do resgate

Existem ainda outros aspectos a considerar.

1. O Espírito cortando a facção a mata virgem. Tal atitude demonstra a similitude entre o plano físico e o plano astral.

2. As mentes enfermiças criam cenários grotescos, cuja geografia lhes dificulta o próprio resgate.

3. O perispírito pode atravessar a matéria do plano físico, mas o mesmo não ocorre com a matéria do mesmo plano, obrigando-se a escalar montanhas, atravessar rios, cortar a mata, etc.

5. Nos resgatados com amputações perispirituais, nota-se-lhe a presença do membro amputado em sua contra parte, através do corpo mental. Isso não é uma regra geral, mas esse detalhe já foi observado por vários médiuns em resgates de amputados. Poder-se-ia concluir dessa constatação que o corpo mental é um estágio mais elevado e refinado que o corpo perispiritual. Que da mesma maneira que o corpo perispiritual invade as cidadelas atômicas físicas trespassando-as, o corpo mental adentra-se nos escaninhos atômicos e moleculares do mundo astral, devassando-o. Poderíamos trazer outros questionamentos, elucidações, conclusões, deduções e teorias, obtidas pelos desdobramentos nas reuniões de desobsessão. Mas, o que queremos é apenas cutucar a onça, torcendo para que ela não seja demasiadamente sonolenta.

Foi dito que a alma do homem, em sua origem, está no estado de infância da vida corporal, que sua inteligência apenas desabrocha e ensaia para a vida; onde o Espírito cumpre essa primeira fase?

Em uma série de existências que precedem o período a que chamais humanidade.

A alma pareceria assim, ter sido o princípio inteligente dos seres inferiores da criação?

Não dissemos que tudo se encadeia na natureza e tende a unidade? É nesses seres, que estais longe de conhecer totalmente, que o princípio inteligente se

elabora, se individualiza pouco a pouco e ensaia para a vida, como dissemos. É, de alguma sorte, um trabalho preparatório, como o da germinação, em seguida ao qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito. É então que começa para ele o período de humanidade, e com ela a consciência de seu futuro, a distinção do bem e do mal e a responsabilidade dos seus atos; como depois do período da infância vem o da adolescência, depois da juventude e enfim, a idade madura.

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =

( pergunta 607 )

## O princípio inteligente

Uma das muitas questões não estudadas e até mesmo ignorada por grande parcela dos Espíritos, é a que se refere ao princípio inteligente. Alguns acham absurdo o então Espírito, haver percorrido milenárias experiências, albergando-se no reino mineral, agitando-se nos vegetais, demonstrando percepções e sensações nos animais, para então estruturar o raciocínio como homem. Preferem, diante da complexidade que tal idéia lhes aparenta, admitir que Deus criou o Espírito, embora simples e ignorante, já Espírito, substituindo-lhe assim a tão propalada inteligência, pela mágica do tudo poder, que opera-se a revelia das leis naturais. Como Deus poderia criar o Espírito já humanizado, revestido de um perispírito, embora que a princípio muito denso, por um simples processo mágico? Alguns acreditam ainda que Ele criou o universo em seis dias de vinte e quatro horas. Mas, veio a ciência

com o seu martelo de pulverizar ingenuidades, com sua visão lógica e argumentação irrefutável, ciência que também foi criada por Deus para auxiliar os homens a desvendarem os segredos da natureza, e provou que as espécies surgiram por evolução, partindo dos seres unicelulares para os pluricelulares. Tudo começou com a simplicidade dos sábios para culminar com a complexidade anatômica e fisiológica dos eruditos. Para a formação do perispírito dos habitantes terrenos, bilhões de anos se passaram na ampulheta do tempo. A terra atingiu uma condensação, formada dos gases e poeiras cósmicas, há cerca de cinco bilhões de anos. Através dos registros fósseis, foi possível constatar que a vida manifestou-se aproximadamente, após um bilhão de anos da condensação terrestre. Foi necessário esse tempo, como período de estabilização das forças que rugiam indomáveis na terra, para que uma vez domadas, viesse a padronizar o planeta, como portador de pressão, atmosfera, densidade, gravidade ... já definidas, ponto de partida para que a vida pudesse ajustar-se a tais padrões estáveis, sem os quais, seus ensaios seriam frustrados pelo aniquilamento. Nesse período de formação e estabilização dos minerais, a matéria formadora do perispírito já revestido o princípio inteligente, apenas exercitava-se na maleabilidade, adquirindo a plasticidade que deveria caracterizar-lhe os futuros exercícios. Timidamente, a vida surgiu sobre os oceanos, em forma de moléculas protéicas que tinham a estranha capacidade de reproduzir cópias grosseiras de si mesma. Ainda não era um ser vivo unicelular, pois este exige uma sofisticação bem mais avultada. Essa molécula reprodutora, foi o ancestral do DNA (ácido desoxiribonucléico) introdutor da vida física em nosso planeta, pois o princípio inteligente já desperto, iniciava com a ajuda dos técnicos siderais, a longa subida nos degraus da vida. Milhões de anos se passaram, usados na seleção das variedades mais resistentes e eficientes, até essas moléculas juntarem-se formando uma espécie de colônia, com alguma divisão de trabalho. Nasceu então a primeira célula. Os unicelulares invadiram a terra. Há três bilhões de anos, alguns vegetais unicelulares se agruparam, talvez por uma mutação (modificação numa característica de uma espécie, causada por alteração de um gene ou cromossomo) que tenha impedido que uma célula se separasse após a divisão em duas, fazendo surgir os vegetais pluricelulares. Há dois bilhões de anos, entrou em cenário o sexo, possibilitando a que os organismos reproduzissem cópias de si mesmo, trocando material genético e formando novas variedades a serem submetidas ao tacho da seleção natural. Antes do sexo, as variações ocorridas nos seres vivos, ocorriam por atuação dos técnicos espirituais encarregados da evolução do planeta, que manobrando no perispírito daqueles seres, introduziam mudanças por ocasião da sua volta a matéria densa, o que

na realidade a ciência batizou de mutação. Há um bilhão de anos, os vegetais, que haviam invadido todos os oceanos promovendo radical mudança no meio ambiente terrestre, produziram em larga escala o oxigênio molecular, introduzindo-o como principal constituinte da atmosfera, para que a vida viesse a explodir em todos os recantos do planeta, alimentada por este combustível. Nesses quatro bilhões de anos, o reinado das algas azuis-esverdeadas, que dominava a terra, passou a sofrer concorrência de outras espécies de vida. Os cientistas chamam a esse período de explosão cambriana. Surgiram os trilobitas, animais semelhantes a grandes insetos, que caçavam nos leitos oceânicos. Os primeiros eram cegos, posteriormente desenvolvendo olhos cristalizados para detectar a luz polarizada. A vida tomou-se de aceleração e trouxe-nos os peixes, os insetos, os anfíbios, os répteis, as grandes árvores, os dinossauros, os cetáceos, os primatas... . Há menos de dez milhões de anos, as primeiras criaturas parecidas com seres humanos evoluíram, acompanhadas pelo aumento cerebral e verticalização da coluna. Essa epopéia, essa saga do princípio inteligente, trabalhando e sendo trabalhado por quase cinco bilhões de anos, deu-lhe a conformação perispiritual com memória biológica que lhe garantiu formas e funções orgânicas, instinto, bem como uma memória psíquica, representativa do manancial moral-intelectual adquirido. Levando em conta, que as primeiras encarnações do Espírito são ainda em mundos inferiores, há de concluir-se que, o tempo necessário para a humanização do princípio inteligente aqui na terra, foi cerca de cinco bilhões de anos, uma vez que sendo mundo primitivo em seu início, desnecessário se fez o deslocamento do aprendiz para outros colégios, por caracterizar-se nosso mundo, como educandário apto ao início da criança nas primeiras letras do alfabeto evolutivo. Isso não descarta contudo, a transferência de alunos de outros educandários, na época, tida como necessidade. Explicando: a terra, em estado primitivo, receber um princípio inteligente apto a humanizar-se, cuja evolução anímica haja sido feita em um outro mundo, de provas e expiações, por exemplo. São solidários os mundos, no dizer dos Espíritos.

Essa pesquisa surgiu por necessidade nossa, quando estudávamos “O Livro dos Espíritos”, ocasião em que um dos companheiros do grupo de estudos assim se expressou: “O princípio inteligente dos animais tem que evoluir e humanizar-se, tornando-se Espírito. Sabemos que nos mundos superiores existem animais, e que estes são mais superiores que os nossos animais. Pergunto: o princípio inteligente que habita nossos animais, após percorrer a escala ascendente encarnando em nossa fauna, está pronto para

tornar-se Espírito, ou necessita ir a outros planetas superiores, continuar encarnando como animal, até que esteja pronto para humanizar-se?”. Um outro igualmente ávido de conhecimento, adicionou mais lenha na fogueira complementando: “no mundo dos Espíritos, estes mentalizam e criam os vegetais? Esses vegetais possuem principio inteligente? ocorre o mesmo com relação aos animais?”

Eis o que concluímos depois de muitos debates apaixonados e belos, como belo é tudo que tem paixão e é útil. O principio inteligente de que é dotado o animal, é criação de Deus. Somente a divindade tem o poder de criar o Espírito, capaz de habitar um corpo. O que os Espíritos superiores podem realizar pela mentalização, é a reprodução do que já existe no universo, o que não quer dizer, que não seja uma criação naquele instante, mas que desmembrada do pensamento que a gerou deforma-se e desfaz-se. Essas criações dos Espíritos, podem sofrer acréscimos e decréscimos, de acordo com a vontade deles. As criações de Deus são eternas, como eternas são as leis e os Espíritos a partir do instante em que foram gerados. Em essência, Deus é o único criador. Os bons Espíritos os auxiliam em processo co-criativo, através do uso e manipulação do que já foi criado. O principio animal, após percorrer sua escala evolutiva e estar apto para tornar-se Espírito e encarnar, não terá condições inicialmente, de habitar um mundo superior ao que exercitou-se, sendo o mais comum que siga para planetas menos evoluídos. Isso não significa retrocesso. A aprendizagem humana é bem mais complexa que a do animal e necessita da silabação dos mundos primitivos. No caso do principio inteligente que habita mundos superiores, quando este alcança o estágio de tornar-se Espírito, deve descer a mundos primitivos e começar a sua fase hominal. Achamos que seria privilégio um principio inteligente habitar corpos de animais de planetas evoluídos e lá iniciar a sua fase humana sem as costumeiras dificuldades dos mundos mais atrasados. E como não há privilégios nas leis de Deus, o destino do Espírito está selado quanto ao seu início em um mundo primitivo.



Quando queremos ditar mensagens espontâneas agimos sobre o cérebro, nos arquivos do médium, e juntamos o nosso material com os elementos que ele nos fornece. É tudo isso sem que ele perceba. É como se tirássemos da bolsa do médium o seu dinheiro e dispuséssemos as moedas para soma-las. Na ordem que nos parece melhor.

= O Livro dos Médiuns - Allan Kardec =

( cap. XIX - tomo 225 )

## Animismo

Um dos intrincados problemas que o doutrinador enfrenta nas reuniões de educação mediúnica, posto que em reuniões de desobsessão, espera-se que o médium esteja adestrado em sua mediunidade, é o animismo. No entanto, médiuns há, operando em trabalhos desobsessivos, cujas comunicações trazem o cunho ostensivo do animismo que portam. Apressamo-nos aqui, em

conceituar o animismo, como sendo uma transferência de fatos passados para o presente, vividos ou presenciados pelo médium, não obrigatoriamente em vidas passadas. Esse evento ou eventos que o impressionou, podem variar desde o trauma marcante, emoções e sentimentos cristalizados, impressões de impacto no cotidiano, desejos reprimidos, até fantasias criadas por sua mente, quando procura imitar ou mesmo representar personagens a quem admira. Podemos dividir o animismo, em fenômeno causado por cristalização e por interferência.

Animismo por cristalização: quando apenas a personalidade do médium se manifesta, através de seus próprios conhecimentos e conceitos pessoais, exteriorizando a sua problemática íntima, ou seja, repetições do fato cristalizado em sua mente. Esse tipo de animismo é de fácil identificação, pela constância com que se repete, qual se fora um disco defeituoso, obrigando a agulha a imantar-se em estreita faixa, reprisando os mesmos sons e vocábulos. É também mais comum do que imaginamos, pois existe toda uma gama de enfermos que trazem complexos de culpas, necessidades de punições, auto-obsessões, fobias e seqüelas, que carregam do passado reencarnatório, via consciência conturbada, e que as exteriorizam no momento presente, muitos sem força e sem fé para o trabalho de descristalização. Os suicidas, homicidas arrependidos, os que sofreram o guante das trevas, a tortura, o cárcere, geralmente tornam-se anímicos, mediante o contato com visões, lembranças, leituras ou filmes, quando se assemelham ao seu drama passado, que remexendo-lhe as lembranças, as fazem aflorar do inconsciente, fazendo com que tais personagens se comportem quais neuróticos de guerra, que correm a esconder-se ao ronco do avião que lhe fere os tímpanos. A idéia cristalizada de ontem gera o animismo de hoje, como a idéia hoje defendida com radicalismo e fanatismo constantes, formarão o animismo de amanhã. Nosso radicalismo deve circunscrever-se ao compromisso com o bem.

Animismo por interferência: no animismo por interferência, cabe-nos distinguir tais interferências, tidas como infiltrações ou mergulhos do próprio médium no pensamento do comunicante, adicionado a mensagem deste, acontecimentos e impressões que não lhe são peculiares, mas sim, relacionados a ele, médium ainda não educado em sua mediunidade. Não consideramos médium anímico, aquele que traduz o pensamento do comunicante, através de sua linguagem corriqueira, elevando o nível gramatical da mensagem, ou rabaixando-o, conforme padrão cultural, sem contudo promover enxertos, ou seja, adicionar suas próprias idéias ou

conceitos, fazendo-as sobrepor-se as idéias e conceitos do comunicante. Ele deve interpretar e transmitir com fidelidade o pensamento do companheiro que o busca, o que pode ocorrer com o seu nível cultural acadêmico ou primário. Se isso não acontece, o médium é anímico ou mistificador. O acervo cultural do médium é fator positivo na comunicação, sendo este o motivo da preferência de certos Espíritos por alguns médiuns, no relatar de assuntos doutrinários específicos, cuja complexidade funcionaria como entrave, em um intermediário despreparado. Muitas vezes, o comunicante ao sentar-se junto ao médium, o envolve com o braço esquerdo, atuando com o braço direito sobre o seu cérebro, acionando-lhe a memória, com a finalidade de usar os seus conhecimentos já adquiridos, como recursos para a transmissão da mensagem. Ele procura mesclar as suas próprias vibrações com as do médium, para que em processo de sintonia perfeita, a mensagem seja transmitida com as palavras deste, mas traduzindo as idéias daquele que o utiliza, pois na realidade, isso é o que interessa ao comunicante, fazer-se entender. Daí não contabilizarmos na conta do animismo, a interferência mediúnica quando visa adaptar a mensagem ao nível intelectual do médium, e sim, a alteração da mesma. Esclarecido este detalhe, passemos as interferências nas mensagens mediúnicas, tidas e havidas como fatos anímicos.

a) Traumática: quando o médium em encarnação passada, sofreu traumas ou acidentes que muito marcaram a sua vida, não conseguindo supera-los. A dor física ou moral foi intensa e a cicatriz persiste ainda na presente encarnação, lembrando-o que a plástica do refazimento se faz urgente, através do bistori do trabalho e da renovação. Esse médium procede a sua catarse por determinado tempo, em trabalho de limpeza do inconsciente, atribuindo a sua dor, a do comunicante e vice-versa, até que pelo estudo da sua própria atuação, usando o senso crítico, consegue discernir e separar a sua carga emocional e sintomática, da condição intrínseca do comunicante.

b) Imaginativa: É um tipo de interferência ligada ao médium, cuja indisciplina emocional o torna excessivamente empolgado com personalidades ilustres, vultos históricos, líderes religiosos, etc. Tomando conhecimento da vida e obra de determinada personagem e, identificando-se com ela através do espírito de aventura, de virtudes que gostaria de possuir, de particularidades ou angulações específicas de sua personalidade, a ela se liga através dos invisíveis fios do pensamento, apresentando-se travestido inconscientemente da personalidade que tomou como padrão para satisfação emocional do seu ego. Trata-se então de imaturidade espiritual, na escolha do guia a seguir, pois

se alguém sente necessidade emocional de imitar algum modelo, que este seja Jesus. Nesse tipo de interferência, o médium elege as personagens com as quais se afina emocionalmente, alojando-os com seus feitos, no inconsciente, de onde emergem pelo automatismo psicológico, quando o conteúdo da comunicação que emite, assemelha-se em algum ponto, a vivência dos seus heróis. Nesse caso, a emoção, como fator de contextura, faz a ligação da idéia, descaracterizando o comunicante, visto haver ruptura do dique que armazenava no inconsciente, os dramas, as paixões, as aventuras, as virtudes, ou mesmo, fragmentos da ciência e filosofia que gostaria de ter vivido ou criado. É então a alma infantil que sonha, e nesse sonho, a figura do protagonista transfere-se para o comunicante que se despersonaliza, resultando tal fato, em uma mensagem de três autores. Do modelo tomado pelo médium, do médium, e do Espírito comunicante.

c) Impressionante: Esse tipo de interferência deve-se ao médium impressionável, que igualmente ao modelo anterior, é um deseducado em suas emoções. Como auxiliar ao companheiro angustiado, se nos angustiamos com o seu drama, comprometendo o auxílio que poderíamos prestar? É necessário uma neutralidade dinâmica, onde o amor não está ausente, favorecendo a ação refletida, positiva e sincera. Aqui, a interferência não se deve a fatores traumáticos ocorridos em encarnações passadas. São os acidentes a que presenciamos, os filmes violentos ou pungitivos, as notícias trágicas que escuta, o melodrama do cotidiano. Por ocasião da comunicação, existe uma associação de fatos, uma interligação com o inconsciente, exteriorizando-se aquilo que impressionou ao médium, que julga segundo a sua ótica, estar traduzindo mensagens reais dos envolvidos nos eventos, com os quais se impressionou. Lembro-me de conversas com amigos doutrinadores já desencarnados, dando conta que por ocasião do desencarne de Getúlio Vargas, inúmeros médiuns o receberam através de comunicações psicofônicas e psicográficas. O mesmo ocorreu no falecimento de JK. Quando ocorre terremotos, grandes incêndios, fugas com morte de presídios, os personagens, vítimas desses acontecimentos, geralmente comunicam-se nas reuniões espíritas. Ocorre que tais comunicações são em grande maioria verdadeiras. A falha, do médium e não da doutrina, está na repetição do atendimento ao mesmo personagem, em vários núcleos de serviço, as vezes até simultaneamente. Ocorre, que a educação mediúcnica, efetuada com estudo metódico e constante, pode fazer desaparecer o animismo. Contribui para isso, a análise criteriosa e desapassionada por parte do médium, de suas comunicações, definido até que ponto sua participação interfere na comunicação dos Espíritos. Cabe ao

doutrinador, auxilia-lo e acompanha-lo até a fase de superação, quando ele próprio, o médium, reconhecerá haver sido anímico. Os casos de animismo são tratados a guisa de doutrinação comum, como se a entidade que fala fosse realmente, e o é, um Espírito necessitado. Essa doutrinação é dirigida, em resposta as necessidades que o comunicante expõe, e quando o Espírito que fala é o do próprio médium, ele será doutrinado gradativamente, a medida que o seu inconsciente se esvazia das seqüelas gravadas, e as suas emoções se ordenam tornando-se mais estáveis. Não se deve revelar ao anímico que as suas comunicações partem da sua mente conturbada, pois ele poderá ingressar em um processo de dúvidas e questionamentos não saudáveis, tornando-se inseguro por largos anos, até que o esforço e o conhecimento lhes moldure o equilíbrio. Quando o Espírito que comunica-se não deseja a interferência do médium em sua comunicação, ele pode leva-lo a inconsciência, bloqueando os canais por onde o médium poderia introduzir parcelas suas, de seu conteúdo moral-intelectual-emocional. Temos então quando isso ocorre, o pensamento cristalino do comunicante, que assim age, por critério e necessidade da ocasião. Mas, nem todos os Espíritos dominam essa técnica.

A princípio, a grande maioria dos médiuns encontra dificuldades em discernir o que é seu, do que pertence ao comunicante. Insistimos que a prática, o estudo e a boa vontade, logo substituem as dúvidas pelas certezas e alegrias do trabalho mediúnico. Aquele médium, que mesmo educado, julga-se anímico às vezes, por parecer conhecer o drama do comunicante antes da sua manifestação, como se ele antecipadamente anteviesse aquele quadro mental, cuja coincidência o faz duvidar de sua veracidade, quiete-se, pois o médium em variadas ocasiões, toma conhecimento durante o sino, dos trabalhos da reunião, sabendo a quem irá ligar-se e os possíveis sintomas que irá sofrer durante o dia. Todavia, pequena análise do quadro nunca é demais.

Trabalhei com determinado médium, cujo animismo perdurou por alguns anos, em cristalização de difícil combate e neutralização. O companheiro, suicida por duas vezes seguidas, sendo uma delas por enforcamento e outra pelo fogo, demorou-se em catarse exaustiva e dolorosa por dezenas de reuniões, pois a cada comunicação, cujo comunicante era ele próprio, voltava a sentir ora falta de ar, ora o corpo em chamas, revivendo as cenas pirogravadas em sua memória.. Sentia-se em furnas escuras , gritava por socorro, no que seu corpo contorcia-se em esgares e contrações dolorosas. Apenas recordações dos locais onde vagou em estágio obrigatório após o suicídio. Os videntes observavam em silêncio, descrevendo-me em tom confidencial após a reunião, o tratamento paralelo que os técnicos espirituais

procediam em seu perispírito, manipulando sofisticada aparelhagem, aliada a cromoterapia. Esse médium chegou ao Espiritismo por misericórdia divina, para que fortalecendo-se, não atentasse contra a vida uma terceira vez. Até que ele veio a ser intermediário dos Espíritos, saindo do animismo por cristalização e permanecendo no animismo por interferência, a terra já girara sobre si mesma centenas de vezes. E se me, perguntarem se ele conseguirá sair desse estágio, para ser intermediário fiel eu não saberei responder, pois inúmeras são as variáveis que se interpõem como obstáculo ao sucesso do companheiro. O agravante de haver repetido o suicídio, o grau de cultura, as limitações de tempo, econômicas, sociais ... são algumas delas. Mas se ele tem, como todos nós, o amor de Deus a seu favor, o amor que lhe arrancou do vale da sombra e da dor, e lhe trouxe ao campo de lutas como adepto da consoladora doutrina da esperança, no íntimo, possui as ferramentas de trabalho, cabendo-lhe arar a fecunda terra da libertação.

Como pode o Espírito, que em sua origem é simples, ignorante e sem experiência, escolher uma existência com conhecimento de causa e ser responsável por essa escolha?

Deus supre a sua inexperiência traçando-lhe o caminho que deve seguir, como fazes com uma criança desde o berço. À medida que o seu livre arbítrio se desenvolve, ele o deixa, pouco a pouco, livre para escolher, é, então, que freqüentemente ele se extravia tomando o mau caminho se não escuta o conselho dos bons Espíritos; é o que podemos chamar a queda do homem.

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =

( pergunta 262 )

Reencarnações planejadas pelas trevas

Voltar à carne é sempre um acontecimento extraordinário para o Espírito. Significa quase sempre, nova matrícula em velhos cursos, nos quais não logrou aprovação, por haver menosprezado o esforço e a dedicação necessárias a todo aprendiz. Ao conseguir a vaga no educandário terrestre, ele, muitas vezes, toma-se de ansiedade e depressão, antevendo as lutas que deverá travar, para não permitir que a acomodação e os chamamentos da matéria, lhe obscureça a visão espiritual. Segue-se longo prazo no arregimentar de forças, concentrando-as no objetivo maior, qual seja, a superação da prova a que irá submeter-se, após adentrar a matéria pela porta do berço. Apesar de um roteiro, embora que flexível em alguns pontos, já traçado, o Espírito sente a insegurança, devido ao esquecimento a que deverá submeter-se, mas é justamente esse não lembrar angústias passadas, que lhe fornece um clima de recomeço sem pressões ou interferências partidárias. Segue o aprendiz após a matrícula, com o seu caderno em branco, onde deverá escrever novo capítulo na história de si mesmo, com as tintas do livre arbítrio e os pincéis da esperança. A bagagem que lhe é permitido trazer, constitui-se em algumas moedas, pois ninguém viaja desafortunado, representando algum mérito que possua. Igualmente portará duplicatas e promissórias, constando-lhe os deméritos, um mapa indicativo das oportunidades que terá de encontrar o Cristo, é uma bússola para orientação nas tempestades, qual seja, a própria consciência, voz de Deus em seu interior, a qual consultará e deverá seguir. Cabe-lhe duplicar os talentos, para com eles resgatar as dívidas contraídas, no que terá sem dúvida, as oportunidades de serviço que souber criar. Constitui-se assim a terra, em imenso colégio, onde poucos são os mestres, muitas são as reprovações, escassos são os diplomas na honra e no mérito. Obrigando-se o aprendiz ao esforço conjugado no exercício moral-intelectual, muitos tornam-se cultos e poucos se fazem sábios. Outros, “santificam-se” portando espessa auréola de ingenuidade. Avolumam-se os teóricos, os fanáticos, os orgulhosos, os medíocres, os vaidosos do que julgam saber. Uma escola onde muitos mestres ilustres foram assassinados no exercício de suas missões, e cujos crimes que cometeram resumiam-se no lecionar virtudes. Escola viciosa, onde muitos professores se perturbam com suas próprias lições, tornando dúbia a aprendizagem pela falta de coerência prática, e cujo livro adotado há quase dois mil anos, ainda não foi absorvido. É natural portanto, sintam-se o Espírito, apesar de todo o apoio e solidariedade prestadas, deprimido e angustiado. A farda que vestirá nem sempre terá o modelo padrão dos demais alunos. Faltar-lhe-á por vezes, os detalhes da estética, tornando-o desfigurado frente ao manequim que era. No entanto, tudo passa, tudo é superável, tudo é

aprendizagem. O segredo de quem viaja, é ir para onde Deus quiser, levando-o consigo.

Em uma das nossas reuniões de estudo, onde o assunto era reencarnação, um dos companheiros abordou a temática pela seguinte angulação: Será que os Espíritos trevosos planejam, programam e efetuam reencarnações? Variadas foram as opiniões, que resumidamente expomos abaixo.

a) Não, Eles fogem da reencarnação, pois esta lhes traria a prisão do corpo, cuja doença e deformidade imposta pelo carma, lhes causariam grande sofrimento, a que não se animam a passar. Se podem estar “livres” porque aprisionar-se?

b) Teoricamente sim. Sendo a reencarnação um evento que para materializar-se exige requisitos técnicos, qual seja a redução perispiritual, técnicos também os há, nas cidadelas trevosas.

c) Sim. Eles podem promover a reencarnação, não para si mesmo, mas para seus inimigos, como atitude de vingança. Deformam-lhe o perispírito, reduzem-no e o ligam a célula reprodutora fecundada.

d) Sim. Eles podem promover reencarnações, inclusive de seus próprios companheiros, para que estes venham a dominar, interferir ou destruir as obras do bem, como ampliar seus domínios, através de filosofias degenerativas, ou ainda assumir postos de comando no seio das próprias religiões, estabelecendo a discórdia. Deus permitiria? O bom senso parecia dizer que não.

Durante a conversa com nossos instrutores, repetimos a pergunta do companheiro, que deu margem a sadia discussão. Eis a resposta: Existem Espíritos imperfeitos, que possuem conhecimentos sobre magnetismo e hipnotismo, capazes de reduzir e modificar o perispírito, tornando-o animalesco e apavorante. Técnicos das trevas, são capazes de criar essa estranha fauna, que permanece nessa condição de inferioridade até que o basta da lei a modifique. Onde existe o exercício sexual desregrado, o aviltamento do sexo, o desrespeito a função procriativa dos seres, os Espíritos inferiores podem atuar e promover com êxito uma reencarnação. Seus técnicos reduzem o perispírito do reencarnante, e aproveitando a oportunidade junto aqueles que usam o sexo como objeto de degradação, o colocam unido ao óvulo fecundado. Muitas vezes, essa gestação vai em frente, culminando

com o nascimento de seres deformados, monstruosos, com as mentes voltadas para o mal, apesar do esquecimento temporário. Todavia, tais reencarnações são permitidas e ainda supervisionadas pelos Espíritos superiores, sem que sejam notados. Ninguém volta à carne sem o consentimento de Deus. Essas mentes que apenas cresceram na ciência e na técnica sem o respaldo do amor, conseguem engendrar uma reencarnação, manipulando os fluidos do perispírito, modificando-o, transformando-o, no que são vigiadas por um poder maior, que observando tal reencarnação enquadrar-se nas necessidades daquele candidato que segue de forma compulsória ou não, a permitem como oportunidade de remissão para aquele ser. Como esses Espíritos não se sentem fiscalizados, pela extrema preocupação que tomam em tais ocorrências, julgam-se promotores da reencarnação. Insistimos contudo, que sempre são assistidos, e que em última instância, a permissão para aquele reencarne é concedida por deus, através dos seus emissários.

Parece resultar dessas explicações que o Espírito do médium não é jamais completamente passivo?

Ele é passivo quando não mistura as suas próprias idéias com as do Espírito comunicante, mas nunca se anula por completo. Seu concurso é indispensável como intermediário, mesmo quando se trata dos chamados médiuns mecânicos.

= O Livro dos Médiuns - Allan Kardec =

(cap. XIX - tomo 10)

## Médiuns inconscientes

Uma das problemáticas muito discutidas no campo mediúnico, é a que relaciona-se com a inconsciência do médium durante o transe mediúnico. Acreditam alguns que, aquele que se caracterizou como médium inconsciente, não toma conhecimento da mensagem do Espírito comunicante, nem está apto a fiscalizar-lhe as atitudes durante a comunicação. Se tal pensamento se revestisse de fundamentos verídicos, qual a força que controlaria a rebeldia, a malícia, o ato agressivo e lesivo do odiento vingador, quando tivesse a pulso o corpo do médium? Seria pois o médium nas reuniões de desobsessão, um porta-voz da truculência e da mistificação, praticando mais um desserviço que um trabalho confiável e produtivo. A rigor, não existe médium inconsciente, pelo simples fato de o mesmo, revestir-se de autoridade e função fiscalizadora, podendo cercear a comunicação ou parcelas desta, qual se fora um censor, com poderes de limitar ou coibir a manifestação do pensamento daquele que se utiliza do seu corpo, de vez que no pensamento em si, ele não tem poderes de causar entraves. Esse poder de censura que ele detém, lhe é outorgado pela educação e disciplina mediúnicas a que ele se impôs, qual hábil guiador, que conhecendo o mecanismo do seu móvel, porque antes habilitou-se, imprimi-lhe a velocidade desejada, os cuidados nas curvas, a urgência dos freios, a manutenção da máquina, bem como a observação das regras do trânsito, no seu caso, doutrinárias. A mensagem do comunicante, como manifestação do pensamento, antes de fazer vibrar as cordas vocais do intermediário, passa pela mente, pelo cérebro perispírico deste, ocasião em que impõe ou não, o ato de censura. Como o perispírito encontra-se um pouco afastado do corpo, no entanto, acompanhando em minúcias os desdobramentos da tarefa, ele ao voltar ao corpo, não lembra do ocorrido, ou apenas percebe fragmentos de sua ação participativa, por um esforço empreendido. Tudo se passa exatamente como em um desdobramento por ocasião do sono físico, onde o cérebro perispiritual registra os eventos a que participa, mantendo-se o cérebro físico alheio aos mesmos acontecimentos. Por ocasião da volta do perispírito ao corpo físico, as cenas gravadas no cérebro perispiritual, cujas vibrações atômicas diferem das vibrações do cérebro físico, não podem ser repassadas daquele para este, com a coerência e

a fidelidade necessárias, justamente devido ao desequilíbrio na frequência de ambos, haver gerado bloqueios totais ou parciais. Como o cérebro perispirítico participa dos trabalhos durante o sono e o cérebro físico não, o sonho só é lembrado pela projeção de imagens de um cérebro para outro, tarefa empreendida muitas vezes, pelos Espíritos interessados em que lembremos desses trabalhos, ou por prolongados exercícios fora do corpo, que parecem contribuir para a emersão dos acontecimentos gravados no cérebro perispirítico para o cérebro carnal. Podemos dizer, baseados em observações práticas, que o médium é “inconsciente” após a comunicação, pois durante o seu desenvolvimento ele a tudo assiste de sua posição crítica. Se fizermos uma regressão de memória nos médiuns que se dizem inconscientes, após a comunicação que nada lembrem, certamente eles a repetirão com o colorido e a sonoridade dignas de um protagonista entusiasta. Lembremos aqui, que existe uma diferença entre o desdobramento por ocasião do sono físico, onde o cérebro carnal, bem como todo o organismo sofrem uma certa desaceleração funcional ampliando ainda mais a variação vibrátil existente entre os dois cérebros, e o desdobramento mediúnico levado a efeito nas reuniões espíritas, onde o cérebro carnal em atividade, participa do evento supervisionado pelo cérebro perispirítico, que lhe faculta a similitude de frequência, a semelhança do estado de vigília em que ambos os cérebros tomam ciência, em participação conjunta daquilo a que se empenham. Na mediunidade chamada inconsciente, a interferência de um terceiro cérebro, a maneira da borracha isolando a eletricidade, impede que o fluxo de pensamentos do cérebro perispirito do médium, atinja seu cérebro carnal,, pois este é direcionado para o cérebro do comunicante, daí exteriorizando-se em forma de mensagem pelas cordas vocais do intermediário. No desdobramento, o fluxo de pensamentos entre os dois cérebros, perispiritual e físico, não sofre barreiras, mesmo estando interligados a grande distancia. É pois o cérebro do comunicante, a maneira de anteparo, que impede as impressões dos fatos transcorridos no instante da comunicação, gravarem-se no cérebro carnal do médium, posto que ele mesmo as absorveu e emitiu, ficando o médium com a falsa interpretação de que nada assistiu ou administrou.

Um dos nossos médiuns tinha receio de dar passividade a Espíritos agressivos, em virtude de nada lembrar após suas comunicações, temendo nesse ínterim, esmurrar a mesa, espernear, ou mesmo agredir-me, visto as muitas ameaças que me são dirigidas no exercício doutrinário. talvez entendendo-lhe a problemática, os dirigentes a faziam porta-voz de enfermos, suicidas, e de mensagens orientadoras de cunho moral-filosófico. Mas certa

feita, em uma reunião cuja ausência de médiuns nos obrigou a uma maior taxa de trabalho por participante para mantermos a marcha normal de atendimentos, disse-lhe: prepare-se pois hoje você certamente atenderá a irmãos vinculados a processos obsessivos a que nos empenhamos. Mas sou inconsciente! respondeu-me em tom de obstância. Se era deixa de ser agora. Foi a minha resposta. Nesse instante a necessidade é que dita as normas.

- Mas, e se eu lhe der um tapa? Eu lhe dou outra, pois terá sido desejo seu, movido pelas cobranças que sempre lhe faço, foi a minha resposta, logicamente em tom de brincadeira, para amenizar seus receios.

Pois bem, Recebeu o mais agressivo. Um irmão que me dissera alimentar um sonho antigo, qual fosse, o de quebrar meu pescoço, como se faz a uma galinha magra. Ofereci-lhe a cortesia da casa, passe e oração, no que ele resmungava baixinho: “pensei que essa idiota não fosse agüentar!”

Quando terminou a reunião ela me disse: Não me lembro de nada. Dei conta do recado? Sim! Acho que foi o medo do tapa que lhe tornou médium consciente. E fomos vitoriosos.

A prece é um meio eficaz para curar a obsessão?

A prece é um poderoso socorro em tudo; mas, crede bem, não basta murmurar algumas palavras para obter o que se deseja. Deus assiste aqueles que agem e não aqueles que se limitam a pedir. É necessário, pois, que o obsidiado faça, a seu turno, aquilo que é necessário para destruir em si mesmo, a causa que atrai os maus Espíritos.

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =

( pergunta 479 )

## Subjugação

Diariamente, a figura do obsidiado chega as searas espíritas. Nota-se-lhe no semblante, em forma de depressão, alienação, ausência, agressividade e outras formas de estigmas, a atuação pertinaz do companheiro invisível, que em processo de dobrar as resistências do seu antagonista, infiltra-se em sua intimidade, causando-lhe sérios desarranjos a sua economia físico-perispiritual. Iniciando-se por leve sugestão, para em seguida aprofundar-se em domínio cada vez mais amplo, a obsessão instala-se vencedora, quando aquele que lhe sofre o açoite, não promove as devidas reações a sua invasão, largando as rédeas do seu pensar, nas mãos astutas do seu algoz. Dominando a área do pensamento, Fácil se torna ao invasor, direciona-las para as ações nefastas que alimenta, pois minadas estão, e em seu controle, as bases que facultariam ao prisioneiro, a autocrítica, o senso do ridículo e a resistência, que poderia ser heróica e vitoriosa. Atingindo tal estágio, a subjugação, o obsessor age sem resistência, torturando o subjugado conforme o método que lhe apraz. Pode levá-lo ao ridículo, fazendo-o ajoelhar-se em plena via pública em discursos e mesuras espalhafatosas, tornando-se alvo de escárnio e zombaria. Pode faze-lo ficar sem alimentar-se, sem dormir, sem higienizar-se, repetir centenas de vezes uma mesma frase, lançar-se de um edifício ou tomar veneno. O obsessor é o comandante, o obsidiado é o comandado. A quebra desse vínculo é uma das razões da existência da casa espírita. Não a mais importante, mas a que a torna digna do nome que muitos adotam, ao evoca-la em suas referências como casa de caridade.

Em uma das reuniões de desobsessão, específica para um único companheiro em condição de subjugado, conversei longamente com o seu obsessor, procurando penetrar no cerne do seu problema, o qual motivara tenaz perseguição desde longa data. A obsessão começara há tempos. A princípio, ainda classificada como obsessão simples, aconselhado a orar e a assistir palestras doutrinárias, a tomar passes fazer o evangelho no lar, procurando vivencia-lo no cotidiano, ele espaçava-se. Quando retornava, por

força da ação obsessiva, era posto a dormir em plena palestra pública, pelo sagaz perseguidor, anulando os conselhos que poderiam força-lo a esboçar reações libertadoras. Melhorava e desaparecia, sem notar que a melhora era promovida pelo afastamento temporário do seu inimigo, que diplomaticamente assim procedia, notando-lhe o desejo do imediatismo na cura da dor, e da acomodação frente ao esforço perseverante. de outras vezes, quando retornava, seu companheiro invisível espicaçava-o, levando-o ao clímax do mal-estar e do desespero, fazendo-o crer que as visitas ao centro, nada acrescentavam a sua saúde, ou até estavam a subtrair-lhe parte dela, pelo esforço da caminhada. Um dia apareceu subjugado, o que provocou a realização da reunião específica, com a finalidade de obtermos uma trégua, para tão antiga batalha. No início da reunião, um médium em desdobramento deslocou-se até a residência do enfermo, passando a descrever a sua condição. Estava ligado por um fio escuro, ao seu obsessor. Esse fio saía de suas costas e ligava-se ao ventre do seu antagonista, que apresentava-se como uma sombra negra. Quando qualquer um deles encetava um gesto, este era repetido pelo outro. Disse-nos então o instrutor que nos assistia: os dois virão a reunião, visto não ser possível separa-los agora. Ministraram então um passe no encarnado, que adormeceu, ficando também adormecido o seu acompanhante. ambos compareceram à reunião. O encarnado permaneceu dormindo, enquanto o desencarnado, através da psicofonia, era impelido a falar, após ser despertado com um choque anímico. Passado o ataque de fúria, resolveu contar-nos a sua história. Fora escravo. Ele e mais uma centena de companheiros. Sofrera toda sorte de castigos em sua vida. Do tronco ao chicote, da sede ao suplício do formigueiro, onde amarrado, era jogado sobre este, para que as formigas lhe rasgassem a pele, em lancinantes dores. Mas o que mais lhe marcara, e este era o núcleo do seu problema, era ter perdido a filha, vendida que fora, por ele, seu dono e senhor. Este irmão subjuga tivera muitas escravas no passado, ocasião em que algumas foram mortas por ele, pelo simples fato de trazerem no ventre, filhos que ele mesmo fizera. Outras negras, sabendo da desgraça, sua e de seus filhos, caso estes nascessem, pois seriam tratados como escravos, sem comiseração, promoviam o aborto, matando-os ou morrendo com eles. Até a esposa desse infeliz fazendeiro no passado, uma mulher branca chamada Adelaide, suicidara-se de desgosto, diante dos maus tratos de que era objeto. Não conseguimos a trégua. Tão pouco, ouvimos falar dele daí por diante.

Assim é a obsessão. Nem sempre é curável na presente existência. Disse-me o irmão obsessor: “Não adianta! Mesmo que eu desistisse, outros

assumiriam o meu lugar. Fizemos um pacto. Ele tem que suicidar-se. Aquela casa está cheia de inimigos dele. Dessa ele não escapa.”

A única coisa a fazer era orar. E é o que fazemos ainda hoje.

A expiação se cumpre no estado corporal ou no estado de Espírito?

A expiação se cumpre durante a existência corporal pelas provas as quais o Espírito está submetido, e na vida espiritual pelos sofrimentos morais ligados ao estado de inferioridade do Espírito.

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =

( pergunta 998 )

## A pedra

Nesses longos anos em que venho conversando com irmãos sofredores em reuniões mediúnicas, dificilmente chego a sentir os sintomas que lhes são peculiares. Mas houve um caso, onde pensei estar realmente doente, por sentir durante mais de uma semana, uma vigorosa dor na nuca, que me incomodava sem intervalos. primeiro pensei estar estafado. Depois, lancei a culpa sobre a rede onde dormia, e por último, já tomando relaxantes musculares, concordei em aferir a pressão sangüínea. No entanto, não me afastei da regência mediúnica no grupo onde laboro. Atendidos alguns irmãos sofredores, súbito, o médium através da abençoada mediunidade psicofônica, exterioriza o lamento do irmão comunicante. Jesus! Perdoai os meus pecados. Jesus! Perdoai os meus pecados. Notei no médium um postura encurvada, qual se acentuada cifose o obrigasse a baixar a cabeça, dobrando-lhe a cerviz. Sente dores na coluna? Perguntei. Muitas. Foi a resposta abafada. Desde que matei o meu irmão que carrego esta pedra amarrada em meu pescoço. O padre disse-me, que quando Jesus perdoasse esse pecado, a pedra perderia o peso. Mas, como Ele ainda não me perdoou, eu continuo a levar essa pedra como castigo. Por que você me segue há dias? Perguntei enternecido, diante daquela ingenuidade de pecador arrependido. Porque um homem me mandou ficar perto do senhor. Ele me disse que o senhor me traria a um lugar onde eu seria perdoado, diminuindo o peso da pedra. Oramos por ele. Disse-lhe: quando terminarmos a prece, a pedra não mais estará no seu pescoço. ore conosco! Peça perdão a Jesus agora, pela sua falta. Essa é a oportunidade para que a pedra perca o seu peso. Ele orou conosco. No final, o seu grito de surpresa e alegria. Seu pescoço estava livre. Fui perdoado! Exclamou. Expliquei, que embora “perdoado” ele deveria fortalecer-se para os embates que a vida certamente lhe traria, como consequência do seu ato passado.

Pobre irmão! Consciência culpada. Remorso profundo, do qual se aproveitaram os Espíritos trevosos, para submete-lo a humilhantes torturas, utilizando-o por fim, em estado de alienação, para provocar dores naqueles que lhes atrapalhavam os planos. Notei com alegria, que no dia imediato a dor havia desaparecido. Pensei: invigilância minha? Algo me respondeu que os bons Espíritos permitiram, para que o irmão sofredor fosse auxiliado. Terá sido esse algo, o desculpismo tão comum, que nossa mente consegue engendrar, mediante as falhas que julgamos não ter?

Qual o maior obstáculo ao progresso?

O orgulho e o egoísmo. Eu quero falar do progresso moral, porque o progresso intelectual caminha sempre e, à primeira vista, parece dar a esses vícios um redobramento de atividade, desenvolvendo a ambição e o amor das riquezas que, a seu turno, excitam o homem às procuras que esclarecem seu Espírito. É assim que tudo se tem no mundo moral como no mundo físico e que do mal mesmo pode surgir o bem. Mas esse estado de coisas é breve e mudará, a medida que o homem compreenda melhor que há, fora dos prazeres dos bens terrenos, uma felicidade infinitamente maior e infinitamente mais durável.

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =

( pergunta 785 )

## O orgulho

O orgulho é um vício bastante arraigado nos corações humanos. Desvencilhar-se dele, é trabalho hercúleo, onde a boa vontade e o esforço empreendem longas batalhas assistidas pela poeira dos séculos, pois ninguém torna-se humilde entre um nascer e um por do sol. É esse vício, que inumeráveis malefícios causa ao indivíduo em particular, e as nações de maneira geral, pois o orgulho das nações resulta da soma dos orgulhos dos indivíduos. É pelo orgulho que os crimes se avolumam, as contendas se instalam nos lares e repartições, que são alimentadas milhares de obsessões, que as mágoas são conservadas e o progresso do mundo dificultado, demorando-se a instalação definitiva da paz e da concórdia no planeta.

Os espíritas não estão imunes a sua virulência. Apesar de conscientes do seu alto poder corrosivo, o que os tornam mais responsáveis frente a intimidade com que o agasalham, é comum, atitudes hostis entre aprendizes, que fascinados pela lucidez, luminosidade, lógica e perfeição dos postulados espíritas, ingressaram na doutrina sem a legítima prioridade da reforma interior. Em todas as religiões ele está incrustado, qual célula cancerosa a ameaçar órgãos e sistemas. Basta o orgulho chegar para afastar os nascentes raios do perdão, o embrião da humildade, as tenras hastes da fraternidade, a gestação da paz. A construção do anjo deve passar obrigatoriamente pela destruição desse vício milenar. E só através do esmeril da boa vontade, o buril

do esforço e a lixa do trabalho edificante, ousa o espírito subtrair-se do seu jugo, mostrando a luminosidade a que foi destinado.

Fomos chamados certa feita, a ministrar pequeno curso sobre mediunidade, para médiuns já com alguma prática, mas carentes de subsídios teóricos, o que os tornavam deseducados. Iniciei o curso fazendo ligeiro histórico da mediunidade, o que provocou bastante interesse por parte de todos, que desdobraram-se em perguntas e apreensões. Entretanto, um deles, considerado a estrela da casa, pois além de ser médium psicofônico, ainda atendia a clientela doente, transcrevendo receitas e remédios através da psicografia, permanecia algo crítico, algo indiferente as nossas observações. Julgando esse irmão que ser médium era apenas receber Espíritos, ausentou-se do curso, dizendo-se conhecedor do assunto ministrado. Talvez se julgasse um autodidata, auto-suficiente, ou se sentisse inibido em partilhar junto a outros companheiros de estudos de uma pesquisa, para ele considerada primária, de vez, que há mais de dez anos exercia dignamente a sua mediunidade. Passei a semana com os companheiros, discutindo à luz da codificação espírita, os assuntos específicos aos seus tipos de mediunidade. Transmiti conselhos, recebidos de instrutores da casa espírita onde trabalho, e que muito me ajudaram, pois não os encontrara em livros doutrinários.

No último dia, fizemos uma espécie de aula prática. Dispomo-nos à mesa e dirigimos a reunião. No final, após os comentários e observações sobre o desempenho do grupo, um dos médiuns me entregou um papel com escritos por ele psicografados. Era o conselho de um amigo para o médium faltoso. Um médico, que o auxiliava junto a seu trabalho, pedia-lhe ao menos ler bulas de remédios, para que a sua atuação junto a ele fosse facilitada, e minorado o sofrimento daqueles que buscavam a casa.

Estava faltando a humildade do médium em reconhecer-se aprendiz.

O medo da morte é para muitas pessoas uma causa de perplexidade; de onde vem esse temor, visto que elas têm diante de si o futuro?

É errado que tenham esse temor. Todavia, que queres tu! Procuram persuadi-las em sua juventude de que há um inferno e um paraíso, mas que é muito mais certo que eles irão para o inferno porque lhe dizem que, o que está na natureza, é um pecado mortal para a alma. Então, quando se tornam grandes, se têm um pouco de julgamento, não podem admitir isso, e se tornam atéias ou materialistas. É assim que as conduzem a crer que, fora da vida presente, não há mais nada. Quanto às que persistirem em suas crenças da infância, elas temem esse fogo eterno que as deve queimar sem destruir.

A morte não inspira ao justo nenhum medo, porque com a fé ele tem a certeza do futuro; a esperança lhe faz esperar uma vida melhor, e a caridade, da qual ele praticou a lei, dá-lhe a certeza de que não reencontrará, no mundo em que vai entrar, nenhum ser do qual deva temer o olhar.

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =

( pergunta 941 )

## O osso

A mulher chegou ao centro muito mal. Dois companheiros a amparavam para que ela pudesse subir os degraus, que a beneficiaria com a salutar terapia do passe. Conversei com quem a atendeu, para saber a sua história. Ela ficou assim desde que a irmã a quem muito amava, desencarnou. foi o que me disseram. Mas, insistindo em detalhes, os obtive. Essa irmã que intimamente ela pranteava, desencarnara engasgada com um osso. Ela passou então a orar pela irmã, e a sentir de maneira muito forte a sua presença, como se a desencarnada quisesse apossar-se do seu corpo. Foram palavras textuais dela, pronunciadas antes de perder a voz. Perder a voz? indaguei surpreso. Sim! perder a voz. No espaço de uma semana ela perdeu a voz, e há um mês que frequenta neurologistas, psicólogos, psiquiatras ... aconselharam-na um centro espírita, e o resto você já viu. Terminou assim a minha conversa com a companheira que faz o papel de recepcionista na casa onde trabalho. Nessa mesma noite em que ela nos visitou, preparava-me eu para dirigir a reunião de desobsessão. Esta iniciada, já na leitura do evangelho ( pasmem os leigos que confundem o Centro Espírita com terreiros de magia negra. Nós lemos o

evangelho.) uma das médiuns começou a apresentar ligeiros sintomas de falta de ar, com tosses discretas, que foram se intensificando até que, ao diminuir a luminosidade para o início da fase prática, veio a comunicação. A médium apenas apontava para a garganta, sem conseguir articular uma só palavra, em ânsias de contar-me o ocorrido. Evidente era a sufocação, a tosse rouca, o engasgo. Disse-lhe que já conhecia o seu drama, e que todos os cuidados já haviam sido tomados para a retirada da obstrução da sua garganta. Oramos. Sempre a prece! Que outro remédio mais eficaz e de efeito mais rápido o centro espírita, na pessoa de seus trabalhadores pode ministrar? Não é a fé que remove montanhas? Como não removeria um osso? Os “milagres” do nascimento, da renovação, da luz, da saúde, do amor, da vida, muitos deles não se materializam pela força da prece? A oração é o alimento do Espírito e a suave homeopatia dos males do Espírito. Consciente disso e da atuação dos mentores da casa, disse-lhe ao terminar a prece: pronto minha irmã! Retirei o osso. Veja! (estendi-lhe a mão espalmada mostrando o osso) Veja o que lhe causou tanta agonia. Claro que durante a prece eu pedira isso aos bons Espíritos, atuando eu mesmo no sentido de modelar pelo pensamento, um pequeno osso em minha mão. Isso auxiliaria na retirada do bloqueio mental em que ela se deixara paralisar. Veja como o ar passa mais livremente pela sua garganta! Insisti. Ela passou a mão na garganta, tentou falar, mas emitiu apenas um som gutural e sofrido. Quero ir para casa, foi a frase que ouvi. Respondi com alegria e alívio, que antes ela necessitava passar por um hospital, pois apesar da remoção do osso ter sido efetuada, ela inflamara a garganta necessitando de auxílio urgente. Dizer que ela havia morrido? Nunca! Ela não estava preparada para enfrentar um simples osso de galinha, quanto mais a ossada humana que lhe pertencera. Os Espíritos a preparariam para aquela revelação posteriormente. A cada dia basta a sua aflição, e a daquele dia fora muito forte para que uma outra viesse sobrepor-se as angústias já existentes.

A irmã encarnada voltou a falar normalmente. Sustada a causa, adormecidos foi o efeito, para que a normalidade voltasse a regência costumeira da vida. Pensei comigo mesmo: O doutrinador deve estar atento as necessidades dos que buscam o centro espírita. Na maioria das vezes as mazelas dos freqüentadores são repassadas a sua presença, para que ele e a sua equipe mediúnica, aconselhe, ore, providencie, semeie a confiança, o otimismo, promova o ânimo, mostre a coragem, inspire a busca pela paz, pela esperança...

Como sempre, esperei a resposta da consciência, que não se fez esperar. “Pois cuide-se doutrinador! Cuide-se para não decepcionar os que lhe procuram.”

Como definir o limite em que as paixões deixam de ser boas ou más?

As paixões são como um cavalo que é útil quando está dominado e que é perigoso quando é ele que domina. Reconhecei, pois, que uma paixão torna-se

perniciosa a partir do momento em que não podeis governa-la e que ela tem por resultado um prejuízo qualquer para vós ou para outrem.

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =

( pergunta 908 )

## Paixões desvirtuadas

Se o cérebro ainda nos é desconhecido, imaginemos a mente, como complexo mecanismo criador e modelador. Lembramos, que há Espíritos nas regiões trevosas, cujo poder mental é incontestável, dominando vastas regiões e legiões de ignorantes, que os obedecem cegamente, atados a escravizantes posições de serviçais, pelo hipnotismo, magnetismo, e também, lógico, pela afinidade com o trabalho que executam. Nesses recantos escuros, cidades inteiras, como favelas afastadas dos bairros nobres, reinam incontestáveis, manipulando as forças mentais ou a crueldade, dois argumentos respeitados, espécies de credenciais para os postos de comando. Essas associações belicosas são constantemente requisitadas por Espíritos interessados em vinganças, obsessões, no combate as casas espíritas e toda sorte de trabalhos indignos, no que aceitam, firmando negociatas e contratos diversificados. Todavia, aquele que se escuda na oração e na vigilância, e cuja conta cármica não consta maiores danos, firma-se sem tropeços, mesmo caminhando no

gume da navalha, atingindo seus objetivos graças ao suor derramado pelo esforço de subida. Assim tem sido em nossa casa espírita há dezenas de anos.

Ao notar que perdera alguns de seus auxiliares e outros não conseguiam cumprir adequadamente seus propósitos junto aos médiuns da casa, visitou-nos certa reunião, um desses chefes, assumindo postura calma e intimidativa. Usando a psicofonia, passou a enumerar em cada um de nós, as deficiências mentais, como a estabelecer um paralelo, onde a nossa posição mental fosse (e era) nitidamente inferior ao seu adestramento. Já coloquei muitos a dormir aqui, disse-nos. Basta leve sugestão, e logo sentem mal-estar, sono irritação, desânimo... Não se perguntou ainda porque o seu grupo de estudos está diminuindo? Pois bem! Aqui estou eu. Vamos! Tentem! Façam-me sentir coceiras, queimaduras, cegueira. Façam-me sentir amarrado, imobilizado... Vocês são uns tolos. Domino todas essas técnicas primárias. Sou um mestre, ouviram! Um mestre! tentei dizer-lhe que o mestre a quem reconhecemos é Jesus, e que nenhum poder magnético havia, superior a prece. Continuou a zombar da nossa “fragilidade”. Passamos a oração, que concluída, parecia não surtir efeito algum, mesmo com todo o grupo em união de pensamentos, e dois assistas em constante atividade junto ao desafiante. Um dos mentores da casa, após solicitar a devida permissão para falar, dirige-lhe palavras de amor e fraternidade, no que responde estar imunizado contra tudo aquilo. Passamos então, sem desespero e sem afobação, na mesma calma com a qual o saudáramos no início, a mentalizar a figura e o auxílio do Dr. Bezerra de Menezes. Ele permaneceu igualmente tranqüilo, ciente de sua superioridade. Passados dois minutos de mentalização nossa, ( puxa! Que dois minutos compridos!) ele começou a lutar contra o que dizia ser uma sugestão que o dominava, e que o tornava cego. Exclamava para si mesmo: Não! É uma sugestão! Mas não logrou recuperar o sentido da visão. Tão pouco viu quem a emitiu. Após alguns instantes de esforço mental sem resultado prático, disse-nos: Então! Onde está o mestre que dominou a minha mente com essa sugestão? Sei que foi isso. Apenas ele tem a mente superior a minha. Onde ele está? Eu preciso conhece-lo. Nem nós sabíamos onde ele se encontrava. Será que fizera aquilo à distância? Ou deslocara-se até nós pelo SOS que emitíramos? O comunicante sentindo-se cego, retirou-se com uma ameaça: Vou voltar aqui! Vou estudar essa técnica. Vou aprofundar-me ainda mais e voltarei para conhecer esse mestre que me sugestionou. Ato contínuo, comunica-se o nosso amigo espiritual, com detalhes sobre o visitante. Chamava-se Hermógenes. Vivera em épocas recuadas no Egito antigo, já dominando técnicas de hipnotismo e de magnetismo avançadas para a sua

época. Sempre tivera grande paixão por esses estudos, e ainda hoje continuava pesquisando e aprofundando-se, sem contudo associar seus conhecimentos ao fator crescimento espiritual, para si ou para o próximo. Pode-se dizer que ele é um grande mago, mestre em magia negra e em hipnotismo. Domina muito bem a manipulação dos fluidos e as correntes mentais, e está ligado a uma organização trevosa que provoca verdadeiras deformações perispirituais, naqueles que lhes caem no domínio. Ele é o responsável pelos casos de licantria e zoantropia levados a efeito por essa organização, mas apesar de tanto poder mental, não passa de um pobre irmão necessitado, situado nas faixas inferiores da evolução. Ao mesmo tempo em que esse amigo espiritual nos passava essas informações, funcionava como absorvente de fluidos enfermos, deixados propositadamente pelo companheiro necessitado que se retirara deixando pesado lastro de toxidez.

Para nós era mais uma lição, que o amparo e a assistência de Jesus, nunca estão ausentes quando a necessidade nos pressiona. Alguém comentou depois. E se o Bezerra não tivesse vindo? Observação inócua, respondeu outro. Não foi Jesus o autor da frase que diz: tudo o que pedirdes orando, crede que o terás e assim vos será feito? Se ele não tivesse corrido em nosso socorro, a lógica nos diz, que a causa teria sido a ineficiência da nossa prece. Ela não teria sido convincente, não atingindo portanto seus objetivos.

É! rendeu-se o primeiro.

Há uma fatalidade nos acontecimentos da vida, segundo o sentido ligado a essa palavra, quer dizer, todos os acontecimentos são predeterminados? Nesse caso, em que se torna o livre arbítrio?

A fatalidade não existe senão pela escolha que fez o espírito, em se encarnando, de suportar tal ou tal prova. Escolhendo, ele faz uma espécie de destino que é a consequência mesma da posição em que ele se encontra. Eu

falo das provas físicas, porque para o que é prova moral e tentações, o Espírito, conservando o seu livre arbítrio sobre o bem e sobre o mal, é sempre senhor de ceder ou de resistir. Um bom Espírito vendo-o fraquejar, pode vir em sua ajuda, mas não pode influir sobre ele de maneira a dominar sua vontade. Um Espírito mau, quer dizer, inferior, mostrando-lhe, exagerando-lhe um perigo físico, pode abala-lo e assusta-lo; mas a vontade do Espírito encarnado não fica menos livre de todos os entraves.

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =

( pergunta 851 )

## Agressões

Agressões são comuns nos dias e épocas atuais, ministradas tanto pelo pensamento invigilante, quanto pelas palavras e ações, daqueles que ainda não adquiriram a capacidade da compreensão fraterna, prenúncio do amor pleno. Médiuns e doutrinadores não estão imunes as chispas de ódio, nem das farpas da ignorância, que lhes atingem no abençoado concurso de servir, objetivo por vezes situado em rota de impacto com as pretensões do ferir. No entanto, apressamo-nos em informar, que médiuns santificados, já desvinculados das provações terrenas por termos galgado através do esforço esta posição, constitui raridade entre os mortais. A imensa maioria é arregimentada pela dor, para que através dela atuando em si, possa minorar a

de seus irmãos, descompromissando-se assim de antigas mazelas, chagas perispirituais, pústulas morais, que somente com o desinfetante da prece e os curativos do trabalho, logram cicatrização. É forçoso concluir, que em um campo de batalha, alguém há de ferir-se, tanto pelo descuido ao expor-se as linhas inimigas, quanto pelos seus compromissos para com a lei. Às vezes nascemos sob o guante do determinismo que, a depender da prioridade que atribuímos a nossa reforma íntima, torna-se flexível, modificando a sorte que parecia selada em nosso destino. de outras vezes o determinismo é milimétrico, ferindo-nos com o mesmo ferro que a outros ferimos. O certo, é que na lavoura mediúnica, o trabalhador pode vir a sofrer os danos da sua invigilância, ou aquilo que lhe faculta a lei cármica, onde a carga é suavizada, e não raro, repartida, pela solidariedade e apoio dos companheiros. Inocentes que se ferem são raríssimos, mesmo porque, estes não se sentem ofendidos pelo mau que lhes praticam. Trabalhando com a dor humana, o operário da mediunidade, muitas vezes tem que sufocar a sua dor para velar a dor de outro, pois esta, é justamente o medicamento para aquela, que teima em fazer-se prioritária. Aquele que ousa aprofundar-se em sua dor dizendo-se vítima de injustiças ou de perseguições de companheiros, aquele que interioriza-se, fecha-se em conchas, ilha-se em sua amargura, dificulta a sua cura pela má administração do medicamento que tem em mãos. É pensamento conhecido nas searas espíritas, que aquele que padece a dor, cura-se curando a dor alheia, alegra-se provocando a alegria, eleva-se, a outros elevando. Fazer ao próximo aquilo que gostaríamos que nos fizesse é portanto, receita para a dor do mundo, antídoto infalível, vacina insubstituível. mediunidade, em qualquer circunstância, deve ser sinônimo de trabalho e renovação, para que dores antigas não se adicionem as atuais, transformando o terreno promissor dos bons frutos, em aterro asfíxiado por ervas urtigantes.

Voltamos a comentar neste estudo, o caso do companheiro Hermógenes, ( descrito em “paixões desvirtuadas”) por o mesmo ter se desdobrado em variados lances, persistindo o irmão citado em perseguição severa aos médiuns, por não os perdoar, nem a si próprio, da humilhação, segundo ele, sofrida por ter sido superado em sua atuação mental.

Passado uma semana, um dos nossos médiuns amanheceu com estranhos arranhões na pele, nos braços e a altura da coxa, quais se afiadas garras a tivessem provocado, sem obtermos explicações para o acontecido. Ficamos apreensivos quanto as lesões. Foi então que recebemos a comunicação de um companheiro que prontificou-se a explicar-nos. “Hermógenes é um mestre de poderes invejáveis. Domina todas as técnicas de

manipulação de fluidos. No hipnotismo, captação de ondas mentais, telepatia, e em outras áreas, é capaz de trabalhos que atestam seus inquestionáveis conhecimentos. Sua mente é poderosa, tanto pelos conhecimentos que armazena quanto pelo magnetismo pessoal de que é portadora. ( Era evidente a exaltação exagerada ao seu chefe, como visível era a intenção de diminuir-nos em combatividade e eficiência.) O que aconteceu meus irmãos, foi o seguinte: o médium foi invigilante, permitindo o acesso de um Espírito trevoso a sua organização perispirítica. Durante o sono, Hermógenes dominou telepaticamente a esse irmão inferior, e sendo mestre em captação de ondas mentais, ajustou as ondas de pensamento do médium, com as do agressor, estabelecendo uma sintonia, o que facultou a aproximação dos dois, com o conseqüente ataque. As garras desse Espírito, feriram o perispírito do médium, com repercussões no físico.” Esta foi a técnica que usou. Exaltar a figura do seu chefe. Faze-lo poderoso para incutir medo. Mostrar o médium como invigilante, rebaixando-o em sua tarefa. Disse-lhe: Meu amigo, se Hermógenes tivesse tal poder, de estabelecer uma sintonia mental, graduando as mentes dos médiuns com a de agressores e bandoleiros do espaço, creio que o nosso grupo, e outros semelhantes, já não existiriam mais. Não desistiu o companheiro. Em outra ocasião, um espírito, hipnotizado para sentir-se animal, pois que alimenta-se de carne crua, humana ou não, tentou provocar o pânico na reunião. O médium esforçava-se para conte-lo, que em fúria rugia, com as mãos encurvadas querendo rasgar-nos o rosto com suas garras. Com suas mãos seguras por um dos passistas, a suave mentalização e a prece coletiva do grupo, fomos aos poucos nos fazendo entender. Era preciso fazelo sentir-se humano. Falar, abrir-lhe as mãos, compreender que éramos amigos. Estava sob forte pressão da idéia subjugante. Ministrei-lhe o choque anímico, tentando desvia-lo do núcleo da sua cristalização. Em seguida, tomei suas mãos, (as do médium) e pedi para que as observasse. Fiz-lhe perguntas e observações, para retira-lo do cerco em que se encontrava, pois seu algoz o vigiava à distância dominando-o. Fi-lo crer que podia conversar. Ele terminou por falar aquilo que pensava ser o seu nome, Leão de judá. Começou assim a sair do espaço fechado em que se situava, tornando-se receptivo ao carinho que lhe dedicávamos.

Em nosso grupo de estudos, intrigados que ainda estávamos com os ferimentos da médium, perguntamos aos nossos instrutores, o motivo dos mesmo. Eis a resposta de um deles: “Durante o sono físico, os médiuns que estão a serviço do bem, encontram-se sob a proteção do próprio bem, amparados que são pelos bons Espíritos, contra as investidas das trevas. A

médium em questão, ausentou-se por livre opção do nosso perímetro de proteção, avisada que fora dos perigos que poderia enfrentar, aventurando-se sozinha por regiões desconhecidas. Usou o seu livre arbítrio de ir e vir livremente, no que não interferimos. Um irmão inferiorizado, que a bem da verdade, a espreitava, a abordou, lesando seu perispírito, exteriorizando-se a lesão no corpo físico. Essas são as razões de desconhecidas e misteriosas doenças que a medicina não consegue estabelecer a causa. Os Espíritos trevosos, podem colocar nos perispíritos de sua vítimas, vibriões de alta virulência, germes infectados, fluidos perniciosos, possibilitando o surgimento de doenças incuráveis. É assim por vezes, que cessado o processo obsessivo, a doença desaparece. Quer dizer então, que a médium, quebrando as normas de trabalho, sob sua inteira responsabilidade, deve a si mesma o que lhe ocorreu? Perguntei. Sim! Ao tomar a deliberação de afastar-se sozinha da nossa área de proteção, facultou ao irmão que a observava, a oportunidade de revide, não pelo seu poder, mas pela quebra de uma norma disciplinar previamente conhecida e avaliada. foi a resposta que obtive. Não interferimos, continuou o instrutor. As lições são ministradas conforme a receptividade de cada aprendiz. Mas não se impressionem com o fato. Ela estava o tempo todo, embora sem o saber, sob as nossas vistas.

Mais uma semana, e retornou o mago. Fazia-se passar desta vez por um dos mentores da casa, metamorfoseando o seu perispírito dando-lhe outra aparência. Cumprimentou-nos e dizendo-se saudosos da nossa companhia entrou em conversação elogiosa. Não gosto de elogios, rebati. Aqui o elogio é arma de inimigos e a crítica sincera, apoio dos amigos. Mas não estou lhe elogiando, desculpou-se. Digo a verdade. Ora meu irmão! A impostura tem um cheiro muito forte. A hipocrisia não resiste ao toque suave da oração. Façamo-la juntos, foi o meu convite. Ele foi desviando a mão devagarinho para a cintura, como a apanhar uma arma, erguendo o braço, logo contido pelo passista já de sobreaviso. Entrou em fúria. Ameaçou-me o quanto pode, dizendo que ia seguir-me as vinte e quatro horas do dia, que a minha morte estava próxima. Em dado momento, acalmou-se e sorriu. Estou calmo, disse-me. Você já pode mandar soltar-me. O passista então o liberou. Novamente ele, em movimentos bruscos, levou uma das mãos à cintura, e novamente tentou atingir-me, no que foi contido. Maldito seja! Vociferou. Estes punhais estão enfeitiçados. Não é necessário que eu os toque. Basta que eu pense e eles se projetarão contra você. Foi mais uma das suas ameaças. Concentrou-se sobre os punhais, que segundo ele, estavam sobre a mesa. Se você tentar dirigir os punhais contra mim, eles atingirão você. Pois é da lei que aquele

que fere seja ferido, adverti. Foi então, que por processos desconhecidos para mim, um punhal projetou-se da mesa e encravou-se em suas costas, levando-o a emitir lancinante grito de dor. Passou a curvar na tentativa de arrancar o punhal, que parecia imantado a seu corpo.

Desprende-se entre improperios e lamentações. fora vencido mais uma vez. Não por nós. Mas pelo bem em si, pela luz, pela divina presença de Jesus, visto estarmos reunidos em seu nome. Confirmado estava o que confirmado já fora anteriormente. A força da mente é grande, mas a força da prece é maior, dominadora, suave, pacificante, poderosa.

Jesus disse: Quem matou pela espada perecerá pela espada. Essas palavras não são a consagração da pena de talião? A morte infligida ao homicida não é a aplicação dessa pena?

Tomai cuidado! vós vos tendes enganado sobre essa palavra como sobre muitas outras. A pena de talião é a justiça de Deus e é ele que a aplica. Todos vós suportais, a cada instante, essa pena, porque sois punidos pelo que haveis pecado, nesta vida ou em outra. Aquele que faz sofrer seus semelhantes, estará numa posição em que sofrerá, ele mesmo, o sofrimento que causou. É o sentido das palavras de Jesus; mas vos disse também: perdoai vossos inimigos e vos ensinou a pedir a Deus perdoar vossas ofensas, como vós mesmos tiverdes perdoado; quer dizer, na mesma proporção que tiveres perdoado: compreendei-o bem.

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =

( pergunta 764 )

## Vingança

Vingança é na maioria das vezes, o móvel da obsessão. Os métodos que o vingador usa, não são questionáveis para ele, que julga tudo ser válido para atingir seus objetivos. O que importa, é abater, anular o seu antagonista, para que este sofra na pele, a mesma dor, ou uma dor maior. O que ele não admite é que seja menos. Julgando-se injustiçado, e com direito a vingança, pois apenas cobra o que lhe devem, ao vingador não interessa a sua vida passada

ou futura, posto que cristalizou a idéia do revide, às vezes durante séculos, não sendo portanto, uma simples conversa de dez minutos que o torna mutável. Por vezes, acostumado com o comportamento da sua época, ou do lugar onde viveu, cuja honra, o ultraje, a agressão, a traição e demais mazelas da alma eram cobradas com sangue, ele não compartilha das idéias do doutrinador, cujos argumentos de perdoar para ter paz, ou reconciliar-se e seguir adiante, lhe parece covardia ou coisa fora de propósito, para quem tem obstinação. Nada tem contra o doutrinador, desde que este não o impeça em seus movimentos de fazer “justiça”.

A vingança, tida como um direito por séculos, é fruto da educação distorcida e da falsa interpretação das leis divinas. O Deus sanguinário, vingativo, irado, que seguia à frente de bandos violentos a degolar crianças, velhos e até animais, é criação humana para justificar sua inferioridade. É a inversão da criação, posto que Deus é que criou o homem, e no caso, o homem criou esse Deus vingativo, à sua semelhança, ou seja, com suas paixões humanas. Não encontramos toda sorte de punições, crimes, revides, vinganças, no Velho Testamento? Certo que ele conta a história de um povo, mas as paixões desse povo não devem ser transferidas para Deus. Ainda hoje, século XX, pisada a lua e vasculhado o fundo do mar, teima-se em interpretar ao pé da letra o “olho por olho e dente por dente”, transformando esta frase em bandeira ou lema para maiores atrocidades. Que mundo é este, que insiste em não deixar o pântano? Que mundo é este, cujos primeiros ensinamentos ao recém-chegado é a violência do desamparo ou do egoísmo desenfreado? Que fizeram dos ensinamentos de Jesus referentes ao bem conviver, aconselhando aos homens perdoarem setenta vezes sete vezes, reconciliarem-se com os seus inimigos, amarem ao próximo com a si próprios? A verdade, é que o débil homem tecnológico, teme esses ensinamentos, receando ser ridicularizado, ou simplesmente os ignora, em postura acomodativa nos fugazes momentos de conforto material terreno. Tais preceitos se firmam melhor, e são cultivados, nos corações simples e humildes, que revelam a sabedoria da prudência, na sua aplicação prática. No mundo, pródigo em inversão de valores, ainda é considerado sábio, o que descobre fórmulas mortíferas para as guerras químicas, venenos letais para os inimigos, iniciando novos conflitos e vinganças duradouras. Todavia, a bomba que deverá explodir e matar todo o egoísmo da terra, chama-se caridade. Só então, a vingança será explicada aos nossos netos, como métodos arcaicos e bárbaros de cobrar ofensas recebidas.

Citarei nesse estudo, três instantes de cobrança, em diferentes estilos e reuniões, registrados em minha memória, pela singularidade com que se revestiram.

1. Recolhemos durante o sono, e os amigos espirituais levaram a reunião, uma criança de aproximadamente dez anos de idade. Apresentava-se totalmente alienada, pois fora presa há muito tempo por cruéis obsessores, que não podendo atingir ao seu pai, vingaram-se nela, submetendo-a a vigoroso regime de alienação, com total inversão interpretativa, de tudo que a cercava. Ao comunicar-se através da psicofonia, apresentou-se totalmente confusa com relação ao que via e ao que assistia. Repetia constantemente: o peixe vive na árvore. O pássaro vive na água. Gente come areia. Bicho come comida. Pessoa anda sem roupa. Bicho anda vestido. Confundia-nos com animais, pois aprendera que pessoas eram os quadrúpedes. Os amigos espirituais a levaram, para que fosse reeducada em bases corretas.

2. Comparecia algumas vezes a nossa reunião, um homem degolado na revolução francesa, pertencente aos casacas vermelhas, pois assim se vestia, comandando alguns companheiros que tiveram a mesma sorte que a sua. Foram traídos por aquele que os chefiava, ocasião em que foram entregues ao inimigo, e mortos sem piedade. Esse companheiro, Maurice Monreint, apresentava-se aos videntes com a cabeça decepada, pois esta era a sua maneira de fazer-se observar pelo inimigo, aflorando-lhe as lembranças da sua traição. Iguais trajes traziam os seus companheiros, sendo que alguns, mostravam as cabeças nas mãos, apresentando-se degolados, e outros com profundos golpes no pescoço, sendo que todos estavam muito revoltados e bastante ensangüentados. Todos eles, denunciados por suas idéias, haviam colocados seus pescoços na guilhotina, cristalizando aquele instante trágico, juntamente com a figura daquele que foi o causador, cujo estigma da traição, lhe acompanharia a exigir reparações. Vingança, era a palavra chave para Maurice, que agora debate-se na dúvida do caminho a seguir. Encontra-se em avaliação da própria vida. Que fazer? Seguir o amor, tão forte, por um filho chamado Frederic, menino cego que era a razão de sua vida na época do evento, ou continuar a perseguição? Creio que o amor como sempre vencerá

3. certa feita fomos surpreendidos com uma saudação a Hitler, quebrando o silêncio da reunião de desobsessão. Fomos conversar com o irmão nazista, que não escondeu os seus objetivos. Perseguia, juntamente com os seus companheiros, a um judeu, hoje encarnado no Brasil, para vingar a morte de alguns valorosos soldados alemães. Esse militar, capitão Freddie Müller,

comandava uma organização nazista voltada para o extermínio dos judeus, encarnados e desencarnados, como nos confessou. Voltam-se contra aqueles que se opuseram a Alemanha, como verdadeiras companhias militares, portando material bélico pesado. Para sua comunicação, ele montou instalações, espécie de vídeo cassete, para que a mesma fosse transmitida a seus seguidores. Como capitão e chefe da companhia, ele dizia ser a ordem do dia e de sempre, morte aos judeus.

Assim é a vingança. Escada interminável, poço sem fundo, cuja altura e queda, possuem a duração determinada pelo próprio Espírito que a cultiva.

Podemos ter vários Espíritos protetores?

Cada homem tem sempre Espíritos simpáticos, mais ou menos elevados, que se afeiçoam e se interessam por ele, como tem os que o assistem no mal.

= O Livro dos Espíritos - Allan kardec =

( pergunta 512 )

Assistência espiritual

Por muitas vezes, chegamos a saber, para auxiliar é claro, de problemas angustiantes enfrentados por companheiros da casa, através dos próprios desencarnados. A regra é sempre a mesma. O receber está ligado intimamente a doação. Assistem os médiuns aos enfermos, credenciando-se a receberem assistência dos amigos invisíveis. Como em um grupo de desobsessão, a harmonia mental dos componentes é prioridade, primam por este fator, os dirigentes e mentores do grupo, destacando companheiros em missões especiais, para que os trabalhadores da desobsessão, sentem à mesa mediúnica, em condições de auxiliar, e não carentes de auxílio. Assim é que, no dia da reunião, nossas casas podem ser visitadas por esses amigos, que procuram harmonizar as vibrações, pacificar os ânimos, regular a saúde, manter o otimismo. Para isso, utilizam os recursos da prece, do passe, das intuições e do manuseio fluídico, higienizando o ambiente e revigorando seus habitantes. Às vezes, por invigilância de algum habitante daquele lar, o acesso é facultado a perturbadores interessados no desequilíbrio do médium, sendo retirados por milicianos, e trazidos à reunião. Quando o cerco aperta, tentando ilhar a casa espírita, posto que esta constantemente é alvo de Espíritos ignorantes, essa vigilância protetora sobre os médiuns torna-se ostensiva, a tal ponto de postar-se uma espécie de guarda-costas em ronda nas residências daqueles cujo assédio é maior. Por muitas vezes, obsessores renitentes, se dizem frustrados em seus planos de ataque aos médiuns ou a seus familiares, pela ação desses vigilantes, sejam eles índios ou guardas armados. Temos um amigo índio, valoroso guerreiro, que foi atendido há tempos por trabalhadores da nossa casa, tornando-se nosso amigo e defensor, no que presta valoroso trabalho na caça e retenção de irmãos rebeldes que precisam comparecer as nossas reuniões. A assistência espiritual a cada trabalhador da casa, não se circunscreve a seu anjo guardião, que por sinal, é uma figura esquecida por muitos de nós espíritas, que deveríamos ser-lhes agradecidos pelo relevante trabalho e proteção a nosso favor. Como doutrinador, tenho recebido inúmeras manifestações psicofônicas e psicográficas, de ex-suicidas, ex-escravos, ex-obsessores, ex-viciados, que após superarem seus angustiantes dramas, voltam-se em gratidão por quem não lhes fez nenhum favor, visto ser a prestação de socorro e solidariedade na dor, uma obrigação daquele que se diz cristão e em especial espírita. Igualmente, sou freqüentado constantemente, por dedicados amigos de outras encarnações, nas quais convivemos em outros países, que nos buscam, para continuarmos durante o sono físico, estudos que não podem ser interrompidos. A assistência não fica somente nisso. Existem companheiros desencarnados, que tomam a cargo auxiliar a educação mediúnica de cada trabalhador individualmente, e nas

dificuldades, conjuntamente. Daí concluirmos, que aquele que diz vir a casa espírita fazer caridade, no mínimo é incoerente, pois é ele o maior beneficiado na saúde, harmonia individual e doméstica, proteção, e pagamento em dia de seus, não raro, volumosos débitos. Ademais, no trabalho de Jesus, ele é ainda mais facilmente encontrado pelos bons Espíritos, que lhe tomam como amigo, aprendiz, companheiro, e conhece ainda, a alegria imaculada de servir, única com o antídoto especial para a pacificação da consciência. A oportunidade de serviço bem aproveitada a favor dos necessitados, constitui-se assim, em ocasião ímpar de burilamento. Serve-se a Deus servindo aos homens, condição precípua de sermos servidos a posteriori. Não podemos dizer que Deus está mais próximo de quem trabalha. Mas podemos afirmar que o trabalhador, pela sua condição e vibração harmônica, situa-se e sente-se, mais próximo dos objetivos divinos, traçados para a glória espiritual, qual seja, a liberdade e o conhecimento supremo de entende-LO.

Há alguns anos, quando entrei na sala de aula do colégio em que leciono, passado algum tempo, notei a ausência de um aluno que costumeiramente era inquieto e não interessado na matéria. Recebi então a notícia, que ele fora acidentado e morto em acidente de trânsito. Era um jovem de 16 anos de idade. Coloquei seu nome em nosso cadernos de preces e vibrações, solicitando aos amigos espirituais que o amparassem naquele difícil momento. Passados três meses, ele veio a comunicar-se na reunião, mas ainda em perturbação, sentindo muitas dores. Todavia me reconheceu, e na conversa, procurei situa-lo em sua nova condição. Um ano depois, ele estava curado. Mostrava-se arrependido pelo tempo desperdiçado, mas que já se dispusera a recuperá-lo. E disse-me: professor, aqui no colégio onde eu estudo, quando alguém lembra a necessidade de uma palestra, eu digo: chamem o meu professor. Quando é para exemplificar um bom amigo, eu digo: É o meu professor. Um dos meus colegas já me criticou por isso. Você pensa que o seu professor é um santo? Disse-me ele. Mas eu não fiquei calado! Respondi que estava ciente que não era, mas que o senhor era o meu melhor amigo. Por isso hoje eu venho lhe dizer professor: Em qualquer lugar, qualquer hora, qualquer situação, onde o senhor estiver precisando de ajuda, eu quero saber, e quero ser o primeiro a chegar junto ao senhor.

Foi umas das maiores demonstrações de amizade e carinho que eu já recebi. Uma das gratas emoções a recordar, entre tantas outras, escritas no diário íntimo do meu coração.

Atualmente, no nosso grupo de estudos mediúnicos, ele é visto constantemente com prancheta na mão. Disse-me que perdeu o ar inquieto e descuidado, e que nunca pensou ser feliz disciplinando-se. E hoje, apesar de pouco ter a lhe ensinar, ele continua a me chamar de professor, quando dele tenho aprendido tantas e tão sugestivas lições.

Visto que o Espiritismo deve marcar um progresso na Humanidade, por que os Espíritos não aceleram esse progresso com manifestações tão gerais e tão patentes que a convicção será levada aos mais incrédulos/

Quereríeis milagres; mas Deus os espalha a mãos cheia sob vossos passos, e tendes ainda homens que o renegam. O próprio Cristo convenceu seus contemporâneos pelos prodígios que realizou? Não vedes hoje homens negarem os fatos mais patentes que se passam sob seus olhos? Não tendes os que dizem que não acreditariam mesmo que visse? Não, não é por prodígios que Deus quer reconduzir os homens; em sua bondade, ele quer deixar-lhes o mérito de se convencerem pela razão.

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =

( pergunta 802 )

## Interminavelmente a vida

Muitas pessoas não acreditam na vida após a morte. Não acreditando na sobrevivência do Espírito, logicamente negam, por lhes faltar confirmações materiais que lhes impressionem os sentidos, as demais realizações do Espírito no seu habitat natural. Mas, analisemos os cépticos, em sua lógica de ver para crer, buscando a sua racionalidade ou a sua insensatez. Antes da invenção do microscópio, não conhecíamos o micro universo. O mundo das bactérias, protozoários, vírus e algas unicelulares. A descoberta desses seres vivos foi um duro golpe naqueles que, com suas idéias limitativas, restringiam a vida ao alcance dos seus olhos desnudos. Se apenas acreditam no que vêem e tocam, acreditariam menos no ar? Na energia? Ora, dessas coisas, apenas sentimos os seus efeitos, sem contudo divisar-lhes as causas. Para esse tipo de pessoa, modernos Tomés, inútil se faz tentar explicar a vibração e o dinamismo do mundo espiritual, visto nem ao menos neste, acreditam. Necessitam do tratamento de choque, que somente o desencarne, que os coloca frente ao que negam, pode convence-los. Quando Galileu apontou para o céu a sua luneta, descobriu os anéis de Saturno. Eles sempre estiveram lá. Foi a ousadia científica, a certeza de que a vida e o movimento, caracterizam o universo, que o fez tentar ver além dos limites estreitos da sua visão. É preciso ousar, pois o pensamento, a filosofia e a ciência, não possuem limites. Lógico que a ousadia e a coragem devem estar respaldadas pelo bom senso e a racionalidade, na atuação e na intuição de cada um. O homem acomoda-se também e sobretudo em seu pensar, limitando-se as idéias horizontais do seu cotidiano particular, quando a antiga lei evolutiva, prescreve que o comportamento deve ser dinâmico. Para frente e sempre olhando para as estrelas. Negar o mundo espiritual é negar o Espírito e conseqüentemente a si próprio. É limitar o ilimitável que é Deus. É quebrar a seqüência de aprendizagem empreendida na terra, imputando a Deus, a anti-didática própria de alguns humanos. É esquecer a ética, menosprezar o esforço, diminuir a criação. Aquele que não acredita em um mundo espiritual pleno de vida e pródigo em comunicação conosco, é portador de fobia a lógica, desde que admite o nada como destinação humana. Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, ( cap. XVI: Lucas: 19-13) observamos a figura do mau rico, em região de sofrimento no plano espiritual, solicitando a Abraão mandar Lázaro

ou algum dos mortos, a casa do seu pai, avisar sobre o seu padecer, para que seus parentes pudessem empreender reformas íntimas. Se for a eles algum dos mortos, hão de fazer penitência, enfatiza o rico. Nessa singela passagem de Lucas, quantos ensinamentos podemos extrair. A sobrevivência do Espírito, as penas e recompensas futuras, a comunicação entre vivos e mortos, a existência e a diversificação de paisagens no mundo espiritual, dentre outras. Mas, diz Abraão: se eles não dão ouvidos a Moisés e aos profetas, tão pouco se deixarão persuadir, ainda que lhe ressuscite algum dos mortos. O mesmo raciocínio vale para o céptico. Se ele não acredita em sua consciência, cuja essência lhe confirma a idéia continuista da vida, se nem mesmo as excursões noturnas que lhe faculta investigar e privar da companhia dos seus afins desencarnados não lhe sensibiliza, se enfim, mesmo viajando na contramão da vida, recebendo a cada instante provas irrefutáveis da sua origem e continuidade, não se satisfaz, tão pouco se deixará persuadir por argumentos doutrinários. Dizer a tais irmãos que o mundo espiritual é repleto de cidades, universidades, escolas, laboratórios, fontes, cachoeiras ... é provocar-lhes o riso. Explicar que os Espíritos vão a colônias mais evoluídas fazer cursos de aperfeiçoamento, e que a doença e a miséria também podem trespassar o túmulo, é fornecer-lhes assunto para piadas jocosas. A propagação doutrinária tem seus limites, que não devem nunca ultrapassar o terreno da fertilidade. Demorar-se em argumentação, que embora sincera, resulte em esterilidade, é atirar pérolas aos porcos.

Há vários anos, não sabia notícias de uma irmã que desencarnara vítima de um atropelamento. Era criança quando o acidente ocorreu, e não mais ouvira falar dela. Mas, certa feita, minha mãe, também já desencarnada, a trouxe para uma conversa comigo, onde ela muito me explicou sobre nossos trabalhos durante o sono físico. Disse-me ela: Você Luiz, é professor em uma escola aqui no plano espiritual. Na escola onde você leciona, a qual eu já visitei, existe uma sala com uma placa na porta, onde está escrito: professor Luiz Gonzaga. É uma escola para jovens. Também já lhe acompanhei com a nossa mãe, até uma universidade onde você é aluno. Essa universidade chama-se: Universidade Espiritual de Físico-Química. Dentro dessa Universidade, existe uma grande biblioteca, onde igualmente vi uma cadeira com uma placa no espaldar com o seu nome gravado: estudante Luiz Gonzaga. Você passa longas horas sentado nela, em estudos e discussões com os seus amigos. Apesar de parecer distante, eu o acompanho em vários trabalhos, pois que fiz curso de enfermagem e auxílio aos enfermos que vocês recolhem e atendem.

Não se preocupe com a minha ausência mano. Ela é só aparente. Na verdade estamos sempre juntos, pois mesmo sendo o universo infinito é ininterrupta a vida, e como seguimos o mesmo caminho, invariavelmente estaremos juntos.

Há culpa em estudar os defeitos dos outros

Se é para criticar e divulgar, há muita culpa, porque é faltar com a caridade. Se é para fazê-lo em seu proveito pessoal e os evitar em si mesmo, isso pode em algumas vezes ser útil. Mas é preciso não esquecer que a indulgência pelos defeitos alheios é uma das virtudes contidas na caridade. Antes de fazer aos outros uma censura de suas imperfeições, vede se não se pode dizer a mesma coisa de vós. Esforçai-vos portanto, em terdes as qualidades opostas aos defeitos que criticais nos outros, esse é o meio de vos tornardes superiores. Se os censurais por serem avarentos, sede generosos; por serem orgulhosos, sede humildes e modestos; por serem duros, sede dóceis; por agirem com baixeza, sede grande em todas as vossas ações; em uma palavra, fazei de tal maneira que não vos possam aplicar estas palavras de Jesus: ele vê um argueiro no olho do seu vizinho e não vê uma trave no seu .

= O Livro dos Espíritos - Allan Kardec =

( pergunta 903 )

## Balancete

Uma parada no percurso, visando avaliações de desempenho no grupo espírita é sempre necessária. Há sempre algo a corrigir, a aperfeiçoar, a solicitar arranjos e complementações. Criaturas em aperfeiçoamento que somos, distanciados ainda da iluminação plena, estamos constantemente a introduzir no trabalho a que nos vinculamos, parcelas de nossas imperfeições, o que não quer dizer, que dele nos afastemos, para retoma-lo por ocasião da santificação que, bem o sabemos, virá, mas antes, algumas rochas haverão se desintegrado pelo atritar dos fenômenos meteorológicos. Enquanto essa santificação, que imporá uma normalidade, coerência e harmonia nos trabalhos a que nos empenhamos vai sendo trabalhada pela regência do tempo e da dor, urge que nós, os imperfeitos, conscientes de nossas imperfeições e da necessidade de desgasta-las através das oportunidades de serviço, firmemos as mãos caliginosas na base fortalecida do arado, sulcando a terra árida da incompreensão humana, na tentativa sempre digna de servir a Deus. Esse é o panorama dos centros espíritas. Pessoas simples, cidadãos comuns, enfermos do corpo e da alma. Inútil será toma-los como grandes conquistadores, virtuosos, discípulos fiéis, os maiores, porque assumiram a vivência dos menores. Proceder assim, é carregar para si rosários de decepções e frustrações. Ninguém se santifica por ingressar no Espiritismo. Ninguém vivência o Evangelho simplesmente porque o explica. Ninguém conquista as dulcificantes virtudes do amor ao próximo, por aponta-lo como salutar medicamento para a obtenção da paz. Espíritos bondosos, sempre os encontraremos batalhando nas hostes espíritas. Mas, não nos iludamos. Se não portasse deficiências, vícios e mazelas outras, não haveria a necessidade de habitarem as oficinas humildes desse humilde mundículo. Constitui-se assim o centro espírita, em aglomerado de irmãos sofredores, que procuram auxiliar outros ainda mais sofredores. Justamente através da luta incansável contra suas fragilidades é que entendem e sintonizam com outros mais frágeis. Auxiliando, são auxiliados. Doutrinando, acabam sendo doutrinados. Amando, constróem amizades sólidas que os tornam amados. O templo

espírita é uma abençoada oportunidade de serviço e de renovação, materializando o chamamento de Jesus, quando enfatizou, toma a tua cruz e segue-me. É o convite ao trabalho voluntário, que em nada se diferencia do convite a nossa redenção espiritual. Adentremo-nos nessa oficina portanto, conscientes de tais perspectivas, firmes no desejo de servir, e certos que, ali somos igualados pela dor e pela e pela bravura diante do sofrimento, visto caracterizarmo-nos mais pela enfermidade que pela santidade. Nela não há, ou pelo menos não deveria haver, maior ou menor, melhor ou pior, posto que, aquele que se julga o maior, atesta sua inferioridade por dizer o que não é, e aquele que se julga o pior, espelha-se, muitas vezes, pelo referencial tomado daquele que se disse o maior inveridicamente. Se deve existir o maior, este não o sabe e não o diz, pois está convicto que é o menor. E aquele que é o menor é o que mais serve, o mais humilde, aquele que usa a caridade como norma de conduta, sendo portanto, o que menos fere. Modelo, guia, inquestionavelmente só um, Jesus de Nazaré. No centro espírita, teatro de tantos heroísmos e de tantas agressões, estejamos certos que conta o esforço de reforma de cada aprendiz, a boa vontade de crescer para Deus, o estudo, a disciplina, a caridade. Esperar, desesperar, estacionar, jamais. Burros de carga que ainda somos, um coice aqui, outro lá, mas sempre trabalhando, levando o fardo que é nosso, e de outros, cujos ferimentos não lhes permitem carregá-los. Mesmo que a espora da dor, o cabresto da ingratidão, a cangalha da maledicência e o chicote das agressões venham a nos atingir quando em vez, isso será ainda o que necessitamos na condição de burros de carga, por ainda não termos condições de uma promoção a burros de cela. A força, o ânimo e a coragem são as armas dessa batalha.

Como balanço de final de ano em nossa casa de trabalho, elaboramos a seguinte nota de agradecimento, que constava verdadeiramente de um questionamento, o qual cada trabalhador deveria fazer sobre a sua atuação, reservando a si mesmo as conclusões obtidas. Eis portanto, a nota que deveria extrair da consciência de cada um, a aprovação ou a censura, conforme a severidade do compromisso assumido.

Nota de agradecimento aos trabalhadores do centro espírita Grão de Mostarda

O Departamento mediúnico agradece com sinceridade a tantos quantos lhes prestaram serviços, notadamente aqueles que:

1. Usaram a disciplina e a assiduidade no trato com as funções realizadas

2. Estudaram as lições exigidas pelo seu labor mediúnico, não perdendo as oportunidades de enriquecimento interior
3. Participaram de outras atividades do centro, alargando o seu campo de ação, sabedor de que a oportunidade de serviço é um dos maiores bens da vida
4. Foram instrumentos dóceis aos bons Espíritos, tanto nas mentalizações, quanto na mediunidade ostensiva ou não, bem como nas doutrinações, participando ativamente da ajuda prestada aos irmãos desencarnados
5. Comprometidos com as complementações das tarefas mediúnicas, atuaram também durante o sono físico, como servo útil a causa do bem
6. Conseguiram ser espíritas fora do centro espírita, guardando-se as proporções, mas estimulando-se uma relatividade com o esforço empreendido
7. Atuaram como fator de harmonização, evitando as fofocas, críticas infundadas, melindres, a exteriorização do orgulho, agressões verbais e outras atitudes correlatas.
8. Souberam empunhar com a mesma dignidade e humildade, o livro e a vassoura, a caneta e a pá, a palavra colorida aliada a prática, o pedir e o obedecer
9. Renunciaram ao repouso domiciliar em muitas ocasiões, ao convívio com os filhos, ao programa de televisão, a conversa animada com a visita, o aniversário ... colocando como prioridade o compromisso assumido consigo mesmo e com a doutrina, naquilo em que se envolveram
10. Oraram por seus irmãos, souberam perdoar, espalharam a solidariedade, e, sobretudo, colocaram a mão no arado e não olharam mais para trás.

Admitindo que cada ítem tenha o valor 1,0 (um) qual a nota que você daria a você mesmo, para o ano que ora finda?